

*Manuel's Ortyx*

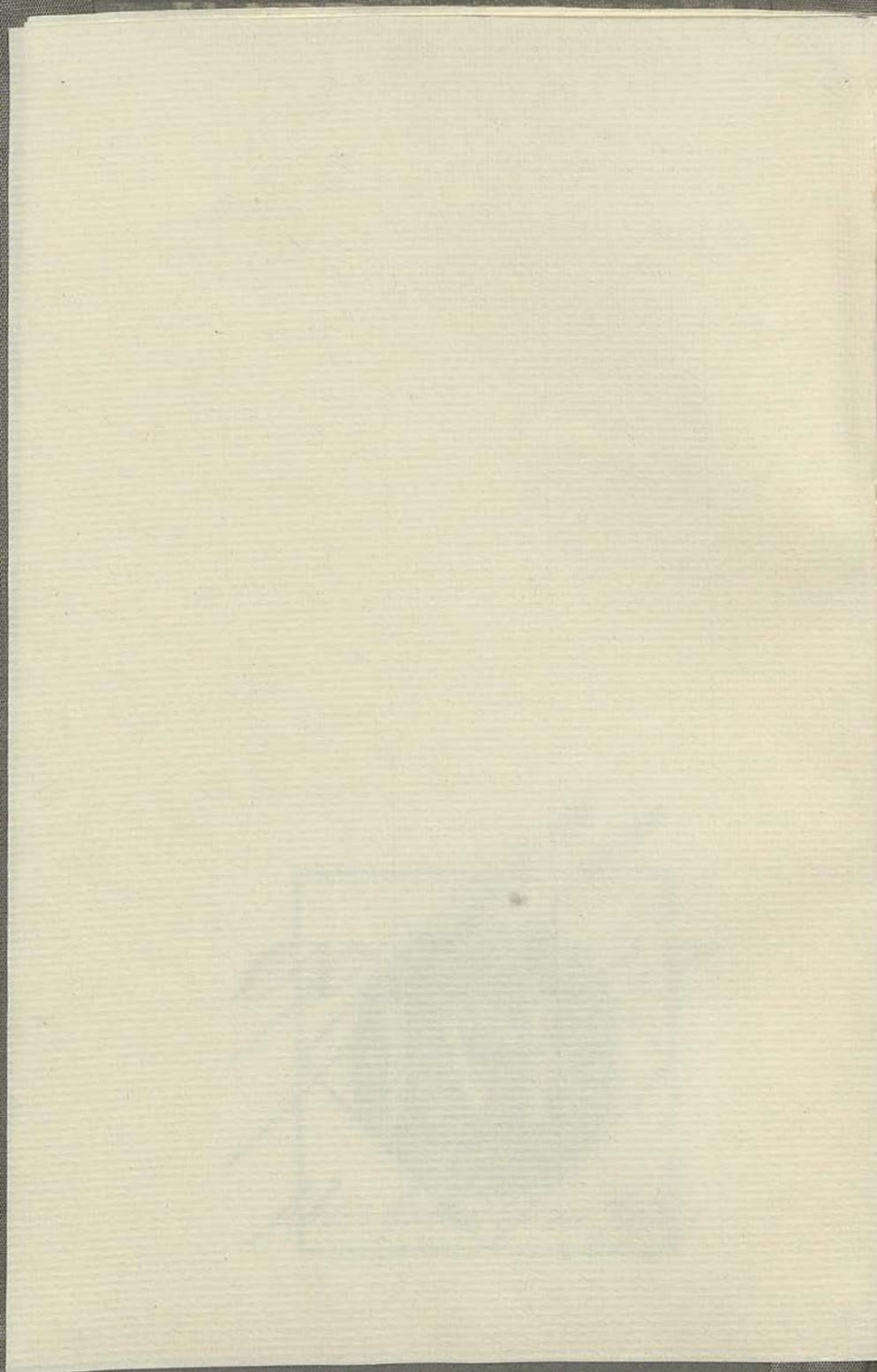


AS

FARPAS

VOLUME 7

EDITORIA  
LIBROR



AS FARPAS



RAMALHO ORTIGÃO

---

---

# AS FARPAS

TOMO VII

A CAPITAL



LISBOA

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa





*Tidal da Cancha.*

1

Por occasião dos cumprimentos officiaes do 1.º do anno, o chefe do Estado, respondendo ás felicitações da camara municipal de Lisboa, disse que: *só por um milagre da divina Providencia* podia explicar a profunda paz do paiz no meio das perturbações da sociedade européa.

Ora sendo a origem das guerras que ultimamente têm perturbado a Europa a alteração nas formas do governo em França e em Hispanha e a substituição da monarchia pela republica n'aquelles paizes, veiu sua majestade a deixar entender implicitamente aos representantes do municipio Lisbonense, que sua majestade considera como um providencial milagre a existencia das formas de governo vigentes em Portugal.

Comquanto haja muitas maneiras de encarar uma questão e nos não seja licito, principalmente quando se trata de um poder supremo e irresponsavel, extranhar a escolha da face por que elle resolveu considerar um assumpto, — parece-nos que a theoria da intervenção do milagre na marcha dos negocios publicos podê ser de um exemplo funesto, lançada assim pelo soberano ao espirito da vereação lisbonense.

Ai! a camara municipal de Lisboa tinha-nos capacitado já com a hermeneutica dos seus actos, por um modo bastante positivo e terminante, que não é senão profundamente de mais que ella vive mergulhada pelas suas idéas, pelas suas convicções e pelos seus principios, no mysticismo theologico!

A quem sua majestade foi falar no milagre como instrumento da politica! Mas ha muito tempo que a camara municipal é só exactamente o milagre que cultiva como utensilio de administração!! É do milagre, é d'esse esforço sobrenatural da intervenção da Providencia nas questões humanas, que ella confia o seu destino glorioso n'este mundo e a ambigua sorte dos seus municipes n'esta cidade! É ao milagre que ella entrega a inspecção da limpesa, o saneamento da capital, a grande questão da hygiene e da salubridade n'esta região, em que se está vivendo menos e com mais achaques do que no in-

terior dos sertões barbaros, entre botucudos hydropicos, em cabanas de lama, á beira dos rios putridos! Achando-se o habitante de Lisboa na posse effectiva das seguintes enfermidades—especies da órbita municipal da côrte—as laryngites, as ophtalmias, as febres intermitentes, as escrofulas, o uza-gre e a papeira, é ainda do milagre que a camara confia o plano geral de um systema methodico de construcção de casas, e de canalisação e exgôtto dos despejos, mais o orçamento d'esse plano, o seu estudo technico e a successiva e immediata realisação d'elle por meio de um emprestimo municipal! A camara, finalmente, como corpo pensante, deliberativo e responsavel, vive no milagre, e pelo milagre. Exactamente como o que a corôa diz, com exaggerada modestia, que lhe está succedendo a ella!

Mas, meus senhores, reflectam n'isto: se como administradores da nossa fazenda, como depositarios dos nossos interesses mais vitaes, os senhores não podem considerar-se mais que os instrumentos passivos de um milagre providencial, então—permittam-nos dizer-lh'o—por maiores e mais fundas que sejam as suas crenças mysticas, por mais acrysolado que seja o fervor da sua fé—como interprete e intercessor das nossas necessidades para com os remedios da Providencia Divina—o Senhor dos Passos da Graça offerece-nos mais garantias.

Curiosa coincidência. Nos jornaes de hoje vem publicada a sessão da camara electiva e bem assim a da Sociedade das sciencias medicas: no parlamento apresenta o governo uma proposta de lei na qual se defere uma representação da camara municipal de Lisboa para que o governo revogue a lei de abril do anno passado, que restringe a exclusiva applicação do emprestimo municipal de 160 contos a melhoramentos de hygiene e saude publica; na Sociedade das sciencias medicas, em sessão celebrada no mesmo dia ou no dia anterior, attestam os primeiros medicos de Lisboa que a canalisação da cidade é péssima, e que são deploraveis as condições elementares da hygiene e da saude publica!

Por um lado a camara municipal declara que não sabe o que ha de fazer da verba de 160 contos, se lhe restringirem a applicação d'ella aos melhoramentos da hygiene, e pede ao governo, afim de que a camara não fique com este dinheiro no seu bolso, que se lhe permitta dispender essa quantia como ella muito bem entenda, revogando assim a legislação anterior, e considerando a alludida quantia como um supprimento da receita geral no orçamento ordinario do municipio.

Por outro lado a Sociedade das sciencias medicas, a corporação technica mais habilitada para jul-

gar das necessidades da saude publica e do estado da hygiene, approva um vasto e meditado relatorio considerando urgente a reforma immediata do saneamento da capital.

Concorrem exactamente na mesma occasião o pedido da camara municipal para que a isentem de reformar e a instancia da sciencia para que se tenha por indispensavel e urgentissima a reforma.

Entre a opinião da sciencia, que impõe á camara a questão da hygiene como o primeiro dos deveres que pesam sobre a sua responsabilidade, e a opinião da camara, que considera a hygiene absolutamente como uma simples palavra embaraçosa e inutil, que faz o governo? O governo é da opinião da camara! O governo, de accôrdo com a camara municipal, apresenta ás côrtes uma proposta de lei em que revoga a legislação pela qual a hygiene figurava no orçamento do municipio como objecto de uma despesa de 160 contos!

As côrtes approvarão indubitavelmente a proposta do governo, e ahí ámanhã ou depois um traço de penna dos senhores tachygraphos eliminará n'um ai da lista inquietadora das preocupações humanas a ingerencia municipal na questão hygienica.

Entretanto na acta da sessão da sociedade das

sciencias medicas em que foi lido o relatorio a que acima nos referimos, lêmos estas palavras :

«O sr. dr. Bernardino Antonio Gomes (é auctor de um importante livro intitulado *O solo e o ar em Lisboa*, e o mais abalisado especialista na materia sujeita) pediu a palavra para esclarecer alguns pontos do novo relatorio. O primeiro era aquelle que dizia respeito ás valvulas hydraulicas das sargetas. Na opinião de s. ex.<sup>a</sup> estas valvulas são más. É verdade que os gazes accumulados nos canos não saem pelas sargetas incommodando os transeuntes, mas em compensação, não tendo sahida para o exterior filtram-se atravez das paredes, invadindo as habitações, o que as torna muito mais prejudiciaes. Além d'isto, as valvulas hydraulicas são o laboratorio onde fermentam as substancias organicas das ruas que para ellas são levadas, dando origem a gazes deletérios, o que se pode observar quando a agua é renovada. O outro ponto era o que dizia respeito ás chaminés de ventilação. Estas são hoje prohibidas pelas posturas municipaes. Mal prohibidas, segundo o orador; porque ainda que n'uma cidade, como a nossa, bastante accidentada, deviam algumas vezes essas chaminés abrirem-se ao nivel de muitas habitações, em todo o caso os gazes rarefar-se-hiam na atmosphaera e seriam por isso menos prejudiciaes do que infiltrando-se pelas paredes e espalhando-se pe-

las casas, como necessariamente deve acontecer em vista da falta de respiração dos canos.»

De modo que, sem nos referirmos senão a dois pontos do relatório, esclarecidos pela palavra tão auctorisada do sr. dr. Bernardino Antonio Gomes, temos que :

As sargetas das ruas, em virtude do systema das valvulas hydraulicas adoptado pelo municipio de Lisboa, são focos de miasmas lethaes.

As paredes das casas em que habita a população de Lisboa são os filtros das exhalações dos canos, por onde se coam e se imbebem no ar que respiramos os gazes deleterios resultantes da fermentação das materias organicas.

Quer isto apenas dizer que nós, a população de Lisboa, vivemos fatalmente, desde cada manhã até a manhã seguinte, comendo, trabalhando, dormindo, encarcerados na podridão, na enfermidade e na morte.

Como é risonha, fresca e perfumada esta graciosa perspectiva! E como é bom da parte da camara e do governo o garantir-nos por meio da mais sábia legislação o character permanente e immutavel d'estas inapreciaveis condições da existencia!

O que receamos unicamente é que, espalhando-se no mundo a noticia d'este profundo symptoma

da nossa civilisação, os cafres adoptem definitivamente Lisboa para exilio dos seus condemnados á morte, e que de um dia para o outro vejamos aposar-se d'esta cousa uma leva de facinoras selvagens, nús, dando guinchos de alegria e de fome, os quaes comam vivos os indigenas.... que não estiverem demasiadamente *faisandés*.

Fevereiro 1874.

## II

A camara municipal da cidade de Lisboa parece estar finalmente instruida ácerca da necessidade urgentissima de proceder a reformas immediatas em todos os ramos de serviço publico, dependentes da responsabilidade d'aquella corporação illustre.

Está provado que Lisboa, não obstante as benéficas condições geographicas que n'ella concorrem e que a deviam tornar uma das mais saudaveis povoações do Sul da Europa, apresenta uma mortalidade superior á de algumas regiões da Africa.

Segundo as estatisticas officiaes, na maior parte das freguezias o numero dos obitos excede o dos

nascimentos, sendo facil predizer arithmeticamente qual o dia preciso, infallivel, fatal, em que terão desaparecido do mundo todos os individuos naturaes de Lisboa.

Comquanto uma parte d'este mal se deva attribuir á dissolução dos costumes, ao celibato, á corrupção dos sentimentos e á decadencia da familia, as causas principaes estão na doença, na progressiva debilitação dos organismos, na degeneração da raça.

Entre seis mil pessoas fallecidas em um anno, vemos que mais da quarta parte d'este numero, segundo as averiguações feitas pela Sociedade das sciencias medicas, foram victimas de todo o genero de dyscrasias: a escrofula, o tuberculo, o corcino-ma, resultantes da accumulção dos habitantes, do ar viciado, da insufficiencia da alimentação.

Lisboa não tem que comer. O maior dos seus males secretos, constantes, permanentes, é a fome chronica.

Não ha carne de boi nem substancias sufficientemente azotadas que a substituam na alimentação. A carestia equivale á insufficiencia.

Tambem não ha agua. A companhia vende-nos a sua agua infinitamente mais cara do que os marchantes nos vendem o seu boi. A agua não nos custa nem o dobro, nem o triplo, nem o quadruplo



do que ella vale na maior parte das cidades da Europa. A proporção dos preços é muito mais extraordinaria. A agua paga-se em Lisboa por *vinte vezes* o seu preço em Londres, por *quarenta vezes* o seu preço em Paris! Na Inglaterra e na Belgica o consumo da agua é obrigatorio. O habitante paga por uma bagatella o minimo de agua que se lhe vende e que é mais que o sufficiente para a sua alimentação e para o seu banho. A agua que sobra tem o comprador obrigação de a consumir, contribuindo assim para a limpeza dos exgôttos. Em Lisboa a agua tem um preço que para uns restringe extremamente o seu uso e para outros o prohi- be.

Tambem não ha luz nem ar. É pessimo o systema de edificações. A maior parte das casas no bairro operario de Alfama e nos arruamentos da Baixa são sombrias e fetidas.

Já explicamos como os gazes mephiticos e deletorios se infiltram pelos alicerces nos muros dos predios e se espalham como o bafo da morte nos aposentos que habitamos.

D'ahi a deterioração successiva e cada vez mais profunda das gerações lisbonenses: a pobreza e a corrupção do sangue, as anemias, as nevroses, as atonias, as prostrações cerebraes, todos os males do corpo, da intelligencia, do sentimento e do character.

Para reconhecer palpavelmente esta verdade bas-

ta attentar por um momento no aspecto physico dos habitantes de Lisboa. Nas ruas, nos passeios, nos theatros, nos bailes, os marujos e os officiaes das esquadras estrangeiras, não importa de que procedencia, inglezes, francezes, suecos, allemães, os *commis-voyageurs*, os diplomatas, os *touristes*, os viajantes de todas as nacionalidades, homens e mulheres, sobresaem d'entre a multidão pallida, mesquinha, debil e triste, como violentas manchas postas na massa triste e geral pela força, pela saude, pela actividade e pela alegria.

Veja-se a vigorosa carnação firme e transparente de um marujo saxonio. Parece que um fio de sol luminoso e quente lhe corre com o sangue nas veias. Os fortes pescoços solidamente desenvolvidos precisariam para se guarnecerem de tres dos collarinhos dos nossos *sportmen*. A correcta linha dorsal e o perfeito desenvolvimento dos quadris denotam a grande força dos rins. No peito amplo, saliente e largo, vê-se que se desenvolveram na sua perfeita plenitude os apparatus respiratorios, o coração e os pulmões. Têm os musculos elasticos, a carne rijá, os dentes brancos e solidamente engastados, os olhos claros e o passo firme. São apenas o typo normal do homem, e basta-lhes isso para que representem a antithese physiologica do lisboeta.

Vejam as mulheres. Notem nas salas a enorme differença que os simples aspectos da saude e do vigor de raça estabelecem entre as senhoras do corpo diplomatico e do corpo consular para um lado, e as senhoras portuguezas para o outro!

A santa casa da Misericordia abriu ultimamente concurso para a adjudicação de um dote a uma rapariga pobre. De dezeseis memoriaes de que tivemos conhecimento e que foram apresentados no espaço de uma hora, nem uma só mulher que pudesse ser mãe. As infelizes raparigas que se inscreviam como candidatas ao casamento eram de constituições viciadas, irremediavelmente eivadas de profundas enfermidades congenitas ou adquiridas. Padeciam ellas, tinham já padecido decerto suas mães e suas avós, a *difficuldade de viver*, epidemica em Lisboa. Eram os productos necessarios da má alimentação e do mau ar. Eram rachiticas, chloroticas, enfezadas. Careciam de todos os desenvolvimentos physicos que constituem as condições normaes da maternidade. Tinham escrofulas, ulceras, tosse, febre, os olhos doentes, os beiços ou as orelhas feridas, as mãos frias e suadas, os dentes cariados e a lingua branca.

Estamos sendo evidentemente uma geração apodrecida, uma raça combalida não só nos centros

nervosos mas até nas células primordiais da vida pelos efeitos do mais deplorável regime municipal nas questões do solo, da alimentação e do ar.

A camara municipal de Lisboa sabe isto perfeitamente. Têm-lh'o dicto a hygiene, a physiologia, a therapeutica. Tem-lh'o demonstrado a clara evidencia dos factos.

Como é que a camara municipal de Lisboa se apressa em acudir a este immenso mal?

Mandando pesar o pão;

Fundando o premio da cidade nas corridas de cavallos;

Projectando abrir um boulevard desde o passeio do Rocio ao Campo Grande;

Enterrando os municipes que morrem.

Emquanto aos enterros parece que este derradeiro cuidado com a morte deveria merecer alguma attenção a um municipio que se importa tão pouco com a vida. Não succede porém assim. A camara municipal enterra como cães todos aquelles que não deixam dinheiro com que pagar as pompas mortuarias. Não ha superintendencia, nem fiscalisação, nem ordem alguma estabelecida pelo municipio nos serviços funebres.

Ha poucos dias ainda um desgraçado estanquei-

ro que mora na rua do Arco, ao pé da Academia das Sciencias, dormiu dentro de um pequeno quarto com o cadaver de sua mulher por não ter dinheiro com que lhe fazer o mais modesto enterro! A camara incumbia-se pelo seu pelouro dos cemiterios de deitar á vala esse cadaver. Ora eis ahi está o que não succederia nunca na administração de nenhuma das grandes cidades que fundam premios municipaes para corridas de cavallos. Em Paris, por exemplo, dirige-se o serviço dos enterros de modo que a companhia das pompas funebres, a que se adjudica o privilegio de enterrar os ricos mediante os preços de uma tarifa devidamente approvada, tem por esse facto a obrigação de enterrar os mortos de graça, mas em cova separada, levando o corpo n'uma carruagem e fazendo-lhe todos os officios religiosos e civis com a maior decencia e com o maior respeito devido aos restos dos que acabaram na indigencia e no infortunio. Além d'isto a administração da cidade de Paris, antes de fundar para as corridas de Longchamps o *grand prix de Paris*, fundou o emprego de um funcionario que tem obrigação de a representar officialmente em todos os enterros sem excepção alguma, porque a administração municipal de Paris entende que entra no numero dos seus deveres acompanhar até a sua ultima morada o cadaver de todo o cidadão pari-

siense, por mais desvalido e por mais desgraçado que elle seja.

Emquanto ao pêso do pão a ultima postura municipal denota um desvelo que tem o defeito de ser um tanto pueril. Não corta o dolo nem a má fé e pode fazer cahir a suspeita ou o castigo n'um fabricante honesto. Todos os que conhecem os processos da panificação sabem que é absolutamente impossivel fixar segundo o pêso da farinha o pêso do pão. O pêso da farinha é invariavel, o do pão pode ser modificado, e pães com egual pêso de farinha podem sahir mais pesados ou mais leves segundo, pela configuração que se lhes deu e pelo logar que elles occuparam no forno, se desenvolveu mais ou menos a exhalação dos gazes contidos na massa.

O ponto mais essencial com applicação ao alimento não é o do pêso, é o do fabrico, no qual a camara tem a bondade de não exercer a minima ingerencia nem a mais leve fiscalisação. O pão mais branco nem sempre é o melhor. A alvura da massa pode-se obter com a applicação das substancias mais perniciosas, como são o sulphato de zinco e outras. O pão que mais alimenta, o que encerra mais principios assimilaveis é o que contém a maior quantidade de gluten, que é uma substancia pardacenta. No ponto de vista nutriente o pão chamado

de munição é muito preferível ao mais fino pão dos melhores padeiros. O pão que geralmente se fabrica em Lisboa por toda a parte, quer a camara o mande vender pelo pêso, quer o mande vender pelo tamanho, como alimento não presta.

O modo de amassar geralmente usado em Lisboa, onde se desconhecem ainda a maior parte dos modernos processos mechanicos da panificação, pode ser muito funesto á saude publica. O pão é amassado a braço, como temos visto em muitas fabricas, entrando assim entre os elementos do seu fabrico o suor dos padeiros! Consta-nos que em muitas padarias ha masseiras de cobre, o que não deve maravilhar-nos em uma cidade onde vemos vender sorvetes de limão, de laranja, de tangerina ou de lima feitos em sorveteiras de cobre, nas quaes se conserva dentro do gelado desde as quatro ou cinco horas da tarde até á meia noite uma colher de cobre ou de latão, que se oxyda em alguns minutos.

A policia sanitaria do municipio é inteiramente indifferente a estes varios processos de envenenamento, assim como é indifferente ao modo como se confecciona o vinho e o vinagre, como se falsifica o leite, como se prepara a salsicharia, como se fabrica a cerveja, etc.

Nas cozinhas das casas de pasto, das hospeda-

rias e dos cafés, não ha a minima fiscalisação policial. Comem-se perdizes, codornizes e coelhos por toda a parte nos mezes em que é prohibida a caça. Expõem-se ao publico no tempo defeso enormes pratos cheios de perdigotos do tamanho de pardaes!

Os methodos mysteriosos e reconditos por que se cozinham certos jantares fazem estremecer a imaginação. Um nosso amigo seguiu ha tempos durante quinze dias a historia das transformações de um guisado á mesa de um restaurante. Nada mais profundamente dramatico do que essa historia. Parece que a mesma substancia tomou successivamente os nomes de todos os acepipes que figuraram na lista. Aquillo que primitivamente fôra frango com ervilhas foi progressivamente tudo quanto se pode ser do *menu* de um jantar durante a primeira semana, e passou na semana seguinte a figurar na sobremesa, primeiro sob o incognito de pudim, depois sob o disfarce de pastel, sendo por ultimo torrado, moído, cozido, coado e servido em café. O liquido que sobrou no fundo das cafeteiras, foi ainda aproveitado para diversos usos, acabando os ultimos restos definitivos das ervilhas com frango por servirem a uns para tingir um collete e a outros para engraxar umas botas.

Tudo é possivel sob o regimen telescopicamente vigilante do municipio de Lisboa. Nas cidades civi-

lisadas as cozinhas dos hotéis, dos restaurantes e dos cafés são todos os dias visitadas minuciosamente pela policia.

O projecto do boulevard do passeio do Rocio ao Campo Grande é de uma concepção bem tristemente pretenciosa.

Que é um boulevard aberto em semelhante ponto da cidade communicando uma das extremidades d'ella com um dos seus suburbios? É uma necessidade de viação? Um meio de transito? Uma criação de novo bairro? Um fim de commercio, de industria, de civilisação, de hygiene, de recreio? Não. Este boulevard, segundo o criterio municipal, é um luxo.

Os srs. vereadores resolveram introduzir o boulevard por terem encontrado já introduzido o pat-chouly.

Deitam boulevard exactamente como quem deita pó de arroz ou iris de Florença: para se darem um ar, o ar segundo imperio, o ar *cocodès*, o ar *jeune abruti*, o peor e o mais detestavel ar que pode tomar um homem e que pode imitar uma cidade.

O boulevard não serve senão para espalhar os maus habitos do café e do *trottoir*, o amor da ostentação, a ociosidade, o boulevardismo, a cocotice, o luxo pelintra da *toilette*.

Não, Lisboa, minha boa amiga, tu já tens de mais os vícios de boulevardante! Não queiras que a maior dimensão dos *trottoirs* te exija mais algumas ordens de folhos encanudados nas tuas saias e mais alguns metros de seda na cauda dos teus vestidos.

As tuas interessantes filhas, sentimentaes e pallidas, já exhibem no espaço de macadam de que dispõem os trapos sufficientes para nos fazerem considerar o casamento moderno como a mais ruinosa de todas as extravagancias.

Além de que, Lisboa, estimada burgueza, desengana-te de uma cousa: careces absolutamente tanto das qualidades como dos defeitos do espirito que tornam interessante a ruidosa existencia do boulevard.

Não tens a invenção da moda, que faz com que o vestido seja para a parisiense um producto da imaginação, quasi uma obra de arte.

Tu, coitada, vestes-te pelo figurino como um soldado se veste pelo uniforme do regimento. Vi esta manhã na rua uma costureira franceza que ia em serviço do seu armazem, levando suspenso do braço por uma correia um grande cartão: tinha um vestido liso, um collarinho branco virado para baixo sobre uma gravata de setim preto. Passou por um jardim, colheu um galho de fuchsias em flôr, e atravessou-o nos dois laços formados pelo nó da

sua gravata. Tu, Lisboa—debalde o meditarías— não acharias nunca esta cousa tão simples, discorrida por uma pobre costureira carregada com um cartão: a maneira mais elegante, a mais artistica, a mais pittoresca de grupar por baixo de um collarinho uma tira de setim e um ramo de fuchsias.

Cada uma das mulheres que pisam em Paris o asphalto do velho boulevard de Gand tem em cada manhã um invento semelhante ao da costureira desterrada que eu hoje vi, e é com isso, com o modo de atar uma fita e de collocar uma flôr, que ellas dominam o homem e governam o mundo.

De mais, tambem te falta o aspecto especial da alegria franceza, denunciada na *toilette*, no andar, nas maneiras, a qual alegria faz de uma multidão uma festa.

Tu és grave, escura, pesada, lugubre, e com nenhuma cousa se parece tanto o teu Passeio Publico como com o Père Lachaise.

Não tens igualmente o espirito da conversação, a expansibilidade dos sentimentos, a promptidão da critica, os dictos, os repentos, as réplicas, cujo murmurio dá aos boulevards uma atmospherá de idéas.

Não torças a tua vocação, amiga Lisboa, não queiras ser aquillo para que te não fez Deus, se te não queres tornar aleijada e monstruosa!

Com os teus recursos de espirito e de dinheiro,

a vida que te convém—crê n'este conselho dedicado—é a boa vida allemã, flamenga, ou suissa.

Recolhe-te na tua casa, vive em familia. Moralisa-te e instrue-te. Preoccupa-te um pouco menos com o luxo da *toilette* e pensa um pouco mais no teu conforto domestico. Procura tornar agradável e appetecido o interior dos teus aposentos. Lembra-te que és pobre, que estás meia arruinada e que te vaes arruinando inteiramente no custeio de falsos prazeres de convenção em que finges apenas que te divertes. Não dês bailes para que não tens dinheiro, nem baixella, nem librés, nem creados. Também não dês as pequenas *soirées* pretenciosas dos terceiros andares, em que estragas o estomago com pão de ló e agua com groseilles.

Recebe na intimidade dois ou tres dos teus velhos e verdadeiros amigos, que se não riam de ti depois de te comerem os teus bolos e de ennodarem os teus tapetes, e que não obriguem o dono da casa a abandonar o seu cachimbo, a tirar a sua *vareuse* e a sua camisa de côr para os receber em estado. Conversa, lê, desenha, joga, faze musica, ceia alegremente uma fatia de vitella assada, uma talhada de paio, uma salada e um copo de vinho.

Protesta contra o presente funesto do *boulevard* que a camara te promette. Se ella te quer ser agradável, que te construa tres ou quatro *squares* na

Baixa, para onde vão tomar sol, luz e ar os que não têm nenhuma d'essas cousas em suas casas; para onde as mulheres vão no verão para debaixo das arvores com o seu trabalho e com seus filhos.

Que ella te faculte principalmente estas duas cousas tão indispensaveis como o ar, o solo e a luz: o alimento e o ensino!

Que te ministre a agua que te falta, não direi já para te banhares uma vez por dia, mas para lavares as tuas unhas! Que reforme os exgôttos! Que te construa as tuas eschololas municipaes! Que te acuda, pelas almas, com os edificios de que necessitas instantissimamente para o estabelecimento de tres lyceus para o ensino secundario gratuito, cada um d'elles com duplicado ou triplicado numero de professores do que aquelles de que dispõe o unico lyceu hoje existente, eschololas sérias e gravemente organisadas, segundo os programmas do *ensino médio*, como elle se pratica hoje em toda a parte, na Alemanha, na Suissa, na Inglaterra, na França, e até na Russia!

Sem isto, ó Lisboa, tu verás extinguir-se dentro de poucos annos a raça dos teus habitantes, a qual acabará no desterro, na emigração ou no hospital, — desmoralisada, indigente ou idiota.

## III

Esta manhã, corrida de cavallos em Pedrouços. Um bello dia ameno, encoberto por um gaze humido, côr de perola. A tribuna do club, cheia. No recinto de pesagem, sobre o *turf*—sem relva—alguns sportsmen, de luvas amarellas de pelle de cão pespontadas de preto, com os seus binocolos ao tiracollo, condecorados com o cartão verde oval, metido n'um botão da sobrecasaca, medem os cavallos pela fita de aço ou pela escala das suas bengalas, dizem palavras technicas sibiladas em inglez, mordem sandwichts de foie-gras e fazem-se servir copos de soda-water com vinho de Champagne.

As senhoras lancham menos finamente. Notamos que os seus cabazes de viagem não vieram de Piccadilly, não têm fechos de aço nem debruns de Varsovia, e não foi certamente Chevet ou Potel e Chabot quem forneceu os víveres. Perto de nós uma creatura, aliás bem vestida, tira do seu bolso como uma galanteria culinaria um frasquinho de licôr e offerece á sua amiga, a qual está mastigando

um modesto cake e apara as migalhas sobre uma folha de papel pardo extendida nos joelhos.

Pobres senhoras! Pallidas elegancias! com os vossos vestidos tão ricos e com os vossos rostos tão pobres, tão descorados, tão anemicos, vós lembraes bastante a figura que teria a dieta, se a dieta tomasse a formã humana e se fizesse vestir pela Aline e pentear pela Mulata! Comeis pouco e mal, minhas formosas amigas. Muito pouco e muito mal! A ponto de se reccar que queiraes parecer-vos n'isso com Nabuchonodosor, que era senhor de Ninive e de Babylonia, tinha todas as riquezas, todos os luxos, todas as ostentações, e não queria senão hervinhas do monte para jantar!

As carruagens estacionadas dentro do circuito da pista, não ostentam mais asiatica propensão para os requintes do luxo do que os lunchs de pão de ló e de licôr de groselhas.

Não vemos as equipagens de gala com creados de meias de seda, cabelo empoado e librés recamadas de ouro. Não vemos os *poney-chaises*, nem os *broughams* nem os *daumonts*, nem os *dog carts*, nem os *oito-molas*, nem as *berlindas de posta* com a orchestra triumphal das campainhas dos cavallos e dos estalos de chicote dos pequenos postilhões de

calções de camurça, chapéos envernizados e jalecas verdes com botões de prata.

Oh! não: podemos jurar que não são Cleopatra, nem Lais, nem Ninon de Lenclos, nem Diana de Poitiers, nem a Rigolboche, nem a Mogador, nem madame *Vide-gousset* nem mademoiselle *Crève-imbécil* nem miss *Pick-pocket*, as formosas pessoas que estamos d'aquí vendo com as suas bellas espáduas honestas cobertas de renda de Chantilly assignaladas á menmonica das massas pelo algarismo das respectivas tipoias.

Onde estão ellas? Onde estão as outras? Onde estão as mulheres que a gente vem vêr ás *courses*? As mulheres que descem de Longchamps pela avenida da Impératriz para irem jantar «em companhia fina» nos cafés do boulevard, deixando no seu tracto o vestigio de um escandalo mais desaforado e mais impudico que o da antiga *descente de la Courtille*?

Com o direito que nos confere o nosso bilhete de peão, que compramos por dois tostões, nós exigimos da empresa d'esta corrida que nos mostre essas creaturas. Foi para as vermos que nós cá viemos. As corridas não servem para mais nada senão para isto. As corridas são um leilão e uma loteria. Aposta-se pelos cavallos e pelas mulheres. Joga-se o dinheiro e o amor: cincoenta luizes pelo *Gladiateur*

e cento e cincoenta pela Markowitz! O que se disputa aqui, meus senhores, não é o premio Monthion, é o premio do *Jockey-club*. Abaixo a virtude! As corridas de cavallos são as festas nupciaes da batota e do prostibulo: pedimos para vêr a familia dos conjuges! Que nol-a mostrem! Que nol-a sirvam! As *cocottes!* as *lorettes!* as *rouleuses!* as *troteuses!* as *boules rouges!* Queremos vêl-as com os seus cabellos côr de açafrao ou côr de manteiga, presos na nuca e cahindo n'uma grossa madecha pelas costas como o pennacho dos couraceiros; com os olhos circumdados por uma linha preta feita com tinta da China; com a bôcca pintada de vermelho como um golpe ensanguentado; com um signal preto na face destacando sobre a brancura do creme de Iris e do pó de arroz como uma môsca morta cahida n'uma taça de leite.

Queremos olhar ao pé, tocar com a mão, empurrar com o dedo essas personagens do drama actual, do sentimentalismo moderno, da tragedia contemporanea; as grandes mundanas, as grandes peccadoras, as que obrigam os homens a embrulhar-lhes em *bank-notes* os abrolhos do seu rude caminho na terra, as que não engolem o fel do seu remorso se não misturado em Clycot e em Tockay, as que pretendem não lhes passar da garganta a idéa do seu opprobrio em quanto a não empurrarem para baixo

com a ultima trufa que haja, com o ultimo champinhão que appareça, com o derradeiro marrão gelado que se encontre...

Bem sabemos que não pertencem á lingua portugueza as palavras *trufa*, *champinhão*, *marrão gelado* e algumas outras do nosso uso, e é por isso mesmo que as empregamos: de proposito! para que ninguem nos entenda, senão nós mesmos, os corruptos da decadencia, e os cafres! As outras pessoas escusam de saber do que se trata. Aconselhamol-as mesmo a que não desejem sabel-o nunca: é nojento.

O que é que nos offerece esta corrida?

Simplemente isto: os cavallos, os jockeys e os *gentlemen riders* de Lisboa, com as suas camisolas de seda listrada e as suas botas de canhão, mais Mister Davies.

Os cavallos eram todos conhecidos, uns de vista, outros de nome; os *gentlemen-riders* tambem o eram; os jockeis não tinham chegado expressamente para aquelle caso de Yorkshire.

De sorte que a unica novidade, verdadeiramente, era apenas Mister Devies, ao qual consagraremos, algumas linhas.

Mr. Davies é o secretario do *Jockey-club*...

(Tenham a bondade de não ajoelhar ainda!)

Mr. Davies é o secretario do *Jockey-club*. . . de Gerez de la Frontera. O illustre gentleman é portanto o beijo do sport, a fina flôr do *high-life*. . . *in partibus infidelium*.

Mr. Davies é um pouco menos, ou um pouco mais—como quizerem—do que o verdadeiro sportman no alto sentido aristocratico d'este termo. E um negociante de vinhos. Seu pae, o primeiro Davies, tinha mais do que ninguem no mundo a sciencia delicada de conhecer um vinho, de penetrar n'um relance de lingua todos os segredos do seu nascimento, da sua naturalidade, da sua biographia, do seu futuro. Pegava com as pontas dos dedos no fino calix de crystal facetado, punha aos beiços esse diamante com uma gôtta de topasio liquido no fundo, sorvia-lhe primeiramente o perfume n'uma especie de extasis olfactico. Depois tomava um pequeno golo na bôcca, extendia-o escrupulosamente com a pá da lingua pela abobada palatina assim como se estende por cima de uma fatia de pão uma pouca de manteiga com mostarda. Em seguida retirava o copo, mascava por um momento silenciosamente, com o braço immovel, os beiços unidos, o olhar concentrado, e ao repôr o calix na bandeja, dizia: «Xerez de 44, tratado polo alcool de 25 gráus, uva branca, um pouco verde, seis annos de

pipa, tem um grão de chumbo na garrafa.» Tinha o chic do seu officio e, como se diz em França, o physico do emprego: beijo vermelho, saudavel, risonho, o pequenino abdomen expressivo e ligeiro que dá a boa vida folgada e bem mantida, frescas toilettes de manhã e um alto collarinho do mais frio linho de Irlanda, verdadeiro symbolo do asseio, da abundancia e da paz. A imperatriz d'Austria morria por Davies, tinha-lhe alugado uma vez, a pêso de ouro, para passar o verão, um pequeno cottage de madeira que elle construiu para seu recreio, com infinito gôsto, no meio de uma pequena matta no recosto de um monte. O imperador da Russia dignava-se de sorrir com o seu majestoso sorriso de autócrata sempre que o via, e regosijava-se em conversar com elle ácêrca dos bons *crus* de la Côte d'Or, das colheitas de Chateau Lafitte, e do estado do tunel famoso de Heidelberg. Toda a testa coroadada, todo o chefe de embaixada, todo o perfeito do Sena, todo o lord maire de Londres, toda a elegante diplomacia, toda a grossa finança, todo o mundo finalmente que n'esse tempo jantava e recebia a jantar em banquetes celebres conhecia Davies e os seus vinhos, a sua jovialidade pittoresca, o tom estomacal da sua conversação que abria o appetite e fazia bem aos dispepticos, como o perfume de lacre esmagado, de aduela, de rôlha humida,

de vinho do Porto com noz muscada e limão. Elle viera estabelecer-se em Hispanha e mandava o Xerez e o Madeira para todas as garrafeiras notaveis do universo.

O sr. Davies filho herdou de seu pae uma grande fortuna e uma grande clientela. Isto permittiu-lhe o sufficiente vagar para adquirir a mais perfeita *assiete* que pode ter um cavalleiro e a mais ligeira e subtil mão de rédea que um cavallo brioso possa gloriar-se de encontrar sobre a sua crina.

Ora, francamente, em uma festa da alta e pura elegancia a presença do sr. Davies põe nódoa. Porque o sr. Davies provém do trabalho e é um trabalhador elle mesmo. A alta elegancia é composta exclusivamente de homens de prazer, que não trabalham nunca. Fora o trabalho! Fora! Shocking!

Oh! queridos gentlemen! Se quereis dar-nos corridas de cavallos e se desejaes que esse espectaculo nos captive e nos interesse, é preciso que as organiseis de outro modo. As corridas, como sabeis, não são de maneira alguma um meio de aperfeiçoar a raça cavallar. Os cavallos de corrida, excessivamente duros, esbarrigados, muito altos do quarto posterior, estreitos, cahidos para deante, desproporcionados, feitos artificialmente com uma hygiene especial do

apparelho locomotor e com uma alimentação em que predominam os elementos chimicos que formam o phosphato de cal, não servem para cousa nenhuma senão para reproduzirem monstros que se lhes assemelhem. Comprehendem-se os grandes serviços prestados á industria pecuaria com os processos Backewell e Colling para o desenvolvimento da precocidade, a que se devem os carneiros de Leicester, os bois de Durham e em geral todas as bellas raças modernas dos gados inglezes. Os cavalloes de corrida são o resultado de eguaes processos, mas resultado absolutamente esteril e improficuo.

As corridas são unica e exclusivamente um pretexto de luxo, de prodigalidade, de ostentação e principalmente de jôgo. É o que ellas são em Longchamps, em Chantilly, em Newmarket, em Epsom, em toda a parte.

A rigidez dos nossos principios não nos leva de modo algum a pedir que por tão insignificantes razões as corridas se supprimam em Lisboa. Pelo contrario: o que queremos é que ellas se completem dentro da esphera propria do seu character e da sua missão social. As corridas são um phenomeno da corrupção, que nós acceitamos como a fatalidade indiscutivel de uma consequencia logica. A unica cousa que é preciso saber-se é se os costumes burgoezes de Lisboa estão ou não bastante corrompi-

dos para produzirem e acceitarem esse phenomeno.

Emquanto á paixão e ao vicio do jôgo parece-nos que Lisboa os possui de uma maneira perfeitamente satisfatoria. Prova-o exuberantemente o facto das loterias, em que jogam phreneticamente os cidadãos de todas as jerarchias sociaes desde os mais ricos até os mais miseraveis. Por este lado as corridas estão absolutamente nos costumes e não são mais que uma concorrência ao cambista Fonseca e ao cambista Campeão, cuja popularidade a direcção do Club Equestre deve procurar vencer e subjugar por meio de annuncios, por meio de reclames bem feitas nos periodicos, por meio da insituição de uma *poule* e de um regulamento de apostas organizado de maneira que se possa jogar por qualquer cavallo a quantia que cada um quizer, desde o bilhete de libra até a cautela de pataco. É seguro que, bem ordenado este serviço, bem esclarecido e bem annuciado, Lisboa inteira apostará na proxima corrida.

Emquanto á frivolidade, ao amor da ostentação, á tendencia para o luxo, para a moda, para os prazeres faceis, não sabemos se a sociedade lisbonense se acha igualmente no mais opportuno momento para começar a saborear o *sport*. Seria talvez con-

veniente que n'este ponto Lisboa se consultasse a si mesma. Ministrarlhe-hemos, se nol-o permittem, alguns subsidios para esse estudo. Mostrarlhe-hemos, por exemplo, qual era o estado em que se achava a França no momento em que ella imitou da Inglaterra as suas primeiras corridas de cavallos. Lisboa julgará em seguida se ha alguns pontos de analogia entré o estado actual dos seus costumes e o estado da sociedade franceza na época alludida.

Foi no tempo de Luiz XVI,—um rei de papelão, como lhe chama Carlyle—e de Maria Antoinette, a mais frivola, a mais futil, a mais leviana de todas as martyres. A divida publica montava a mais de vinte mil milhões. Um personagem providencial, chamado Law, havia criado pouco antes os papeis de crédito, a febre das bancos e das companhias; toda a gente trocara então o seu dinheiro por papeis. Os papeis tinham finalmente acabado por não ter valor algum. Era geral a pobreza. A aristocracia estava morta pelos effeitos da guerra dos sete annos. Os ministros e a corôa tinham as melhores intenções mas não conseguiam governar: o grande Turgot, o precursor dos revolucionarios da Convenção, tombava perante a intriga da côrte manejada pela rainha; Necker cahia por não poder contrahir mais empréstimos; restava Calonne, o mais commodo dos

políticos, segundo a phrase de Michelet, para levar uma sociedade ao fundo. Rousseau e Gilbert tinham deixado nas imaginações um virus morbido, que dava o desalento. As curiosidades da sciencia tinham desaparecido com os derradeiros collaboradores da Encyclopedia. Ignorava-se o papel que fora de França estavam representando na historia das idéas Hume, Kant e Goethe. Voltaire decrepito tomava opio de mais, que lhe receitava Richelieu, e adormecia na Opera debaixo da sua cabelleira á Luiz XIV, envolto em pelles de marta de que lhe fizera presente o rei da Prussia. No emtanto todos se achavam felizes, prosperos, satisfeitos. O grande genero artistico da moda era o idyllio. A rainha mandara fazer em Trianon uma cabaninha. O dôce Bernardin de Saint-Pierre, o innocente Gesner, o insipido sr. de Florian eram os escriptores predilectos da sociedade. Havia tambem Louvet que escrevera o *Chevalier de Faublas*, uma flôr de latrina, que agradara muito. Beaumarchais que fazia a comedia dos costumes e a satyra acre e mordente era geralmente detestado, mas era tambem applaudido; porque? porque elle era o unico que dizia aquillo que alguma gente pensava. Suppoz-se que o que esse escriptor queria era o fôro de nobreza que não tinha: nobilitaram-o, e elle começou a chamar-se *De Beaumarchais*. Os céos da sentimentalidade re-

tumbavam com as aventuras e com os escandalos domesticos de um moço de grande talento, corrompido até á medula dos ossos, chamado Mirabeau. No meio d'esta escuridão moral, em tórno da qual ha um esplendor sinistro formado pelas scintillações da podridão, cada um esperava o millenio ou a volta de Astreia.

Era tal a corrupção, a mentira, a embecilidade, o enfraquecimento geral, que se não comprehendia d'onde podesse vir a força que estrangulasse esse velho mundo condemnado e o afogasse no proprio sangue. Ninguem suppunha que tamanha força podesse estar occulta sob esta cousa tão fraca:— a fome! Portanto todos se divertiam em santa paz. O duque de Chartres, amigo intimo do principe de Galles, importava de Inglaterra, as modas, os cavallos, a anglomania. Foi então que no continente se começou a trotar á ingleza, pondo-se o cavalleiro em pé nos estribos. É esta reforma importante na equitação o maior dos serviços que a humanidade deve ao duque de Chartres, esse principe illustre e de vida tão divertida que chegou a ter pustulas de mau character no nariz!

A moda tinha introduzido os cavallos inglezes, os arreios, os jockeys, os processos de *entrainement*. Um inglez, o doutor Dodd, que mais tarde acabou nas galés, havia estabelecido o gôsto das apostas.

Afinal fizeram-se as primeiras corridas em Vincennes e Sablons. Foi uma grande e bella festa a que concorreu tudo. Estavam as velhas marquezas do tempo de Luiz xv, prematuramente desdentadas, tendo ao lado os respeitaveis capellães que tinham sido seus amantes. Estava a duqueza de Polignac com o seu sequito. Estavam as senhoras da moda, em cujos preceitos entrava então trazer-se descoberto o seio esquerdo, como ainda hoje se vê nos retratos pintados por Fragonard e por Pellegrini. Estavam as dansarinas todas da Opera, as cortezãs de Paris e outras, que tinham vindo de Londres com todos os charlatães, com todos os cavalheiros de industria e com todos os larapios disponiveis da Grã-Bretanha. Não tinham perdido essa occasião de se exhibirem as meninas que costumavam passear no jardim do Palais-Royal, então em construcção. Estas meninas vendiam o segredo da pustula galante que viera ao nariz de Monseigneur por menos dinheiro do que aquelle por que sua alteza a comprara. O doutor Dodd esteve tambem presente, em grande berlinda de gala puxada a quatro. As maiores apostas foram feitas e sustentadas pelo cavalheiro de Eou, que ninguem sabe quem é nem mesmo a que sexo pertença.

Pela fresta de uma cavallariça, por baixo da tribuna real, no meio dos cavallos e dos moços de es-

trebaria, o veterinario do conde de Artois assiste ao espectaculo, e contempla n'uma concentraçãõ profunda o velho mundo cynico, pôdre e brilhante que se diverte. Sabem como se chamava este veterinario do conde de Artois?

Chamava-se — Marat.

Tal é, ligeiramente esboçado, o aspecto que a sociedade franceza apresentava no tempo em que Paris adoptou as corridas de cavallos. Lisboa está talvez um pouco distante d'esse ideal.

A nossa sociedade parece-se em muitos pontos — escusamos dizer quaes — com a de Luiz XVI. Ha porém differenças. As nossas mulheres decotam-se um pouco menos. Os nossos principes assoam-se um pouco mais sem perigo de lhes ficar na mão o nariz. Os nossos Mirabeaus escandalisam mais a grammatica e o senso commum do que a moral das familias. Os nossos Louvets fazem-se deputados e frequentam a tribuna parlamentar e o Gremio Litterario, o que os faz expectorar em edições oraes os *Cavalheiros de Faublas* que têm dentro. A poesia lyrica não infunde resultados morbidos porque, mercê de Deus, ninguem a lê. O sr. infante D. Augusto não monta á ingleza como o duque de Chartres, antes segue a lei da velha picaria, segundo a qual, como já dizia Shakspeare, o caval-

leiro é levado como se levam ovos á feira. Finalmente o encyclopedico sr. Alexandre Herculano não toma opio como Voltaire; as unicas cousas que s. ex.<sup>a</sup> toma são odio á sociedade, horror ao mundo, e rapé.

Lisboa portanto faria talvez bem abstendo-se por emquanto de corridas de cavallo, para cujos esplendores não tem ainda nem a tendencia sufficientemente corrupta nem a elegancia sufficientemente atrevida, e continuando — em quanto se não desenvolve um pouco mais — a regalar-se como até agora nas suas velhas touradas honestas e valorosas.

Novembro 1874.

### III

Para os que amam as cousas scintillantes e sonoras não ha nada mais convidativo do que um banquete militar. O que escreve estas linhas jantou um dia em Paris com os officiaes de um regimento de hussards. Era o jantar ordinario, ao qual cada um dos officiaes tinha direito de levar um convidado. A sala da *papotte* era rodeada de espelhos, de entre

os quaes se suspendiam trophéos de armas apparatusas e reluzentes. Os lustres com globos côr de opala davam um clarão sumptuoso e suave. Ao longo da mesa, por entre as peças do *plateau*, flôres, fructas e os geladores de prata com o Champagne. Os hussards vestiam para ir para a mesa o seu grande uniforme de alamares de ouro e as calças de baile de casimira encarnada com botinas de polimento. Muitos d'elles eram moços e elegantes, tinham sido educados litterariamente nos mais modernos interesses do espirito, tinham viajado, tinham-se batido, eram espirituosos. Saboreavam a réplica, o paradoxo, os repentines a esgrima das idéas e das palavras. Havia finos dictos subtis de salão, e alegres gargalhadas sonoras de acampamento. A conversação, acompanhada pelo estalar do Champagne e pelo tilintar dos copos e das espadas, adquiria a ligeireza de uma valsa de Strauss e a vivacidade espumosa de um galope de Offenbach. Nunca esqueceremos essas *steeples chases* da jovialidade rabelaiseana, essas famosas cargas a toda a desfilada do espirito sobre as idéas e sobre as trufas.

De modo que, quando hoje lêmos que Sua Magestade el-rei tinha celebrado o seu anniversario natalicio com um banquete militar, devoramos gulosa-

mente no *Diario de Noticias* e no *Diario Popular* a narrativa da festa.

O *Diario Popular* diz que o jantar constou de trinta e tres talheres, que o chronista nos assegura serem de prata—interessante detalhe para a tranquillidade dos espiritos hostis ao pechisbeque. E accrescenta a dicta folha que em serpentinas do mesmo metal, acima contrastado, ardiam vinte lumes.

Ora, em cima de uma chaminé, defronte de um espelho, vinte luzes, mettidas em duas serpentinas para allumiar um *crevé* que ata uma gravata branca, não é pouco, mas tambem não é muito; vinte lumes porém, ainda mesmo que os phantasiemos encastoados em prata de lei e sem liga, para alumiarem um festim de trinta e quatro talheres—um pouco menos de uma luz para cada dois olhos—folgamos de o declarar á approvação do partido reformista: é uma verdadeira economia régia e majestatica de cotos de véla.

O official encarregado de introduzir na sala a *força* convidada ao jantar, receando que esta se evadisse astuciosamente ao recontro que se lhe destinava, planeou um movimento estrategico dictado por muita finura e prudencia. Refere o já cictado *Diario Popular* que o bravo militar fizera avançar as tro-

pas do seu commando de modo que «a *fileira da vanguarda entrou pela direita e a da retaguarda pela esquerda da mesa.*» Graças a esta sábia evolução, cheia de valor e de tactica, a sôpa repentinamente colhida de assalto cahiu em poder dos sitiantes, os quaes, senhores do inimigo, começaram com ardor patriotico a engulil-o — ás colherada.

«Logo que começou a refeição, prosegue a folha de que extrahimos estes importantes pormenores, el-rei D. Luiz entrou na sala e mandou entregar pelo seu ajudante de campo, sr. Caula, uma caixa de charutos ao commandante da guarda... El-rei assistiu por algum tempo ao jantar, e retirou-se depois jubiloso e commovido.»

Comprehendemos bem o jubilo e a commoção do soberano! Sua Majestade, offerecendo ao seu exercito uma caixa de charutos, desempenhava-se galhardamente do dever moral que o seu ánimo dadivoso e munificente lhe impunha. Não podendo servir aos seus dedicados e valentes soldados uma revista, uma parada, uma campanha, uma guerra, uma victoria, Sua Majestade offereceu-lhes commovedoramente charutos. Não lhe sendo possivel no actual momento conduzir ao triumpho os seus cavalleiros, como Henrique IV o fazia por meio de um pennacho branco, Sua Majestade fidelissima guia-os á Casa Hava-

neza pelo fumo de uma *brevé*. Quando a espada inquieta e valorosa não lampeja aos clarões igneos do combate é uma compensação gloriosa e plena que o havano arda ao lume industrioso e pacato de um pavio phosphorico. Depois do aspecto monumentoso e lendario das pyramides do Egypto nada ha porcerto que mais abraze o impeto guerreiro e a phantasia bellicosa de um exercito do que darem-lhe a certeza de que, quaesquer que hajam de ser os seus destinos, elles são contemplados pela fabrica de Xabregas.

E sobre a existencia d'essa garantia, tão solida, da immortalidade e da gloria não é desde hoje lícito ao espirito militar portuguez alimentar duvida. Sim, ó soldados, compenetrae-vos bem d'isso, e tende uma fé viva no galardão insuspeito da *folha picada*, e no estimulo augusto do *meio grosso*! Lembrae-vos para todos os effeitos de que tereis sempre ao vosso lado — a tabacaria Neves, *habilitada*, e o monarcha luso, *jubiloso e commovido*.

Depois do cozido o mui inflammavel sr. capitão Silva, levantando um copo, dirigiu ao corpo do seu exercito de trinta e tres homens uma proclamação fagosissima — a primeira que o exercito escuta depois das campanhas da *Maria da Fonte* — e que principiando pela palavra sacramental *Soldados!* ter-

minava pela fórmula igualmente sacramental: *Viva el-rei D. Luiz I! Viva Sua Majestade a rainha! Viva a familia real!*

As palavras chammejantes do seu chefe tal effeito puzeram no ánimo dos soldados que, apenas o illustre cabo de guerra terminou a sua fala, os descendentes dos heroes de Aljubarrota e de Montes Claros saltaram no guisado com tanta frescura de forças como se não acabassem de assistir á sangrenta derrota do cozido e á temivel refrega do arroz!

Quando o jantar terminou, contam as folhas que nos relatam estas cousas tão grandiosas e todavia tão simples, que recolhida a guarda ao quartel, o sr. commandante fizera aos soldados uma allocução brilhante. Não a encontramos, esta fala, nas ordens do exercito, mas estamos bem certos que o dicto sr. commandante não poderia deixar de se exprimir, pouco mais ou menos, na substancia seguinte:

«Soldados!

«A infame e execranda sôpa, vacca e arroz, acabam de experimentar mais uma vez quanto pode o vosso valor desde um appetite constitucional, monarchico e representativo vos punge as entranhas, e que o mais fiel amor ás instituições vigentes e á dynastia reinante vos guia o pulso!

«Soldados! cumpristes o vosso dever. O rei e o paiz estão contentes comvosco, — jubilosos e comovidos.

«Sómente não vos esconderei, para que toda a verdade saia da minha bôcca n'este momento solemne, que a patria ficaria muito particularmente agradecida ao 22 da 4.<sup>a</sup> e ao 35 da 6.<sup>a</sup> se nos proximos recontros que tivermos com o inimigo o primeiro se absteriver de levar o seu zêlo patriotico até o extremo temerario, e para assim dizermos louco, de comer o arroz com a faca, e o segundo de limpar os dentes com o dedo.

«Soldados! ide ao grande sabio João Felix Pereira, auctor do immortal compendio da Civilidade, e dizei lhe que na batalha que acabamos de ferir dois portuguezes ficaram mal por não haver na obra d'elle nada de determinado em quanto aos meios mais cortezes de cada um comer o arroz e limpar os dentes — em palacio. Dizei a Felix que na primeira reedição da sua obra elle se abra com a tropa na verba — arroz e queixaes, illuminando-vos e esclarecendo-vos sobre este ponto obscuro, com a mesma competencia e profundidade com que nos seus livros tem posto de sobreaviso as pessoas finas — e os militares — ácêrca do destino a dar ao escarro, quando expectorado na alta sociedade, e da reserva a manter no arrôto.

«Viva Sua Majestade el-rei! viva a familia real!  
viva a Carta Constitucional da monarchia!»

O *Diario Popular* não nos dá o *menu* do festim militar com que o soberano celebrou o seu anniversario natalicio; diz-nos apenas a semelhante respeito que «o serviço foi o dos *dias ordinarios* de Sua Majestade.» O *Diario de Noticias* porém especifica que o jantar constou de: *cozido, guisado e assado*; — jantar de abbade ao domingo — mau jantar, jantar terrivel, jantar fatal, principalmente para quem não é abbade, o jantar ordinario de Sua Majestade!

Carne, carne e carne — é carne de mais.

Este regimen engrossa os tecidos mas entorpece o cerebro. Às raças que abusam assim da carne alargam-se-lhes os dentes e crescem-lhes as maxillas como aos tigres e ás onças. Se em tão grave e melindroso objecto nos fôsse permittido aventurar o nosso humilde voto, recommendariamos a Suas Majestades e Altezas muito cuidado n'isto! Para nós os homens actuaes, que temos a obrigação de viver nas complicadas agitações do mundo moderno, as solidas comidas grossamente azotadas são prejudiciaes á nossa alimentação regular. Precisamos do iodo, do ferro e do phosphoro, porque temos de ser rijos mas leves, tão fortes no pensamento como no pulso,

promptos na comprehensão, ageis na critica, esper-  
tos, vivos, penetrantes, decisivos nas deliberações e  
nas réplicas. Porque atraz de nós vem uma mocida-  
de terrivel, pequena e magra, enormes vontades de  
vapor em aparelhosinhos de aço. E esta mocidade,  
plethorica de cerebro, quasi allucinada á força de  
penetração e de saber, discute-nos, critica-nos, cha-  
cotêa-nos, ridicularisa-nos, desconjunta-nos, demo-  
le-nos com o seu processo de critica nova, desusada  
e extranha, da qual o bom senso—um bom senso  
inesperado do lyrismo e da rhetorica de nossos paes  
—rompe e salta em cabriolas, implacavel e feroz  
com uma diabrura horriavel de creança que nos  
estatela e nos apupa. Elles, os pequenos, trazem  
tudo de novo, até a lingua, uma lingua infernal,  
cujas palavras elles vergam, retorcem, encanstram,  
reviram como vergastas de aço, obrigando o digno  
e austero idioma de Lucena e de Filinto, aos ges-  
tos, ás deslocções, aos pulos, aos guinchos, ás vi-  
sagens endemoninhadas de um palhaço. As palavras  
são as mesmas, com que o reverendo Brito e o bea-  
to Bernardes fizeram a *Monarchia* e a *Silva dos*  
*apophthegmas*, mas estes diabos d'agora parece que  
lhes puzeram azougue por dentro e lancetas por fo-  
ra, de modo que vêmos os mesmos velhos vocabu-  
los inoffensivos, pançudos, gottosos, que roncavam  
nos in-folios classicos a pedirem á antiguidade res-



peito e rapé, saltarem repentinamente das paginas modernas assetinadas e lustrosas,—vivos como lebres, penetrantes como furunculos, aguçados como estyletes.

Não se sabe realmente, a não ser por obra de Satanaz, como os rapazes se sahiram com esses peçonhentos prodigios de escripta! O grande caso é que com os retalhos da murça do cardeal Saraiva e da roupeta de frei Luiz de Sousa, elles talham as mais alegres phantasias de costumes de arlequim e as mais atrevidas invenções de *toilette* á Rabagas. A gente espera pela saragoça nacional engordurada na golla pelo rabichio de nossos avós, abre, e onde contava achar Jacintho Freire de Andrade apparece-lhe—Robert Macaire!

Tomamos a liberdade de fazer notar á dynastia e á côrte que todos nós precisamos de lutar com esta mocidade impetuosa que vem, implacavel e invencivel, alegre e armada. Porque é do poderoso encontro da nossa vontade conservadora com a vontade revolucionaria d'elles que ha de sahir o equilibrio e a ordem por meio de conciliações mútuas e concessões reciprocas. Pois muito bem: se nós, os antigos, nos puzermos tranquillamente a comer boi cozido, boi guisado e boi assado, não haverá quem resista á geração nova. No meio d'ella os carnivoros do regimen absoleto farão a figura roliça e apo-

plectica de espessos elephants picados, mordidos e devorados por aguias. Preparemo'-nos para o sitio que se vae fechando em volta de nós. Armemo'-nos e abasteçamo'-nos.

O alimento é uma das principaes influencias do character e do espirito. Portanto saibamos comer. De boi só o indispensavel. Uma fatia de *roast-beef* com mostarda, no fim do jantar, é boa cousa e necessaria para enrijar o musculo. Antes d'isto os mariscos, o peixe, as hervas e os vinhos fracos. Sobre tudo os mariscos.

Ah! como nós desejaríamos ter a auctoridade precisa para podermos abertamente aconselhar á côrte os mariscos! Proudhon e ostras cruas são uma armadura, são uma blindagem, são um arnez.

Se não ousamos prescrever o uso dos mariscos, mais coactos e mais incompetentes ainda nos achamos no que diz respeito ás leituras de Proudhon! Que no fim de contas, é menos por Proudhon que pelos mariscos que nós quizeramos desafogar.

Como seríamos felizes, como ficaria consolada, tranquilla, satisfeita a consciencia do que escreve estas linhas se elle podesse entrar no paço á hora do real jantar, atirar por uma janella fora a travessa do cozido, e em seguida, em nome da razão, em nome do direito, em nome da justiça, em nome do espirito



e em nome do seculo, bradar aos illusos pela verdade, bradar aos cegos pela luz :

—Ostras cruas, serenissimos senhores! muitas ostras! muitissimas ostras cruas!

Ah! elles franzem as sobranceiras os vossos leaes e antigos servidores!

Elles rejeitam as ostras, querem o seu velho cozido pomposo e banal, grave e inepto, semsabor e despotico, feito de carne do assêm com a capinha de gordura por cima, o chouriço extendido a um lado como um pagem severo e gordo, ao outro lado o toicinho oleoso e molle, bulindo, e transpirando como um prégador varatojano; e em volta da travessa os fructos da terra—mais vis e mais desprezados que o boi—as batatas e as cenouras, prostradas a uma distancia respeitosa.

Amam o cozido, porque elle lhes dá uma lembrança saudosa, uma imagem symbolica da velha côrte, da velha politica, do velho regimen em que foram creados e em que viveram com valor e com honra.

—Bons homens os antigos servidores, porém caturras!

Os servidores modernos carecem de defeitos ou de qualidades para imitarem servilmente os antigos no que elles tinham de bom e para os contradizer no que elles tinham de mau, de modo que Sua Magestade não tem quem o admoeste nem a expulsar



abertamente o cozido, nem a seguil-o á risca em toda a extensão do dogma que elle exprime. N'esta hesitação, proveniente da falta de conselho, a corôa entrega-se á rotina, que é uma das formas de ficar na inercia

É o mesmo que está succedendo com os bailes. Uns disseram:

Com que direito esbanja a corôa os proventos da lista civil festejando-se com saráus faustosos, *emquanto o orfão e a viuva gemem na desolação?*

Outros opinaram:

A corôa precisa de se impôr em certo modo ao respeito e á consideração das massas por meio da grandeza e do fausto: portanto— as dansas!

Sua Majestade, na cruel incerteza resultante do encontro d'estes dois oppostos alvitres, absteve-se de deliberar, d'onde proveiu que os bailes terminaram.

Pois bem: é lastimoso que terminassem.

O dever de todo o bom cidadão é espalhar em volta de si por meio do emprego da sua fortuna a maior porção de actividade. O que se fecha com os seus lucros é um egoista. Ora Sua Majestade el-rei não pode, sem uma resistencia um pouco violenta aos usos estabelecidos, fundar um jornal de modas, nem estabelecer uma camisaria, nem montar uma

casa de penhores. A nobreza não veria nunca sem uma angustia difficil de disfarçar que o principe com o pretexto de animar o commercio ou a industria me descontasse as minhas lettras ou me tomasse medida das minhas calças.

Logo: restam-lhe apenas as suas festas para produzir dentro da esphera das suas posses a animação e o trabalho. Porque, na verdade não é certamente com a sua augusta presença no theatro de S. Carlos, onde os homens vão de «jaquetão» e as senhoras com os vestidos afogados de trazer por casa, que a majestade contribuirá para que a sua côrte se lance na rêde das exiguas despesas que são a alma do pequeno commercio e a vida das grandes cidades.

Ha ainda outra razão: é que Sua Majestade, como rei constitucional, recebe de cada um dos seus ministerios uma pasta, que, por um modo tanto mais delicado quanto mais tacito, lhe é evidentemente consagrada — a pasta do bom-gôsto.

Nos paizes monarchicos — e é este um dos braços d'elles — a primeira eschola do gôsto é o paço. É unicamente pela arte com que os principes dirigem essa eschola que elles conseguem immortalisar os seculos em que florescem e que se ficam chamando depois na posteridade os seculos de Augusto, de Leão X ou de Luiz XIV.

Pela nossa parte suppomo'-nos habilitados a conjecturar que não será unicamente passando no Aterro ou no Chiado dentro de um *phaeton* de uma elegancia insufficientemente demonstrada, tirado por uma parelha de Alters evidentemente adulterinos e espurios, que Sua Majestade creará as maneiras, a moda, o gôsto litterario, a feição da arte, o genero e o estylo que hão de immortalisar o seu reinado.

Não será tambem exclusivamente sobre o modo como Sua Majestade, no parapeito do seu camarote, escuta Verdi, limpando as lentes do seu binoculo ou abotoando as suas luvas, que dos bancos da platéa ou da varanda das galerias cunharão para a immortalidade o real perfil os artistas, os historiadores e os poetas do seu tempo.

E absolutamente preciso, é indispensavel para o commercio, para a industria, para a arte, que Sua Majestade abra as suas salas e receba o seu mundo. E o mundo de Sua Majestade não podemos crêr que se componha unicamente dos sessenta barbatolas da 6.<sup>a</sup> do 10 (ou do que foi) que jantaram ás reaes mesas no solemne dia do real anniversario.

O mundo de Sua Majestade é todo o mundo conservador, e este tem obrigação de se mostrar bello, elegante, contente e feliz, para que nós acreditemos que lhe prestam as instituições em que vive, para que amemos o culto no aspecto dos sacerdotes.

Se suas excellencias se declaram definitivamente desgraçados, tristes, feios, pobres e mazorros, — diabo! — então que regimen triumphante é esse? que vem a ser, visto isso, o que semelhantes conservadores se obstinam em conservar?!... Salvo se é um calculo de sua politica isto: afastarem os partidos revolucionarios do poder — por desgosto e desdem! Mas tambem, assim, arriscam-se a que os devotos e os mysticos lh'o empolguem — por mortificação e penitencia!

Vamos, meus senhores, resolvam-se! Ponham os seus colletes decotados, atem as suas gravatas brancas, e aconselhem Sua Majestade a que os faça valzar!

Vejam na Inglaterra, o paiz onde melhor se comprehendem os interesses da monarchia, como o chefe do Estado é reiteradamente e violentamente accusado porque se recolhe e isola!

E lá ha uma razão pessoal de saudade e de lucto — que em Portugal se não dá. Em Londres ha ainda os bailes e os jantares do lord maire, ha as partidas de jardim, os concertos matinaes e as *soirées* esplendidas de uma aristocracia poderosa, riquissima, cheia de saude, de energia, de creados, de cavallos, de cães, de castellos e de dinheiro, — o que em Portugal tambem se não dá.

Notem que todos os annos, por occasião de se

discutir o orçamento se fala na reducção da lista civil. Porque? Porque Sua Majestade nos obriga a ponderar que fez voto de pobreza e que o dinheiro o incommoda; finalmente porque Sua Majestade — não gasta!

No emtanto um numero grande de operarios esperam a despesa da côrte como a receita d'elles, e o povo sabe que quanto o rei dispende o povo o ganha. Por isso a mesma gente que não vae aos bailes pede ao soberano que dê bailes aos que lá vão. O acto que faz immediatamente com que estes dansem faz indirectamente com que aquell'outros comam.

Não seremos nós que contribuamos por nenhum modo para que Sua Majestade Fidelissima reconduza á calçada da Ajuda, no concelho de Belem, o luxo que assignalou a Roma de Nero e de Caligula. Não seremos nós que digamos a el-rei:

— Senhor, sêde Heliogabalo! Sêde Cleopatra, senhor!

Sómente observaremos com humildade e respeito o que aliás é publico e notorio, e vem a ser:

Que Sua Majestade celebrou o seu fausto anniversario natalicio com um jantar de carne «cozida, guizada e assada»: e outro sim que Sua Majestade foi visto ha poucos dias em passeio, fora de palacio, por estes olhos que a terra ha de comer, tra-

zendo uma *jaquette* de velludo inglez, das que se usaram ha seis annos.

Se com isto maguamos o poder moderador, que o poder moderador se digne de perdoar-nos. Se Sua Majestade houver por bem determinar que para desagravo da purpura a nossa cabeça role aos pés do verdugo, nós caminharemos tranquillos para o supplicio, — advertindo porém que nada nos impedirá de repetirmos até o nosso ultimo alento e por um numero incalculavel de vezes:

— Que ella tinha seis annos de existencia, e que era de velludo inglez!

Novembro 1872.

#### IV

Fogo em um predio a Buenos Ayres. Soccorros promptos. Premio á bomba numero tal. Grande intelligencia e acêrto em todas as medidas tomadas por parte da direcção technica do serviço dos incendios. Extraordinaria dedicação. Prodigios de valor. Falta de agua. Dois bombeiros feridos, e um quasi morto.

Resultado: Ardeu tudo.

Pouco tempo antes, no Aterro, outro incendio. Inspecção, bombas, o ministerio, o commandante da guarda municipal, e Sua Majestade el-rei no logar do sinistro. Inexcedivel bravura. Devoção infatigavel. Completa ordem. Exemplar disciplina. Falta de agua. Tres bombeiros no hospital. O inspector ferido.

Resultado: Ardeu tudo.

As duas noticias precedentes são o molde e a norma geral de todas as noticias de todos os incendios de todos os predios de todos os bairros de Lisboa.

· Occorre naturalmente advertir uma cousa :

Que sendo o resultado final e definitivo de todos os esforços, de toda a sciencia, de toda a coragem, de toda a philantropia, de toda a disciplina, de todos os bombeiros estropiados e mortos — o arder tudo — seria mais natural, mais logico, mais philantropico, mais humano e porventura mesmo mais producente, que ao darem as torres signal de incendio começassem os soccorros por ficar em suas casas. As chammas vêr-se-hiam prodigiosamente embaraçadas se, depois de terem devorado tudo, quizessem ainda, só pelo facto de estarem ausentes os soccorros, devorar mais alguma cousa! Demais, acha se hoje exuberantemente provado pelas mais repetidas

experiencias que o expediente até agora empregado de lançar aos incendios alguns bombeiros é insufficiente para dominar o fogo. Actualmente está na convicção de todas as pessoas que têm presenciado incendios que elles têm o capricho indomavel de se não apagarem senão com agua.

Ora nem a companhia das aguas nem a camara municipal têm a condescendencia de servir a Lisboa a agua sufficiente para inundar um predio. Estamos n'esta contingencia: que se apagamos os incendios não temos com que lavar a cara. É serio e é respeitavel; sómente não nos parece que a razão de não haver agua para lançar a um incendio obri-gue absolutamente a lançar-lhe bombeiros.

Por consequencia:

Que se continue a lavar a cara e a deixar os predios — como até aqui. Mas que se isolem os bombeiros!

Se os soccorros persistirem na teima inconcebivel de acudirem aos incendios, se a camara não puzer termo a esse abuso, arrisca-se muito a um desastre que lhe está imminente, e é — arderem-lhe as bombas!

Novembro 1872.

## V

A illustre e benemerita Sociedade das sciencias medicas tem-se occupado, em todas as suas sessões celebradas no decurso do corrente mez, da importante questão das bexigas, que roem prodigiosamente os habitantes de Lisboa, matando uns e desfigurando outros, o que é uma dupla calamidade, principalmente em Portugal, onde, mesmo sem as bexigas, tanta gente morria já por outras causas, e tanta outra mantinha com vigor os seus direitos a ser considerada feia por outros fundamentos!

Mas o processo empregado pela Sociedade das sciencias medicas para combater o terrivel flagello parece-nos em demasia novo. Porque suas excellencias os medicos, occupando-se particularmente de averiguar no seu congresso se a vaccina deve ser facultativa ou obrigatoria, se deve impôr-se por meio de multa, por cadeia, pela rescisão dos direitos civis ou por outros termos, figura-se-nos que o que debatem é evidentemente a politica, e não a therapeutica.

O processo é em verdade novo, porém não é mau. Nós vemos com prazer os senhores medicos, postos n'esse caminho, invadirem dôcemente por via da receita, do medicamento e da dieta os dominios parlamentares e burocraticos do projecto de lei, da portaria e do decreto. Declaramo'-nos inteiramente favoraveis a esta ampliação dos direitos medicinaes. Que os senhores facultativos tomem conta do Estado! Curem-nos e governem-nos. Apoderem-se nos dos ventres e das matrizes; vejam-nos a lingua e taxem-nos a decima. Se os ministros não governam, ventosas nas fontes! Se as camaras não legislam, causticos nas costas! Combinados sábiamente com a Carta e com o acto addiccional, os emeticos ajudarão a natureza.

Lembramos apenas que seria vantajoso que se dissessem algumas palavras ao paiz sobre esta nova distribuição dos poderes. Que se saiba bem o que toca ao executivo, o que compete ao moderador e o que incumbe ao medico. Agora que vão ser abertas as côrtes seria propicio o momento. O discurso da corôa poderia dizer, por exemplo, o seguinte:

«Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza.

«Cumprindo gostosamente o preceito constitucio-

nal, venho n'esta occasião solemne, rodeado pelos representantes da nação, annunciar-vos que várias e importantissimas propostas de lei vos serão apresentadas—pela illustre Sociedade das sciencias medicas.

«O meu governo pela sua parte vos dirá quaes os meios scientificos que empregou—para curar os povos atacados de bexigas.

«Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portuguezã. O governo, entendendo que a questão das bexigas é actualmente muito mais importante do que a questão das colonias, resolveu, como vêdes, obrigado pelas urgencias da vaccina, a eliminar do seu gremio o sr. Jayme Moniz, ministro da marinha, substituindo vantajosamente este cavalleiro—por uma vacca.

«Confio inteiramente na vossa sabedoria e patriotismo em favor da therapeutica, do governo, das leis, da felicidade publica e da vacca.

«Está aberta a sessão.»

## VI

Um dos mais espirituosos dos nossos amigos citava-nos ha pouco tempo as dansarinas como um thermometro das influencias do meio nos productos da elegancia. A dansarina que chega a Lisboa é, no primeiro anno, vaporosa; no segundo anno é chata; no terceiro anno é bicuda.

Sendo o corpo de baile que actualmente se acha em S. Carlos o mesmo que vimos ha quatro annos, o publico antes de hontem pateou-o.

Pobre corpo de baile! O que elle todavia inspirava era mais o desejo de se lhe abrir uma subscripção do que vontade de se lhe dar uma pateada...

Entre velhos bastidores, representando arvoredos e jardins da côr de presuntos de fumeiro, umas vinte mulheres, de riso idiota, dentes desbotados e olhos contornados a carvão, surgem n'uma onda de estafadas bareges. A uniformidade e a pobreza dos vestidos dá-lhes á *toilette* o aspecto miserando de educandas fugidas de um recolhimento de caridade. Têm os braços magros, caiados com giz, as mãos

grandes e ossudas, as pernas grossas, de musculos desenvolvidos como as dos carrejões e dos funambulos.

Sobre o soalho ennegrecido, em que se desenham os arabescos do regador, ellas vêm nos bicos dos pés, caminhando para o proscenio ao som dos violinos, approximando-se da indiferença e do desdem da sala, com os beiços arregaçados em sorriso, um dos braços, arqueado para cima da cabeça, evidenciando o osso de um cotovello aspero e escuro; os dedos da mão esquerda, entumescidos e avermelhados pelas frieiras, apontando o coração.

Chegam á linha do proscenio, sobre o gaz da rampa, arquejantes, suando tinta branca e carmim; suspendem-se então, arqueiam-se para traz e estendem-nos — para nós peninsulares! — os seus grossos e chatos pés saxonios, calçados em sapatos de setim esfarpado e sujo.

Pobres raparigas! algumas d'ellas têm o peito estreito e concavo, de uma configuração de mau agouro, tosem no bastidor, e algumas vezes os sulcos do suor no pó de arroz descobrem-lhes em volta dos olhos circulos escuros e profundos.

Coitadas! Não, não seremos nós que vos pateemos! Emquanto vamos lá fora fumar um charuto no café, passeae em paz e em bicos de pés, ao som da valsa, as redes dos vossos *maillots* e o môfo dos

vossos *tulles* amarellados. Que Deus vos preserve do flagello dos callos, e vos conceda logo á sahida, um espesso e succulento bife, e um bom copo de vinho sêcco, para que possaes vir a ter um dia as solidas carnes massiças dos carpinteiros que vos estão espreitando do urdimento, como se vós fosseis estrellas cahidas do céo para cima das nódoas lamacentas d'essas tábuas!

Como porém alguém pateasse o corpo de baile, a policia interveiu, a guarda municipal oppoz-se, o sr. commandante prendeu os espectadores mais descontentes, e mandou encarceral-os no Limoeiro.

Todos sabem que não ha disposição nenhuma na Carta nem no codigo que auctorise a jurisprudencia a considerar a pateada ás dansarinas como uma aggressão, ou ainda como um simples desprimôr para com a municipal. Por consequencia desde o momento em que o sr. commandante da guarda se considera contrariado na sua dignidade official, por aquelles que pateiam um corpo de baile, é absolutamente preciso para que esta contrariedade se explique que o mesmo sr. commandante tenha primitivamente dado palmas. Ora, n'este caso, parece-nos que pretender s. ex.<sup>a</sup> que sempre que s. ex.<sup>a</sup> der palmas os espectadores todos de S. Carlos se ponham de cocoras, é da parte de s. ex.<sup>a</sup> uma am-

bição tragica a parecer-se demasiado... com o rei Bobeche.

Que s. ex.<sup>a</sup> estabeleça estas praticas de submissão e de obediencia nas fileiras do seu regimento comprehende-se. Quando s. ex.<sup>a</sup> se achar á frente do seu exercito de patrulhas, que ao bater s. ex.<sup>a</sup> as palmas, todos os seus soldados se prostrem no chão em vassallagem, cosendo os ventres submissos ao campo das batalhas, nada mais sublimemente disciplinar e offenbachico! Que ahi—sempre no regimento—s. ex.<sup>a</sup> mande decapitar Alvares, praça da sexta companhia, ou o conde Oscar, cabo da terceira, porque qualquer d'elles teve a imprudencia de bater o pé a algumas cantatas, bem, muito bem! muitissimo bem! viva Bobeche!

Mas em S. Carlos, n'um theatro, n'uma sala, entre cidadãos armados apenas dos seus binoculos... No meio de senhoras desprevenidas, que não esperavam a catastrophe, que não trouxeram os seus saes, nem os antipasmodicos, nem o livro de orações, nem o commodo *fauteuil* em que estão habituadas a achar-se mal... Ahi, sob o lustre, no fremito das conversações espirituosas, na dôce palpação dos leques, no perfume dos pós de *maréchale* e das luvas de vinte botões... Quando os nobres e os cavalleiros destinados a cultivarem as artes da paz discreteando com as suas damas, deixaram as

lanças invencíveis nas salas de armas dos seus castellos, ao lado dos languidos bandolins em que nas vespersas de toiros se tange o *fado rigoroso*... Quando os mesmos plebeus deixaram as bengalas penduradas no vestiario por cima das galochas... Quando Sua Majestade a Rainha se acha na sala, ella mesma, o mimo, a graça, a alta elegancia na sua expressão mais pura, o vivo ideal da feminilidade dos tempos cavalleirosos da inspiração da Meia-Edade, em que os cavalleiros e os poetas se matavam ás estocadas pelo seu Deus e pela sua dama, — sem ir ninguem para o Carmo... N'estas especies circumstancias, apparecer um guerreiro com a sua espada á cinta e o seu kepi na cabeça e principiar a levar para as masmorras os sujeitos que desapprovam o baile, isto — permitta nos a policia e a guarda municipal que lh'o digamos — isto excede os limites que se concedem ao comico.

É verdade que a arte scenica nos tem dado por vezes a exposição de casos analogos em operas comicas passadas no ducado de Gerolstein e no principado de Monaco; e ninguem poderá levar a mal que a guarda municipal concorra com os srs. Meilhac e Halévy no genero de obras de arte que delibere dar-nos em espectáculo.

Unicamente lembramos uma cousa: é que os srs. Meilhac e Halévy permittem á galeria que os

desaprova o direito de atirar-lhes com batatas cozidas e de soltar gritos imitantes da voz de varios brutos. Quereríamos saber: se a guarda municipal concorda em que a opinião se manifeste igualmente perante os seus ardores guerreiros, os seus apparatus bellicos, os seus despotismos cesareos — e a sua protecção ás dansas.

Porque, n'esse caso, pedem-se os legumes, e vamos cantar de gallo!

1872.

## VII

Sabia-se que o tribunal da Boa Hora era o «santuario da justiça», onde varios senhores advogados ganham a sua vida defendendo quotidianamente — com a maior eloquencia e o maior ardor — a santa causa dos opprimidos, e bem assim — a causa contraria.

No dicto santuario uma multidão de ociosos assistem todas as manhãs á glorificação de um que roubou o seu patrão ou esfaqueou o seu companheiro, e a respeito do qual um magistrado vestido de toga exclama:

*Nunca, senhores jurados, nunca, desde o principio da minha longa e obscura carreira no fóro, tive a honra, em cumprimento da augusta missão que a lei me confere, de erguer minha debil voz em favor de ente mais desgraçado, mais innocente, mais vil e ferozmente ultrajado por seus inimigos, do que aquelle que vêdes n'este momento sentado alli...* (Com «lagrimas na voz» e apontando o réo com um gesto trémulo e antigo:) *n'a-quel-le ban-co!*

(Viva commoção. O sr. advogado bebe alguns golos de agua, e leva um lenço aos olhos.)

E algumas mulheres, de chale traçado para o hombro, com os punhos fincados nos quadris, levantadas nos bicos dos pés, espreitando por cima da multidão, ao fundo do tribunal, ouvindo estas palavras referidas ao seu conhecido Pera de Satanaz, choram...

Um inexperiente, enternecido, pergunta :

— Foi este o que levou as facadas ?

— Não, o malvado que as levou fugiu... para o outro mundo. Este — coitadinho — foi o que — as deu !

O que porém não sabiamos do tribunal da Boa Hora é o que se deprehende da seguinte noticia que acabamos de lêr :

«O senhor conselheiro Lopes Branco, presidente da Relação de Lisboa, expediu ordens terminantes aos senhores juizes criminaes da Boa Hora para que estes (palavras de s. ex.<sup>a</sup> o sr. conselheiro) *façam expulsar d'aquelle edificio todos os raios que costumam ser testemunhas «ad hoc» em tudo e para tudo.*

Tal é o raio da terrivel punição vibrado corajosamente pelo referido sr. conselheiro contra as testemunhas falsas, ou «testemunhas *ad hoc*, que testemunham em tudo e para tudo» — como s. ex.<sup>a</sup> mais graciosamente diz!

De modo que, seguida esta determinação, veremos de ora ávante os juizes criminaes, começarem a audiencia por se levantarem e proferirem estas palavras:

«Por ordem de s. ex.<sup>a</sup> o sr. conselheiro presidente da Relação são convidadas suas senhorias as testemunhas falsas a terem a bondade de retirar-se da sala.»

Espera-se que os senhores juizes, desejosos de afervorar nas senhoras testemunhas falsas o desejo de mudarem de sitio, lhes offereçam tambem as suas casas e as convidem a jantar... Ou que pelo menos se lhes faça notar que: Se suas senhorias quizerem ter a bondade de preferir ao recinto do tribunal o Gremio Litterario, a Confeitaria Ita-

liana, ou o bufete de Baltresqui, n'aquelles estabelecimentos se lhes participa por ordem do sr. presidente da Relação que a toda a testemunha falsa que se apresente se servirá gratuitamente fatias de presunto de York e *pale-ale*.

Porque uma das cousas que mais captivam as testemunhas falsas — depois de se lhes não cortar as mãos, como mandava fazer Carlos Magno — é offerer-se-lhes presentes.

Todavia nas *Ordenações*, titulo 54, lê-se:

Pessoa, que testemunhar falso em qualquer caso que seja, morra por isso *morte natural*; e *perca todos os seus bens* para a corôa de nossos reinos. E essa mesma pena haverá o que induzir e corromper alguma testemunha, fazendo-lhe testemunhar falso em feito crime de morte, ora seja para absolver ou para condemnar. Porém, se fôr para absolver, não se fará n'elle execução, até nol-o fazerem saber declarando-nos as causas por que foi movido a tal fazer. E se fôr em outros crimes, que não sejam de morte, e assi nos civeis, *será degradada para sempre* para o Brazil; e *perderá sua fazenda*, se descendentes ou ascendentes legitimos não tiver. E em cada um d'esses casos *não poderá a parte haver perdão de nós*; e se o houver, mandamos que

*lhe não seja dado*; porque o havemos por subrepticio.

E nos paragraphos do mesmo titulo diz-se :

1.º E provando-se que alguma pessoa subornara testemunha, promettendo-lhe dinheiro, ou qualquer cousa, por que testemunhasse falso, posto que o não quizesse acceitar, nem dar testemunho, nem ser apresentado por testemunha, se a causa para que assi subornava fôr civil, *seja açoutado pela villa com baração e pregão*. E se fôr feito crime, em que não caiba morte, *haverá a sobredita pena*. E se fôr em crime de morte para condemnar, *seja degredado para o Brazil dez annos e mais será açoitado*. E se fôr para absolver, *seja degredado dez annos para Africa*.

2.º E o que apresentar testemunhas falsas, haverá a mesma pena, posto depois de apresentadas diga que não quer usar d'ellas.

No Codigo Penal dispõe-se no artigo 238.º que a testemunha falsa seja punida—conforme a gravidade das circumstancias que concorrem no crime—em prisão maior, em trabalhos publicos ou em degredo.

As *Farpas* perguntam agora :

Está o sr. conselheiro Lopes Branco, presidente da Relação de Lisboa, auctorizado a annullar toda

a legislação que se refere ao feito crime das testemunhas falsas? Está s. ex.<sup>a</sup> bem certo de que lhe assista a precisa auctoridade para alliviar com um traço de penna as testemunhas falsas da pena de degredo, de prisão, de trabalhos publicos, substituindo toda a penalidade applicavel a tal crime pela simples expulsão dos criminosos do tribunal da Boa Hora?

Sabe ou não sabe s. ex.<sup>a</sup> que «os vadios que enchem aquelle edificio» são, como s. ex.<sup>a</sup> affirma, *testemunhas «ad hoc» em tudo e para tudo?*

Se o sabe, porque razão não manda immediatamente processar esses criminosos duplamente culplices de *vadiagem* e de *falso testemunho*?

Se o não sabe, se não tem d'isso evidencia ou prova, com que direito ousa um magistrado tão qualificado, occupando na justiça um logar tão eminente, imputar, sem provas, a uma designada multidão, o mais baixo, o mais vil, o mais hediondo dos crimes?

E depois, lançar fora do tribunal as testemunhas falsas é bom de mandar! Mas onde quer s. ex.<sup>a</sup> o sr. presidente da Relação que os senhores juizes criminaes depositem os indigitados malfeitores?

Na rua não! A camara municipal, que tem o direito de prohibir que os moradores lancem as suas

immundicies das janellas abaixo, sobre a via, deve com mais forte razão oppôr-se a que os tribunaes ponham fora da sua porta, no macadam, os seus criminosos

Que portanto o sr. conselheiro Lopes Branco se digne de dar a este respeito as suas ordens. Em nome da decencia e em nome da moral publica, nós mandamos ao sr. presidente da Relação este aviso :

*É prohibido despejar sobre a cidade testemunhas falsas.*

1872.

## VIII

A praia da Torre em Belem foi hontem arrojado pela maré o cadaver de um homem afogado. Era ainda novo, robusto e forte. Estava vestido de pan-no azul. A jaqueta e o collete do morto tinham botões de metal dourado com uma ancora em relêvo. Na manga estava prêsa uma corôa tambem de metal. Tinha na algibeira um relógio e algumas moedas de prata, portuguezas e brazileiras. As auctoridades da policia e da saude vieram á praia e olharam para o cadaver, como a lei manda. Depois do

que, oficialmente averiguado que estava alli effectivamente o cadaver de um afogado, pegaram n'elle, atiraram-o ao fundo de uma cova aberta á pressa na praia, e cobriram-o com alguns metros de areia.

Bem feita cousa!

Nem toda a gente vae para a sepultura com esta simplicidade de apparatus, a que podemos chamar *o en'erro incivil*. Mas todos os cães se enterram por este modo, e não é por isso menos repousado o seu eterno somno. Além de que, é preciso que cada um se apresente na eternidade em condições que não desdigam da jerarchia em que viveu e do conceito em que o teve a sociedade e a opinião publica. Pretender o contrario é querer lograr a divina justiça sujeitando-a a illudir-se com o aspecto [exterior dos mortos, e a acolher com os mesmos cumprimentos na côrte do céo o primeiro aguadeiro que chegue assim como o mais digno e respeitavel ministro de Estado ou general de divisão que se apresente,—o que seria certamente para Deus um desgosto profundo. Logo: que cada qual morra como o que é e vá para o outro mundo como o que foi, para não pôr em equivocos a celestial etiqueta!

É um senhor conselheiro a pessoa que morre, na

sua cama, victima da sua gôta? Vestem-se-lhe as suas calças de presilhas e galão de ouro, e a sua farda bordada; prega-se-lhe no peito a funilaria das suas diversas placas, faz-se-lhe a barba, retinge-se-lhe o cabello, põe-se-lhe ao lado o espadim e as luvas brancas, o chapéu armado sobre o ventre e um pouco de carmim nas faces. E eil-o ahi está em toda a plenitude e em toda a majestade dos seus meios physicos e da sua importancia social. As pallidas Julietas dos sepulcros, as immodestas Rigolboches da tábida podridão, os gulosos vermes do *chic* morto, que se acautelem d'esse maganão de bom gôsto!

Elle é poderoso: deixou na terra muitos necrologios e muitas missas, e vae optimamente recommendado pelo alto clero á especial protecção do Padre Eterno.

O que morre é pelo contrario um d'estes infimos e asquerosos animaes, de jaqueta de panno azul com botões de ancora, que andam a bordo dos navios sobre a agua do mar? Uma onda envolve-o no tombadilho e arroja-o ao abysmo inclemente? Suspende-se então por dois ou tres minutos a marcha da embarcação — um solido paquete talvez, luxuoso, commodo, de uma forte companhia, em que tudo está seguro para os riscos da navegação, tudo me-

nos a gente, —lança-se uma boia de salvação, arreja-se uma lancha com quatro homens. E alguns *gentlemen* que sobem á tolda, tiram dos estojos de couro de Varsovia, que trazem ao tiracollo, os seus binoculos, e assestam-os sobre o elemento. Apesar porém d'estas delicadas atenções, o bruto desagradecido desaparece. Dois ou tres dias depois, a maré, com nojo, cospe-o á praia da Torre, juntamente com outras immundicies.

Que queres tu d'aqui, meu estúpido? Isto não é nenhuma selvagem ilha deserta e encantada, querida dos luares transcendentales de que falam á phantasia as musicas de Beethoven e os versos de Heine, e em que se figuram, sob uma luz de esmeralda, os bailados da Opera.

Aqui não ha os profundos paraísos aquaticos habitados pelas ondinas e pelas sereias, de beijos deliciosos e gelados. Não ha os duendes das phantasticas florestas, que te suspendam, sob o luar impregnado de calidos aromas e de nocturnas harmonias, nos berços aerios das magnolias e dos lilazes em flôr, nem beneficadas deidades transparentes que te cinjam nos seus dôces braços e te levem n'uma festa nupcial para os seus leitos de algas, de coral e de perolas, no fundo dos dormentes lagos, sob as folhas dos nenufares.

Não, isto aqui assim é uma praia decente e grave,

onde os senhores officiaes de secretaria e os senhores desembargadores vêm durante a villegiatura sentar-se pela fresquidão das tardes, com suas mulheres, contemplando austeros e recolhidos as babugens da vazante e o fronteiro panorama, tão majestoso e solemne, da Fonte da Pipa. É d'esta praia que o senhor commendador Santos e o senhor commendador Firmo e o senhor commendador Eloy têm partido em fina companhia de virtuosas damas, com lionestas guitarras e casto peixe frito, a bordejar no Tejo. É aqui que a illustre e veneravel burguezia de Lisboa faz as suas estações balnearias. É n'estas aguas que ella annualmente refresca e desemporcalha a sua gorda carne. É aqui que o mesmo poder moderador tem vindo, por vezes, com sua augusta e elegante consorte, demolhar no argento o excelso e inviolavel systema nervoso da monarchia e da constituição.

Portanto, ó immundo, tu que morreste afogado no oceano e te deixaste rolar para a praia da Torre, impertinente como o esqueleto de um goso morto de fome na Trafaria, tu, imbecil, se querias mais alguma consideração, mais algum respeito com os teus restos, fôsses cahir a outra parte!

Trazias algum dinheiro na algibeira, o sufficiente para te pagares o luxo de um padre e de uma cova, mas, realmente, tu não tinhas aspecto de mereceres

a pena de que alguém se occupasse por um minuto contigo.

Animal! se querias ser enterrado com respeito e commoção, se querias ter artigos nos jornaes e padres a cantarem-te o *De profundis*, porque foi que em vez de te afogares de jaqueta, te não afogaste com uma farda de almirante, ou de casaca preta e grão-cruz, dentro de um *coupé* da companhia?!

Deixaste por acaso na terra uma velha mãe desamparada, uma esposa lacrimosa, uma filha orfã, uma familia, a que seria dôce ajoelhar sobre a tua sepultura ou plantar algumas fiôres sobre a terra que te cobrisse? Querias permittir-lhes essa extrema consolação? Deixasses-te ficar no Chiado ou no Terreiro do Paço, tornasses-te um dos elementos constituitivos da civilisação lisbonense, fizesses-te moço de recados, agiota ou empregado publico. Vive-se assim na corrupção, na usura, na humilhação ou na miseria, mas emfim morre-se bem, barato — e muito!

Outubro 1873

## IX

Acabamos de lêr um livro que foi publicado em Lisboa ha cêrca de tres mezes e a respeito do qual ainda não ouvimos á critica uma palavra de menção. Foi abafado pelo silencio. Se lhe não dessem esse destino teria sido um livro escandaloso, porque foi inteiramente concebido fora da rotina, fora da convenção, fora do compadrio, por um espirito justo, esclarecido, honrado, fatalmente inclinado ao bem. Intitula-se — *Portugal e o Socialismo*, e é escripto pelo sr. Oliveira Martins.

A litteratura portugueza actual apresenta este notavel character: — o bysantinismo. Ella não é um documento historico, nem um documento moral, do tempo em que vivemos. Não tem importancia na direcção dos espiritos, não tem influencia na formação dos caracteres, não tem validade no estabelecimento dos principios. Não dá nenhuma theoria á razão, não dá nenhuma norma á dignidade.

A imitação, a convenção, o servilismo, o estreito espirito de seita, de partido, de eschola, a ignoran-

cia, a indolencia, a bajulação, a orthodoxia official puzeram a pouco e pouco as lettras portuguezas inteiramente fora do seu objecto—a simples e pura verdade humana.

O que actualmente se escreve não é absolutamente nada o que actualmente se pensa. Todas as grandes questões capitaes que preocupam a sociedade, a litteratura ou as evita ou as falsea. Ou as evita porque as não sabe tratar, ou as falsea porque as trata com um espirito particular de interesse, hostile á sciencia e rebelde á arte.

Entre tantos escriptores portuguezes que quotidianamente ennegrecem em Portugal o innocente papel sobre o qual se orça a medida das nossas faculdades, onde está o homem cuja obra represente o percurso das idéas predominantes d'este seculo através d'esta sociedade? Onde está o artista, onde está o philosopho, onde está o poeta que tenha atacado de frente a solução desinteressada, independente, firme, clara, nitida, dos multiplos problemas que agitam o espirito, a consciencia, o coração do homem moderno no meio do sentimento, do temperamento, da religião e da politica da sociedade moderna?

Será tal escriptor o sr. Alexandre Herculano, philosopho collaborador da sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torreão no *Almanach das Senhoras*?

Será o poeta sr. Nunes, deputado conservador,

o mais arrojado dos vates que conhecemos dentro dos limites da carta constitucional e do systema representativo?

Não nos parece.

O sr. Oliveira Martins faz parte de um pequeno grupo de trabalhadores obscuros, inteiramente penetrados da corrente scientifica do tempo actual, que têm procurado introduzir na litteratura as idéas correspondentes ás preoccupações, ás necessidades e aos interesses mais altos, mais legitimos e mais vitaes da sociedade em que vivem, fixando assim scientificamente algumas das bases do programma geral da revolução por meio da qual se vae transformando o mundo europeu.

Esses humildes obreiros, aos quaes cabe a gloria de terem iniciado em Portugal quasi todos os grandes principios das civilisações modernas, não têm encontrado, como galardão dos seus estudos, da sua independencia e da sua audacia de pensadores, senão a surda guerra das maledicencias, das calumnias e dos desdens, levantada pelo obscurantismo, pelo fanatismo, pela ignorancia. Accusam-os de attentarem contra a moral, contra a religião, contra a ordem, contra o patriotismo, e expulsaram-os vilmente e infamemente do respeito publico e da consideração social como jacobinos, como communistas, como incendiarios.

É do livro acima citado que extrahimos a seguinte pagina tão sensata, tão viva, tão humana!

«Portugal não tem pauperismo. É por isso que entre nós se não levantam ainda, nem se levantarão já, Nelsons ou Sydney Smiths para dizerem como em Inglaterra: «A pobreza é infame.» É por isso que a definição ingleza de fabrica — *manufatura de algodão e de pobres* — não pode servir-nos. O não attingirmos porém um termo tão elevado de perversão social não quer dizer que as classes trabalhadoras de todas as industrias vivas do paiz, extractivas e transformadoras, encontrem para cá das nossas fronteiras um modo de vida essencialmente differente. Não, a nossa organização politica, semi-monarchica, semi-liberal, dá em resultado ser duplamente absurda, immoral, *pauperisadora*. Porque, como liberal, permite a livre concorrência do capital e do trabalho, aliena as funções e propriedades collectivas, e para corrigir as consequencias da distribuição viciosa que d'ahi resultam, mantem uma protecção anachronica, com as alfandegas, com a divida e com o imposto, protecção que recabindo affinal toda no consumo, vem ainda aggravar as condições do trabalhador pela elevação no preço das cousas. Acima da perversão economica devemos pôr a perversão moral. No pequeno mundo industrial de Lisboa, não contaste nunca, leitor, aos sab-

bados o numero de ebrios que povôa as viellas escuras e nauseabundas, onde á crápula vem juntarse a orgia das] mulheres perdidas? Onde o prostíbulo está em frente da taberna, ao lado o bilhar, e entre o bilhar, o prostíbulo e a taberna, se funde a fêria?

«A desordem e a immoralidade são contra a natureza. Se esses homens não fôsem pobres seriam melhores. Se não tivessem de trabalhar doze horas para comer saberiam lêr. Se tivessem pão e liberdade seriam paes de familia. Olhae as mulheres e as creanças. Termo médio a familia tem quatro pessoas; termo médio o salario é de 400 réis. O trabalhador recorre ao celibato, á prostituição, ás relações illicitas, d'onde resultam os infanticidios (tão frequentes em Portugal como na China) e a roda dos expostos. Quando um homem foi agarrado por esta engrenagem de aço morreu. Ha muitos a quem uma certa energia de character ou uma constituição artistica e sentimental levaram ao casamento e á familia: é então que se encontram quatro pessoas com quatro tostões por dia. A industria offerece uma tentação diabolica: augmentar o salario destruindo a familia. N'esse momento a esposa e os filhos entram na *fabrica*. . .»

A fabrica é para as mulheres e é para as creanças

o sepulcro do pudor, da honestidade e da saude. Emquanto as instituições sociaes não assegurarem á mulher o seu legitimo logar na familia é absolutamente preciso que, pelo menos, a protejam na miseria fatal da fabrica. Porque nas fabricas portuguezas o que succede com a mulher é que, pela sua fraqueza e pela sua ignorancia, ella é no trabalho o escravo do homem. Ninguem entre nós tem lançado os olhos a esses desgraçados destinos obscuros.

A costura que ainda ha pouco era o grande refugio das raparigas pobres desapareceu com a machina de coser. A mulher não pode sustentar essa concorrencia, porque ella não pode, por maiores que sejam os esforços, dar por suas maos mais de 30 pontos por minuto: a machina dá 643 pontos no mesmo espaço de tempo. Para se empregar n'outros serviços precisaria de uma educação preparatoria pratica, para a qual são indispensaveis as escholas profissionaes, que não existem em Portugal. Em França, na Inglaterra, na Allemanha e principalmente na Suecia, as mulheres habilitadas em cursos especiaes têm já muitos empregos uteis na industria e no commercio. Em 1871 havia na Suecia 4:055 mulheres empregadas no commercio e na industria. D'estas 2:675 dirigiam os seus proprios ne-

gocios. Quinhentas e quatro mulheres eram proprietarias de fabricas e de officinas. Além d'isto muitas outras se achavam empregadas nos bancos, nas caixas de socorros, nas companhias de seguros, etc., com emolumentos annuaes variando de 800 a 5:000 rixdalers. No serviço dos correios, dos caminhos de ferro e dos telegraphos, a mulher alarga de dia para dia os seus dominios. A America, a Suecia, o Wurtemberg, offerecem-lhe n'esse ponto de vista as maiores facilidades.

Em Darmstadt muitas mulheres se acham empregadas nas repartições de estatistica com optimos resultados para o serviço publico. Os cuidados aos doentes são um bello emprego para o trabalho das mulheres. Na Hollanda muitas têm sido auctorisadas a tirar diplomas de pharmaceuticos. A profissão medica tem-lhes sido permittida em diversos paizes. Na America, em S. Petersburgo, em Zurich, em Upsala e em várias outras universidades ha um consideravel numero de alumnos do sexo feminino estudando a medicina. Na Sueciá estabeleceu-se pelo Estado um fundo permanente de soccorros para as mulheres que seguem a carreira medica.

A ultima exposição de Vienna veiu provar ainda quanto as mulheres se têm ultimamente occupado das artes industriaes e das bellas artes. Na exposição sueca vê-se no pavilhão dos productos da in-

dustria o perfeito exito com que as mulheres têm cultivado n'aquelle paiz a pintura, a gravura em madeira, a xylographia, a lithographia, a gravura em cobre, a photographia, a cartographia, a pintura em porcelana, a modelagem. Na Suecia concedeu-se-lhes accesso, como aos demais empregados, nos serviços dos telegraphos, dos correios e dos caminhos de ferro. Admittem-as como gravadoras na casa da moeda; muitas são empregadas nas academias, nas impressas e n'outros estabelecimentos como xylographas, impressoras, compositoras, directoras de officina, etc.

Na Suecia ha hoje numerosas escholas, sustentadas pelo governo, pelas communas e por associações particulares, onde ensinam ás raparigas pobres todos os trabalhos femininos do «ménage». Ha escholas especiaes destinadas a formar creadas. Em Stockolmo ha escholas de remendagem, onde as raparigas apprendem a concertar os seus fatos e a sua roupa branca com um asseio e uma arte inexcedivel. As meninas burguezas têm á sua disposição a eschola industrial de Stockolmo, as escholas normaes reaes, o instituto central de gymnastica, a academia real de musica, a academia das bellas artes, os estabelecimentos de instrucção das parteiras e a mesma universidade, onde se ministram subsidios a tres raparigas que estudam por conta do Estado.

Depois da Suecia devem-se citar os Paizes-Baixos e a Austria. Em Vienna a municipalidade fundou em alguns bairros escholas industriaes nocturnas. Sociedades de senhoras estabeleceram escholas profissionais de diferentes ordens. Ha uma sociedade especial encarregada de obter ás mulheres meios de subsistencia (Frauenerwerb-Verein). Além das escholas preparatorias para a instrucção geral elemental e para a instrucção superior, estabeleceu a referida sociedade uma eschola de costura, uma eschola superior de trabalho com um curso de estudos que dura tres annos, uma eschola de desenho industrial, uma eschola de commercio, uma eschola de linguas, um curso especial para as empregadas na telegraphia. Na Hollanda é na eschola industrial de Amsterdam que se instrue a mocidade feminina não só nos trabalhos manuaes, taes como o bordado, costura á mão e á machina, trabalhos de cartonnagem e obras de palha, escripturação commercial, legislação commercial e pharmacia. Na Allemanha do norte e na Allemanha central ha egualmente muitas escholas industriaes fundadas por sociedades especiaes e por outras corporações para a educação das raparigas e das mulheres. Um fabricante de Munich fundou uma excellentes eschola de ensino commercial para as raparigas da classe burgueza e da classe operaria. As mulheres que saem d'esta

eschola encontram immediatamente emprego nos bancos, ou nas casas de commercio.

A Russia resolveu ultimamente facultar a matricula na eschola de medicina de S. Petersburgo ás mulheres habilitadas com determinados titulos de capacidade. Logo depois da promulgação d'esta lei, quatrocentas mulheres se apresentam como candidatos á frequencia da alludida faculdade.

Sabem dizer-nos o que é que, n'este ponto de vista, se tem feito em Portugal? Esperamos que suas excellencias os senhores conservadores se dignarão de responder-nos.

Novembro 1873.

## X

Na Academia Real das sciencias houve o incidente Renan. A rejeição da proposta d'este candidato a socio correspondente na classe de sciencias moraes, litteratura e bellas artes, accordou em toda a imprensa do paiz os protestos mais vehementes e mais unanimes.

Na capital e nas provincias, das entranhas philo-

sophicas da rua dos Retrozeiros e do coração ardente de Bajouca de Riba e de Linguças de Loredello, mais de duzentos philosophos, desfeiteados na sua consciencia de livres pensadores, reivindicaram energicamente os foros da sciencia injuriada.

O mesmo sr. Eduardo Vidal, o meigo scismador e amante, exclusivamente devotado ao lyrio, á mariposa, á cuia de Anacleta e ao azul, arranca para este caso vingador a nota violenta, o sustenido acerbo da theorba sentimental e chorosa, e esquece por um momento a estrella que o chama do intimo dos profundos e pallidos luares, a borboleta que passa nos rosaes floridos, e aquella que foi entrevista esfolhando no lago um malmequer. . . É talvez que enquanto elle, por um instante infiel á musa, envia um osculo ao sabio, a do malmequer refalsada e lubrica se lance aos braços da perfidia! Oh! mas n'esse caso verão como o vate, arrojando de si o escriptor palpitante e nervoso, que elle hoje senta nos joelhos e a que está passando a mão pelos cabellos, volta no folhetim que vem a cravar a ode pungitiva e justiceira no coração de Genoveva desleal!

O proprio sr. Melicio, o cherubim da democracia constitucional, o grande genio philosophico creado entre as lapiseiras e os raspadores das repartições publicas, tragando o fructo da sciencia com as bo-

lanchinhas de agua e sal do *lunch* dos senhores officiaes maiores, não bebendo nunca a inspiração litteraria senão pelos tinteiros de chumbo das secretarias do Estado, elle mesmo, deante do facto da rejeição do sr. Renan, estremece, cobre o rôsto com o panno de limpar as pennas, embrulha-se no rodapé de baeta encarnada da sua banca official, e medita. Pensando bem, Melicio reconhece que tambem elle foi aggravado em sua consciencia de escriptor e de philosopho pela exclusão inflingida pela Academia a Ernesto Renan; elle averigua que nada mais parecido na grande obra scientifica do espirito humano do que a *Vida de Jesus* e as correspondencias de Lisboa para o *Commercio do Porto*; reconhece que Renan em certo modo não fez mais para a reconstituição historica da sociedade judaica e para as origens do christianismo do que copiar os escriptos d'elle Melicio; que Renan não é propriamente nem um orientalista, nem um philologo, nem um ethnographo, nem um archeologo, nem um historiador, mas que o que elle é, simples e unicamente, é um assignante do *Commercio*... E em seguida a estas considerações, Melicio compunge-se, afflige-se, o amor proprio exalta-se-lhe, e em seu proprio nome e em nome do funcionalismo e da classe commercial, elle indignado protesta contra a deliberação academica.

Effectivamente o acto praticado pela Academia não pode ser considerado senão como uma vindicta pessoal e cobarde arrojada ás faces de Melicio e de Vidal. Elles acceitam o repto. A Academia que tremia, porque esta felonía ha de passar aos vindouros, e a historia celebrará com enthusiasmo a coragem inaudita com que Vidal e Melicio, descobrindo a intriga, chamaram a si as favas negras da Academia e as comeram, resignados e valorosos, cozinhadas com as iscas da esperanza e com o paio da indignação!

A Academia, reprovando Renan, não quiz senão perturbar a imprensa distrahindo Vidal e desgostando Melicio! Vilipendio e opprobrio!

Todavia se a Academia não tivesse querido nem desgostar Melicio nem distrahir Vidal, a Academia —devemos confessal-o— deveria achar-se em graves difficuldades votando de modo que nem produzisse esse desgosto nem facultasse esta distracção. A verdade é que, a respeito da candidatura Renan, a Academia não podia ter senão um voto legitimo e logico: —o da exclusão do candidato.

As academias nunca foram associações exclusivamente litterarias e scientificas, senão nos seculos xv a xvii, quando com o renascimento das letras depois de uma longa perturbação dos espiritos, se fun-

daram, ao exemplo da Eschola Palatina creada por Carlos Magno, as primeiras associações dos sabios que então se reuniam mysteriosamente e secretamente para os interesses do saber.

É claro que n'esse tempo, o unico titulo do candidato ao logar de academico não podia ser senão a manifestação da actividade do seu espirito, o seu amor á sciencia e á verdade.

Pouco e pouco as influencias monasticas penetraram no espirito primitivamente livre d'aquelles institutos e as academias tornaram-se theologicas.

Depois vieram as monarchias modernas com os seus systemas disciplinares, centralisadores, auctoritarios, hierarchicos, e as academias passaram a ser corporações officiaes.

São os governos hoje que as fundam, que as disciplinam, e as tornam, moralmente pelo menos, subordinadas ao espirito dos poderes do Estado. Na Academia franceza mandou Luiz XV que por occasião das eleições se lêsse em sessão o seguinte trecho de uma real carta de 28 de junho de 1772: «A minha Academia deve ter em vista que eu prestarei sempre a mais escrupulosa attenção ao exame da escolha que ella fizer nas suas eleições, e que nunca deixarei entrar no seio d'essa corporação pessoa alguma cuja reputação não esteja intacta co-

mo costumes e como probidade, e cujos escriptos e discursos sejam reprehensíveis com relação ás materias de religião e de governo.» Quando não são propriamente os reis os que se exprimem n'estes termos, é o equilibrio e a harmonia das instituições de que as academias procedem que lhes impõem a pratica mais ou menos estreita dos preceitos formulados por Luiz XV.

As academias não exercem perante os desenvolvimentos do espirito humano senão uma função exclusivamente moderadora. Voltaire dizia ao abbade d'Olivet: «Noto que as academias abafam sempre o genio em vez de o excitarem. Não temos nenhum grande pintor desde que ha uma academia de pintura, nenhum grande philosopho formado pela academia das sciencias.»

As academias são em especial encarregadas em toda a parte de conter na obra revolucionaria os arrojos do pensamento inovadar e independente. É ao seu ascendente moral que está confiada a guarda dos principios consagrados, dos velhos dogmas, das tradições em que se baseia a continuidade indispensavel a todas as civilisações pacificas.

Proudhon, que era insuspeito no juizo d'este ponto, entendia que as academias litterarias e moraes representavam na republica do espirito o elemento conservador, e que para esse fim se deviam abster

de entrar no jornalismo e na polemica quotidiana. E assim é. A grande lucta nas idéas novas destinadas a abrir pelo meio das tradições o caminho do futuro não compete ás graves collectividades academicas, mas sim aos individualismos inteiramente livres e independentes. A cada um o seu logar. Eu, auctor d'estas linhas, redactor das *Farpas*, considero profundamente corrompidas, desmoralizadas e cacheticas as instituições portuguezas em cujo seio a Academia Real das Sciencias de Lisboa tem a sua existencia official. Para a Academia como corpo litterario, eu, jarnalista, sou um adversario. Ella e a litteratura que ella representa são para mim um inimigo. Eu, se me propozesse academico, desertava e não merecia senão desdem. A Academia, se escrevesse as *Farpas* trahia, e não merecia senão desprezo. Eu e ella partimos de principios inteiramente adversos, logo havemos de chegar fatalmente a conclusões diametralmente oppostas. Eu daria o meu voto a Renan. A Academia deveria negar-lhe o seu. Esta é que é a logica.

Parece-nos que estão em grande erro os que supõem que as candidaturas de academicos podem ser julgadas pelo simples merito litterario ou scientifico das obras do candidato. Não. O titulo da admissão está para todas as academias na ordem geral das idéas que um escriptor representa. I heo-

philo Gautier, o mais classico talvez de todos os auctores francezes contemporaneos, nunca entrou na Academia por andar embuçado n'uma capa de velludo azul, por ter escripto *Mademoiselle de Maupin* e *Une larme du diable*, e por usar o cabello até á cinta. Proudhon foi rejeitado n'uma academia departamental. Auguste Comte, o creador da philosophia moderna, nem proposto foi nunca ao Instituto de França. Michelet foi demittido da sua cadeira de professor; Renan foi igualmente demittido; Victor Hugo foi degredado: a Academia só por engano poderia ter recebido no seu gremio qualquer dos individuos cujas idéas mereciam estas pennas. Logo Renan, Michelet e Victor Hugo foram da academia franceza por engano. A candidatura de La Fontaine foi muito guerreada, no «seculo aureo» das letras francezas, por causa da indole rabelaiseana dos seus contos; para que a Academia o recebesse foi preciso que Luiz XIV auctorisasse os academicos dizendo-lhes que La Fontaine promettera *ter juízo*.

*Ter juízo!* Este sim, este é que é o grande titulo de uma candidatura academica. Sabem o que é *ter juízo* na accepção official d'esta expressão? *Ter juízo* é possuir o conhecimento das manhas que levam ao proveito, saber evitar o ruido e o escandalo, esconder os pensamentos e as palavras que offendem a tradição e a rotina, fugir da innovação como da

peste, não aventurar nem uma palavra nem uma idéa que não esteja perfeitamente experimentada e garantida, ser sempre classico no estylo, o que dá ao pensamento a tendencia de ser official na opinião. Quando por este tirocinio o homem chega insensivelmente e com a mais perfeita boa fé a não pensar conscientemente mas sim historicamente, quando elle está bem compromettido deante do seu futuro por todas as affirmações e por todos os actos do seu passado, quando elle representa pessoalmente o typo genuino, completo da sociedade official a que pertence, então esse homem é definitivamente um homem de juizo, e é o academico, é o academico portuguez, o academico allemão, o academico francez, o academico de toda a parte.

Ora se o legitimo academico representa em todos os paizes o typo genuino, authenticico, exemplar da sociedade official de que faz parte, vejamos qual é em presença da candidatura Renan a situação em que se encontra o academico portuguez.

No paiz de que o nosso academico é a suprema expressão intellectual e moral, ha uma religião do Estado, que é aquella de que trata o artigo 6.º da carta fundamental da monarchia; esta religião é a catholica, apostolica, romana. Foi n'ella que o academico se creou e que seguiu á risca, como teve de provar em diversas circumstancias da sua vida, se-

gundo as leis. Jurou manter essa religião por successivos juramentos prestados durante a sua carreira: jurou-o como bacharel, jurou-o como deputado, jurou-o como par do reino, jurou-o a cada passo que deu na vida publica.

Sabe além d'isto que pertence ao paiz mais apertadamente catholico. . .

Em que a padroeira do reino é a senhora da Conceição ;

Em que ninguem pode entrar nem mesmo na familia, á qual parece que todos deveriam ter direito, quaesquer que fôsem as suas crenças, sem provar com attestados authenticos o seu bom procedimento religioso, isto é, que vae á missa todos os domingos e festas de guarda, que frequentou os sacramentos, que se confessou pelo menos uma vez em cada anno, e que commungou pela Paschoa da Ressurreição ;

Em que, um dia, tendo-sé annuciado na sala do Casino uma conferencia ácêrca da vida de Jesus, o sr. procurador geral da corôa opinou que tal conferencia apavorava as consciencias, e punha em perigo a tranquillidade publica ;

Em que o sr. ministro do reino mandou fechar as portas do Casino e supprimir as conferencias democraticas pelos motivos expostos pelo sr. procurador geral da corôa ;

Em que deputados sahidos do journalismo, representantes no parlamento da mocidade intelligente e livre, defenderam o acto do ministro que supprimiu as conferencias ;

Em que a maior parte dos jornaes portuguezes foram da opinião da maioria do parlamento ;

Em que o povo de Braga força um coveiro a enterrar á flôr da terra o corpo de um cidadão protestante para que os cães farejem o cadaver e o devorem ;

Em que o mesmo povo obriga a desenterrar o corpo do doutor em medicina José Correia de Sampaio, accusado de heretico, para escarneçer e insultar as suas cinzas ;

Em que os burguezes de Coimbra espancam os estudantes que pateiam uma peça de theatro intitulada os *Santos Martyres de Marrocos* ;<sup>1</sup>

Etc., etc., etc.

Pergunta-se : No paiz onde todos estes factos se dão, em que a opinião publica os admite, em que a imprensa os tolera e em que o governo os mantém, pode porventura um academico, sem receio de perturbar as consciencias, de as insultar até, sem se considerar em hostilidade com o paiz, com as in-

<sup>1</sup> Tanto este facto como os dois precedentes occorreram no presente mez.

stituições, com a Carta, com o parochio da sua freguezia, com a Senhora da Conceição, com os *Santos Martyres de Marrocos*, com o ministro dos negocios ecclesiasticos, com o governo, com o poder, com a auctoridade, votar para seu consocio dando-lhe assim uma manifestação official de consideração, de respeito e de estima, o sr. Renan, que é um heretico? o sr. Renan, cuja doutrina como historiador das origens do christianismo importa nas suas ultimas conclusões nada menos que a condemnação do artigo 6.º, mais a condemnação do juramento, mais a de quem fechou as conferencias do Casino, e dos que incitaram o que as fechou, e dos que o ajudaram, dos que o applaudiram, dos que o defenderam?

Não! Sejamos razoaveis e rectos: a Academia com relação á candidatura do sr. Ernesto Renan não podia logicamente fazer senão o que fez—rejeital-a, embora isto distraia as contemplações do sr. Vidal, e perturbe a mansidão do sr. Melicio. Tenham paciencia!

A imprensa tornou publicos os nomes dos academicos que votaram em escrutinio secreto pela rejeição. Como os individuos indigitados não contestaram a affirmação dos jornaes, devemos crêr que estes disseram a verdade. Assim temos que os academicos contra os quaes tantos clamores unanimes se tem levantado em toda a imprensa são, primeiro,

os srs. marquezes de Avila e de Bolama, visconde de seabra, Martens Ferrão.

D'estes senhores que outra votação podia e devia esperar a imprensa, que tão hostilmente os condemna? Queriam d'elles uma opinião transcendente e scientifica? É impossivel. Elles não podem ter senão uma opinião historica. Não pertencem ao seu proprio espirito, nem á sua propria consciencia. Pertencem ás suas instituições, pertencem ao Estado, pertencem á Carta, pertencem á religião do artigo 6.º, pertencem aos juramentos que fizeram, aos regimens que fundaram, a todos os decretos, a todas as portarias, a todas as consultas, que firmaram com o seu nome. Têm uma longa vida politica e constitucional. As engrenagens do grande machinismo em que se lançaram apoderaram-se d'elles com uma força irresistivel e fatal. Como a todo o homem politico dentro do constitucionalismo portuguez, o espirito de partido conquistou esses homens, e elles morreram para a liberdade. Em toda a questão publica, quaesquer que sejam as suas opiniões particulares, as suas idéas, as suas convicções mais intimas, os seus sentimentos mais caros, elles não podem ser senão d'estas duas cousas uma: ou coherentes, ou traidores. Tal é o dilemma em que se encontram ao cabo da sua carreira publica todos aquelles que se deixaram arrastar pelo systema per-

vertido, gasto, impotente, da sociedade portugueza! Tal é o vicio congenito das actuaes instituições que o cidadão que ellas absorvem ou perde a liberdade e a consciencia, ou perde a dignidade e a vergonha! Ou é o escravo lamentavel dos velhos principios obsoletos, ou é o especulador perjuro da popularidade oscillante!

Respeitemos aquelles que forçados a emittirem o seu voto entre a coherencia impopular e a traição mais facil, não votaram como espiritos esclarecidos, mas votaram como caracteres honestos.

Apoiaram ainda a rejeição os srs. conselheiro Viale, D. José de Lacerda e Innocencio da Silva. O sr. Lacerda é um padre, o sr. Viale é um mystico. São ambos catholicos radicaes e intransigentes na fé e na disciplina. Não seremos nos que os injuriemos imaginando de suas excellencias o que pensava Sylvain Maréchal a respeito de Fenelon e de Bossuet quando dizia que os *suppunha atheus parcequ'ils avaient trop d'esprit pour croire un mot de tout ce qu'ils disaient*. Crêmos pelo contrario que tanto um como outro d'aquelles dois academicos tiveram particularmente em vista os escrupulos da sua consciencia e a salvação das suas almas quando excluíram da sua convivencia academica um escriptor assinalado pela N. S. M. Egreja como uma ovelha tinhosa, e especialmente condemnado como



herege por N. S. P. Pio IX. Parece-nos que ninguem pode com justiça violentar estes senhores a que se precipitem no fogo do inferno por causa da côr de uma fava!

O sr. Innocencio, segundo lêmos nos periodicos que publicaram o extracto das actas, explicou o seu voto. Este academico duvidou da capacidade scientifica do sr. Renan. E eis aqui, entre todos os votos da exclusão, o unico que se pode discutir. Porque devemos crêr que o sr. Innocencio está effectivamente convencido da insufficiencia do candidato, e que o não reprovou só para o facto de reprovar, como fazia Méseray, o qual lançava uma fava preta em todas as votações da Academia franceza «afim de deixar á posteridade um monumento da independencia academica.»

Emquanto estes casos expressivos e memoraveis se passavam na segunda classe da Academia, a primeira classe propunha a candidatura do sr. Renan, julgava as suas obras com a maxima independencia scientifica e conferia-lhe o titulo de socio correspondente, que a outra parte da Academia lhe negara.

Procedendo por esta forma a primeira classe, em cuja maioria dos membros não militam as razões que determinaram o voto dos srs. marquez de Avila, Ferrão e visconde de Seabra, não representa o

puro espirito academico, official e auctoritario, representa o espirito livre, o espirito da Revolução.

Esta dualidade que leva a Academia Real das Sciencias, a primeira corporação intellectual do paiz, a ter a respeito do mesmo assumpto a sua opinião mais a opinião contrária, significa bem evidentemente o estado de contradicção em que actualmentemente se acham todos os espiritos.

Portugal apresenta-nos o aspecto de uma intellectualidade binaria.

Dentro de todo o cidadão que pensa officialmente, que se move, que fala e que escreve no meio fatal dos principios e das instituições de que faz parte, e em que é solidario, como acontece na segunda classe da Academia, está um outro homem consciente cuja razão esclarecida e adeantada se acha já vivendo na verdade e na justiça.

O pensador refuta o funcionario. O homem contradiz o cidadão. A moderna sciencia desmente a velha rhetorica.

Esta enorme revolução compacta e latente no interior da sociedade actual não estala de um momento para o outro, porque a sociedade não se reconhece ainda com as faculdades praticas essenciaes para codificar e disciplinar os principios novos.

Treme-se, e com justos fundamentos, perante a idéa confusa de uma revolta que não soubesse con-

stituir-se em verdadeira revolução. Os revolucionarios temem perturbar inutilmente a ordem e a paz. Receiam ter a responsabilidade dos rebeldes e não ter o prestimo dos organisadores. Questão de tempo. Hesitação proveniente da meia sciencia, que tantas vezes tem lançado os povos nos maiores desvarios. O instante mais critico na existencia de uma sociedade é este, em que ella já a si mesma se refuta, sem saber ainda clara e nitidamente como ha de reconstituir-se e reorganisar-se em novos fundamentos.

Pensem bem aquelles que nos governam na responsabilidade gravissima que n'esta conjunctura lhes cabe!

Estamos todos bem clara e bem positivamente dentro do espirito revolucionario. *In eo vivimus et sumus.*

Se os partidos moderados não forem effectuando lentamente mas progressivamente a revolução pacifica, elles chamarão com o seu desleixo, com a sua ignorancia e com a sua inercia os partidos radicaes a uma revolta, que começará na polemica e terminará na barricada.

O que é o conflicto academico senão a demonstração mais evidentemente patenteada do absurdo funesto de um dos velhos principios do nosso pacto social, o artigo 6.º da constituição da monarchia?

A rejeição do sr. Ernesto Renan é simplesmente o efeito litterario da perturbação geral lançada em todos os negocios pela interferencia do Estado na religião do paiz.

A questão academica é, posto que ligeiramente disfarçada e resumida em pequenissimo ponto, absolutamente a mesma questão que agita hoje uma parte do mundo, perturbando a paz das consciencias, no Brazil, na Allemanha, na Inglaterra, na Russia e até na Suissa, essa republica exemplar, infinitamente mais democratica e mais livre que a dos Estados-Unidos, mas que todavia tem no seu organismo um ponto fraco, que soube evitar a grande republica americana:— a preocupação da egreja nacional e do culto protestante consignado na constituição de Zurich e de outros cantões teutonicos.

A proclamação da infallibilidade do Papa commentada pelo Syllabus foi o imprudente e arrojadissimo desafio lançado do Vaticano á sociedade moderna. As represalias dos partidos liberaes e a reacção insistente e vigorosa do clero são desde 1870 até o dia de hoje a causa dos conflictos ecclesiasticos que estão surgindo por toda a parte entre o ultramontanismo e os poderes civis. N'estas circumstancias tanto os liberaes auctoritarios como os ultramontanos theocraticos são um equal perigo para a segurança dos governos. Os Estados só por meio

de uma neutralidade absoluta na questão religiosa, neutralidade levada até o atheismo, podem salvar e manter actualmenté o respeito devido pelos povos á consciencia humana e a Deus.

Abril 1874.

## XI

O caso do soldado Antonio Coelho, que assassinou o alferes Brito, deu occasião a que todos os jornaes portuguezes puzessem na rua as procissões do seu estylo em honra da *inviolabilidade da vida humana*.

Por toda a parte, na imprensa da capital e na das provincias, no artigo de fundo, nos noticiarios, nos folhetins, um cortejo que passa, levando para a gloria a *inviolabilidade da vida humana*!

Principia-se por uma charanga, na frente, com os tambores cobertos de crepe, um laço de fumo nos trombones. Marcha funebre, passo cadenciado. Os periodos caminham solemnemente pela pagina. As partes da oração vão meditabundas e graves. Velhos verbos patuscos, que ainda o mez antecedente riam alegremente narrando o baile da côrte em

Cascaes, os *pic nics* de Pedrouços é os passeios da Ericeira, pegam ás borlas do pendão, de cabeça baixa, com a lagrima no ôlho. As tenras e innocentes proposições lagrimejam. Os adverbios suspiram. Os pronomes consternados mal podem substituir os nomes. Finalmente os adjectivos mais altos e mais magros, lividos, esverdeados, soturnos, austeros, cheios de ethymologia e de commoção, carregam com o velho andor das catastrophes, levando em cima a *inviolabilidade da vida humana*.

Sómente esta *inviolabilidade da vida humana* não é a mesma em todas as procissões. Uns levam ás costas no seu andor a *inviolabilidade da vida humana* do alferes Brito. Outros levam a *inviolabilidade da vida humana* do soldado Antonio Coelho.

Ora como estas duas inviolabilidades se repellem e se refutam uma á outra, sempre que o prestito da *inviolabilidade da vida humana* do soldado se encontra com o prestito da *inviolabilidade da vida humana* do alferes, ha conflicto. As duas rhetoricas engalfinham-se. O prestito *a* quebra as tochas no dorso do prestito *b*. O prestito *b* emborca os figles na cabeça do prestito *a*. Desmancha-se a solemnidade funeral. Pousam-se os andores no chão. Os verbos mortuarios despem as suas togas. Os adjectivos tetricos arregaçam as mangas da camisa. E os textos latinos meditabundos que acompanham o

cortejo retiram á pressa do nariz, para lhes tornar a servir para outra vez, o rapé que tinham collocado para este acto solemne. As allusões pessoaes, as insinuações perfidas, os aleives disfarçados, as ambiguidades calumniosas, os cumprimentos que escorrem peçonha, toda a força armada, toda a gendarmaria litteraria, toda a policia jornalística, de faca, de box, de casse-tête, desembainha as suas armas prohibidas, e de periodico para periodico travam-se combates sangrentos e crueis.

A *inviolabilidade da vida humana*, questão extremamente complexa, que em toda a parte tem sido ponderada no ponto de vista juridico, no ponto de vista social, no ponto de vista physiologico, teve a imprensa de Lisboa o talento de a reduzir a dois unicos aspectos: o aspecto Antonio Coelho, e o aspecto Brito.

O ponto de vista ministerial dá o aspecto Brito; o ponto de vista opposição dá o aspecto Coelho.

Assim em Lisboa, sem a minima divergencia, sem a mais leve discrepancia, todos os jornaes governamentaes querem que o soldado Coelho seja sacrificado á *inviolabilidade da vida humana* do alferes Brito; todos os jornaes opposicionistas querem que o alferes Brito seja immolado á *inviolabilidade da vida humana* do soldado Coelho.

Não ha alguma excepção a esta regra, que divide os philosophos todos em philosophos do ministerio e em philosophos da opposição? Cousa singularmente expressiva e profunda: não ha excepção nenhuma!

Entre as opiniões desinteressadas dos pensadores é especialmente digna de menção a opinião do sr. Alexandre Herculano.

Sua excellencia, o profundo philosopho, o incorruptivel critico, patenteou-se em uma carta publicada no *Jornal do Commercio*. D'essa carta deprehende-se que a respeito da questão sujeita, — se no exercito tal como elle se acha organizado em Portugal convém ou não manter a pena ultima, e isto não perante a lei, que é expressa, mas perante a razão, perante a sciencia, perante a consciencia humana — sua excellencia o sr. Alexandre Herculano não pensa nada!

Emquanto os engenhos subalternos divagam com as suas affirmações ou com as suas negativas nas regiões confusas do raciocinio, da deducção, da logica, o grande vulto, o mestre, cae perpendicularmente sobre a questão, apodera-se d'ella, empolga-a, vibra-a, dobra-a, apalpa-a, sopra-lhe, cheira-a, faz-lhe caras, e colloca-a outra vez no seu logar com uma grande majestade reticente.

O paiz tinha os olhos fitos em sua excellencia. O grande homem iria certamente falar. Não, sua excellencia ficou mudo, immovel, como se o paiz o estivesse vendo já nas galerias da posteridade, feito de cera, com uma teia de aranha no perfil e com ratos dentro.

Constou que sua excellencia tivera então uma longa entrevista com o sr. D. Fernando. Estava imminente um successo raro, culminante, em que ficaria para sempre empenhada a responsabilidade do poder moderador, poder irresponsavel com os tribunaes constituídos, não irresponsavel deante da historia, nem deante da civilização, nem deante da humanidade.

Era o pae de el-rei, o seu confidente, o seu melhor amigo, quem conferenciava com o primeiro historiador, com o primeiro philosopho, com a mais elevada intelligencia da sua patria. Presumiu-se que o grande homem se desempenharia, n'esse momento, do dever que têm todos os espiritos superiores de não esconderem a luz que possa encarrear a verdade e alumiar a justiça.

Illusão! sua excellencia declara-nos que não conversou com o sr. D. Fernando senão ácerca de assumptos agricolas.

*Questão:* Em face do direito de punir, entre a cle-

mencia e o rigor, qual é na civilização moderna o papel que compete aos reis?

*Opinião do sr. Alexandre Herculano:*— Real senhor! haja vossa majestade por bem plantar chicoria.

*Reparo de sua majestade:*— Amigo! que dirieis se preferissemos haver por bem, em vez de lançar nos nossa real iniciativa ao encontro da immortalidade e da chicoria, tomássemos de nossa régia mão o sceptro de nossos avós e os cominhos?

*Réplica do grande homem:*— Que vossa real majestade faça rolar minha cabeça aos pés do verdugo! Ella aqui está, a minha cabeça encanecida: que m'a decepem!... Oh! mas a eterna verdade nunca a trahirão meus labios, nem deante dos reis, nem deante dos povos. Não receio nem um instante arrostar vossa real colera. Affronto-a. E n'este momento supremo invoco sobre os sete palmos de terra que hão de cobrir o meu corpo o testemunho dos homens e o juizo de Deus... Real senhor! eu reprovo os cominhos! Eu quero dar o meu sangue pela chicoria? Onde é que estão as chicorias, que vou abrir uma veia?

Assim deveriam ter falado suas excellencias... ou suas majestades... por que dizendo-nos outro sim o sr. Herculano que o sr. D. Fernando é um simples particular como elle, sr. Herculano, não sabemos, attenta esta egualdade hierarchica dos dois personagens, que tratamento lhes deveremos dar para não offender a sua modestia nem melindrar o seu orgulho.

Da geral comprehensão da inviolabilidade da vida — comprehensão regeneradora, historica, ou reformista — resultam, como de tudo quanto procede da politica portugueza, as conclusões mais divertidamente insensatas e absurdas.

Por exemplo :

Distinguem-se para os effeitos da severidade da pena os delictos civis e os delictos militares. Quer-se uma lei especial par os crimes do soldado.

O soldado não é um cidadão como qualquer outro. Como a lei do recrutamento permite excluir do serviço militar todo aquelle que tem algum dinheiro, alguma protecção, alguma influencia, o soldado sae naturalmente da classe mais desfavorecida, mais pobre, mais ignorante. O regimento não o torna nem mais educado nem mais instruido. Os habitos e as convivencias da caserna desmoralisam-o cada vez mais, porque a caserna em Portugal é uma

ociosidade com um uniforme, com uma guitarra, com uma doença secreta e com um baralho de cartas.

No paiz ha um determinado numero de jaquetas com botões amarellos que vestir, ha um determinado numero de pares de botas dos senhores officiaes que engraxar, ha um determinado numero de puxões de orelhas dos mesmos senhores officiaes que receber, ha mais uns gravanços com arroz que engulir, uns cigarros que fumar e umas espingardas que pôr ao hombro de alguem defronte de certos portaes e ao pé de certos monumentos.

É civil todo aquelle individuo que tem uma d'estas cousas: uma carta de empenho, um defeito physico, uma certidão falsa ou quarenta libras, — para dar a quem no logar d'elle vista a jaqueta, engraxe as botas, fume os cigarros, coma os gravanços, receba os puxões de orelhas, segure a espingarda, e admoeste o viandante em cujas feições descubra o intuito de depositar corpos extranhos junto dos monumentos publicos.

É soldado todo aquelle que, por falta de quarenta libras, de um defeito physico ou de uma certidão falsa, se vê obrigado a fazer o serviço de que estão exemptas as classes privilegiadas perante as espingardas, as jaquetas, os gravanços, os massos de cigarros, os puxões d'orelhas e as botas por engraxar.

A sociedade estabelece por este modo no seu gremio duas ordens perfeitamente distinctas de cidadãos: cidadãos patrocinados por um privilegio conferido ao dinheiro, ao compadrio, á corrupção e á deformidade physica, e cidadãos condemnados pela fatalidade da pobreza, do vigor da saude e da altura do estalão.

Em vista d'esta desigualdade estupidamente des-humana que separa n'um paiz livre a população civil e a população militar, a lei resolveu benignamente instituir algumas compensações consoladoras. Com este fim estabeleceu-se o fôro militar diverso do fôro civil. Com estes dois foros tudo se equilibra harmonicamente como vamos vêr.

Ha quatro cidadãos de vinte annos cada um: são os cidadãos *A*, *B*, *C* e *D*. *A* é rico, *B* tem um lobinho, *C* dá seis votos ao governo em cada eleição, *D* não tem dinheiro nem lobinho nem votos. Portanto *D* é prêso, arrancam-o á sua familia, á sua profissão, á sua aldeia, aos seus amigos, ao seu futuro, á sua liberdade, e condemnam-o até a velhice a trazer vestido um uniforme, a trocar o nome por um numero, a comer gravanços, a ter um pataco por dia, a dar a sua vida pela patria de *A*, *B* e *C*, e a derramar até a ultima gôtta do seu sangue pela independencia, pela tranquillidade e pela ordem, bases sobre que repousam o dinheiro de *A*, o lobinho

de *B*, e os seis votos eleitoraes de *C*, os quaes tres cidadãos ficam na vida civil, manejam livremente os seus negocios, o seu dinheiro, a sua intriga, e chegam a ser viscondes, conselheiros de Estado ou ministros da corôa na mesma idade em que *D* entra em veteranos com uma perna de pau e um vintem de gratificação.

Seria monstruoso isto, seria o opprobrio da civilização, a offensa de Deus e a vergonha da humanidade, se, como acima dissemos, não houvesse na lei uma dôce compensação consignada nas relações em que durante a sua vida se hão de achar os soldados e os paizanos perante a inviolavel justiça, isto é: se não existisse a differença entre o fôro militar e o fôro civil.

Consideremos factos eguaes em vista d'esses foros diversos.

Imaginemos uma solemnidade civil e uma solemnidade militar: uma récita em S. Carlos e uma revista de mostra.

Se eu não sou soldado estou em S. Carlos, sentado, sob o gaz, fazendo a digestão de uma duzia de ostras e de uma perdiz, alegre, applaudindo a opera com as mãos por cima da cabeça para exhibir as minhas luvas côr de perola. Um dos meus superiores examina-me com o seu binoculo, averigua que tenho uma nódoa na gravata, aproxima-se

de mim e quer tirar-me a gravata. Eu então remu-  
nero o meu superior com uma ou duas bofetadas,  
e o meu superior retira-se.

Se eu sou soldado, estou na fileira, com cinco  
feijões, uma fatia de pão e um litro de agua no es-  
tomago. O meu superior descobre a minha nódoa,  
arranca-me a gravata e dá-me com ella na cara. Ou  
eu lhe respondo, ou não lhe respondo. Se não lhe  
respondo tenho apenas quatro guardas de castigo.  
Se lhe respondo tenho um mez de calabouço. Se  
lhe tiro a gravata d'elle, que tem seis nódoas em  
vez de uma, recebo tantas balas no peito quantas  
as nódoas que elle tem na gravata.

Eis a differença mantida pela lei entre a jurispru-  
dencia civil e a jurisprudencia militar.

Outra differença:

O amanuense Elias adormece a copiar um officio  
em cima da mesa da sua secretaria. — Está doente  
o amanuense Elias, está succumbido de fadiga, de  
canção. Vá para sua casa repousar o amanuense  
Elias! Copie o officio o amanuense Eloy!

O soldado 23 da 4.<sup>a</sup>, adormece a fazer uma sen-  
tinella encostado á sua espingarda: foi atraçoada a  
patria pelo 23 da 4.<sup>a</sup>; cahiu uma nódoa indelevel  
na honra militar, no brio guerreiro, no pavilnãõ na-  
cional!

O biltre 23 da 4.<sup>a</sup>, o infame, o traidor, o cobarde

23 teve o impudor de adormecer, estando-lhe confiada a guarda das immunidades nacionaes, a segurança publica, a tranquillidade dos cidadãos, o somno sacrosanto do amanuense Elias e o improbo trabalho do amanuense Eloy! Trinta dias de calabouço, trinta guardas de castigo, o desprêzo publico e a vergonha eterna para o 23 da 4.<sup>a</sup>!

Educa-se o soldado no desprêzo da vida. Ensina-se-lhe que a morte é o mais natural incidente da sua carreira gloriosa. E preciso que elle encare a morte rôsto a rôsto, sem impallidecer, sem se lhe contrahir um musculo na face, sem lhe bater a mais uma só pulsação. Que importa a morte de um soldado? A revolução franceza matou dez mil homens para salvar a liberdade: chamou-se a isso o *terror*; e todas as nações choraram; Napoleão matou dois milhões de soldados para saciar a ambição: chamou-se a isto a *gloria militar*, e todos os povos estremeceram de enthusiasmo.

O soldado vive na fé d'estes dogmas. Não ha exercitos sem a religião d'esta doutrina. O publico sabe muito bem que assim é. No emtanto succede o seguinte: O gatuno *Pêra Cozida* mata tres homens á navalha em uma esquina da Mouraria ou do Bairro Alto; o publico quer que *Pêra* morra das febres putridas na Africa, mas não supportaria de

nenhum modo que *Pêra* fôsse enforcado deante dos outros gatunos no alto da Cotovia. Porque não? Para não aterrar o povo, para o não desmoralisar com exemplos de morte.

Por outro lado um soldado mata um official. O publico não quer que o degredem, quer que o matem no mesmo quartel em que se deu o crime, á vista dos seus camaradas, encostado a um muro. Para que?... Oh! para dar um exemplo! para aterrar o exercito!

Mas, vejamos, definitivamente, meus senhores... Como é que querem o exercito? querem-o aterrado para manter a disciplina? ou querem-o desdenhoso para ganhar as victorias?

O espectáculo da morte é um exemplo proficuo ou é um exemplo funesto? Se é um exemplo proficuo, porque se não dá esse exemplo aos confrades de *Pêra Cozida*? Se é um exemplo funesto, por que não privam d'esse exemplo os camaradas de Antonio Coelho?

Quem tem por officio esporear um cavallo para cima de um quadrado, desembainhar uma espada ou calar uma boioneta ao encontro de um regimento, perde tudo se perder o seu desprêzo pela vida; quem não tem esse officio não perde nada se se lhe incutir o terror pela morte. Como se explica então que se queira abolida a pena ultima para não ate-

morisar o povo, e se mantenha o fusilamento para atemorisar o exercito?

Qual querem que seja o effeito da applicação da morte no espirito dos soldados?

Querem que elles tenham a commoção nervosa do susto burguez? Ou querem que elles tenham a indifferença desdenhosa do guerreiro implacavel?

Mas, se elles têm a commoção burgueza, acabou-se o exercito! Se elles têm o desdem impassivel, acabou se o exemplo!

E, em ambos os casos, d'estas duas cousas uma: ou falha a licção que destinaveis dar aos soldados, ou falham os soldados destinados a receber a licção.

Fis dois individuos objecto da distincção juridica entre os crimes militares e os crimes civis: o soldado Antonio Coelho e o marechal Bazaine. Ambos elles estão n'este momento em Lisboa. Um, encarcerado n'uma prisão, incommunicavel, coberto pelo desprezo e pela repulsão publica, esperando uma sentença de morte. O outro, hospedado no hotel Bragança, com seus filhos, com sua esposa interessante, celebre pela aventura complicadamente dramatica de uma evasão celebre.

Todos os jornaes d'esta manhã se occupam egualmente do soldado Antonio Coelho e do marechal Bazaine. Discute-se se morrerá ou não o soldado,

se irá ou não jantar a Cintra o marechal. Um periodico quer que Antonio Coelho morra, e diz que Bazaine tem bigode e pêra. Outro periodico refere que Bazaine e sua mulher deram uma esmola ao Senhor dos Passos da Graça, e que o processo de Coelho subiu ao supremo tribunal.

O ex-soldado do 2, só com o lugubre phantasma do seu crime, na escuridão pavorosa do seu carcere e da sua estupidez, prostrado como um lobo ferido que se vê cercado pelos cães e pelas clavinas dos caçadores, está agachado no vertice d'esse estreito angulo pavoroso da vida, em que o homem sossobra sob o impotente desespêro, essa suprema fôrça irresistivel e implacavel feita de infinitas trevas e de infinito silencio. O ex-marechal de França passeia ao largo sol com sua familia e os seus amigos, respira a briza penetrante do oceano no meio do alegre movimento dos tombadilhos, percorre as brancas estradas em caleche de viagem, vendo passar, como uma festa, através do fumo azul de um bom cigarro havanez, as aldeias lustrosas em que cantam os gallos; os muros das quintas pintados de amarello ornados de vasos com flôres; as eiras dos casaes em que se levantam as medas; os portões de ferro através dos quaes se descobre um cacho de creanças de bibes brancos e chapéos de palha descendo a escada de pedra; os alpen-

dres dos ferradores, cobertos de pombas; os densos pinhaes murmurados e balsamicos; os olivedos em que assobiam os melros; os prados verdes em que se sentam saciadas, a olhar para o caminho, as grandes vaccas pacificas.

Ah! que dois tão oppostos destinos, o do ex-marechal Bazaine e do ex-soldado Coelho!

E todavia elles são dois criminosos.

Que madame Bazaine nos perdôe estas palavras brutaes, se os seus negros olhos mexicanos se encontrarem com esta pagina obscura, através da renda azul do seu véo de viagem! Que nos perdôem os seus pequenos filhos, aos quaes nós enviamos os nossos beijos mais dôces, se esses loiros innocentes chegarem a dilucidar com as suas boquinhas semi-hispanholas estas lettras barbaras!

Mas a verdade é que o ex-marechal e o ex-soldado são egualmente dois criminosos.

Um está debaixo da acção inclemente da fôrça; o outro está sob a aza benefica da liberdade. Um ainda não foi julgado; o outro já o foi. O soldado é um accusado prêso; o marechal é um condemnado fugido. Um roubou a vida a um homem, segundo a accusação que lhe pesa; o outro, segundo a sentença que o julgou, roubou a honra a uma nação, roubou o valor a um exercito, roubou a gloria a um povo.

Como porém Coelho commetteu um crime militar, o soldado é condemnado á morte, em vez de ter a pena de degredo que caberia a qualquer outro cidadão accusado de homicidio!

Como porém Bazaine commetteu um crime militar, o marechal de França faz alegremente a viagem da Peninsula, acha o Tejo formoso, janta no Victor, sobe ao zimborio da Estrella, dá esmolas ao Senhor dos Passos da Graça... em vez de ser filado pela policia e mettido no Limoeiro como um *escroc!*

Se o crime pelo qual o marechal Bazaine foi condemnado a vinte annos de prisão tivesse ferido unicamente os interesses e a honra de um individuo, este accusal-o-hia de abuso de confiança e de bur-la, e mandaria agarral-o pela policia em qualquer parte da Europa em que elle apparecesse. Como o crime de Bazaine comprometteu os interesses e a honra de milhares de familias e de milhões de individuos, o crime militar do celebre marechal de França toma a qualificação de *crime politico*, a neutralidade das nações respeita a inviolabilidade do criminoso, e os jornaes portuguezes em vez de incluirem o nome d'elle nas partes policiaes registam-o na lista dos viajantes illustres.

D'este modo a subtil distincção entre os crimes civis e os crimes militares estabelece dois singula-

res privilegios: um para os soldados prêsos assegurando-lhes a morte, outro para os marechaes fugidos assegurando-lhes a liberdade.

Esta distincção, diz-se, tem por fim salvaguardar a disciplina na organização do exercito. Como se a disciplina fôsse um attributo exclusivamente militar! Como se no resto da sociedade se dispensasse a disciplina! Como se só os ventres dos majores devessem estar pela lei a coberto da contingencia de serem surprehendidos pelas armas dos malfeitores! Cuidarão os srs. majores que nós outros não temos ventre?... Oh! como os srs. majores se enganam!

Sempre que um soldado attenta contra os dias do seu superior, a opinião occupa-se da disciplina militar, e affirma-se que é preciso fusilar um soldado para estabelecer a disciplina. Não nos consta que se houvesse ainda pensado n'uma cousa, aliás extremamente sensata: fazer o contrario do que se pretende fazer, isto é: em vez de fusilar os soldados para organizar a disciplina, organizar a disciplina para não fusilar os soldados.

A ultima vez que tivemos o desgosto de vêr uma caserna foi o anno passado, pelo verão, tendo entrado por acaso na Torre de S. Julião da Barra. Achamo'-nos á porta de uma especie de barracão

formado entre duas muralhas. Entramos. Havia um cheiro nauseabundo de marmitta e de cigarro. A luz entrava debilmente por umas estreitas frestas envidraçadas junto do tecto negro como o soalho. Ao longo das paredes, duas filas de camas de ferro; ao meio, uma passagem communicando a porta da entrada com a da sahida. Eram duas horas da tarde. Em cada uma das camas estava deitado um homem, desabotoado, meio nú. Uns dormiam. Outros, acordados, de costas, com as mãos cruzadas por detraz da nuca, olhavam para o ar, ou contemplavam os pés, de que tinham descalçado as botas. Um tocava o fado. Todos aquelles individuos eram perfeitamente indifferentes á presença de uma pessoa extranha dentro d'aquelle recinto. Nenhum vislumbre de pudor ou de recato. Elles jaziam allí, esperando o rancho, cuido eu, na impassivel inercia da atonia ou da imbecilidade. Deixavam-se olhar, como se para esse expresso fim se achassem expostos á curiosidade publica, como os mendigos que mostram a nudez dos seus aleijões á beira das estradas

Passamos pelo meio d'elles de vagar, examinando-os um a um, como passaríamos por entre bichos na galeria do Jardim das Plantas, levando o nosso chapéo na cabeça, um charuto nos beiços, as mãos nas algibeiras.

Tal é no quartel a existencia e a educação do soldado portuguez.

Fora do quartel o soldado ou faz sentinella aos edificios publicos com uma espingarda ao hombro, ou faz namoro ás creadas de servir com um anel de ouro no dedo.

Este anel, a que se chama um *cachucho*, e que faz parte do equipamento do nosso exercito em pé de paz, deveria figurar na despesa do orçamento geral do Estado. Porque, em verdade, o exercito não custa sómente ao paiz quatro mil contos, custa quatro mil contos mais quatro mil cachuchos por anno. Sómente como o Estado, não sabemos porque, entendeu não dever pedir directamente ao contribuinte os cachuchos do exercito, são as cozinheiras encarregadas de fornecer esta importante parte do armamento á fôrça publica, cobrando ellas mesmas do paiz, por meio de successivas gazufileações no tempêro das panellas, este imposto addicional, a que podemos chamar — a contribuição secreta do cachucho.

Ora com a educação da caserna a que acima nos referimos, quaes querem que sejam no cerebro do soldado portuguez as idéas do dever, da honra, da dignidade, do brio, de todas as mais cousas brilhantes e sonoras, de que elle não houve falar senão nos conselhos de guerra, exactamente quando se

trata de o fazer abandonar a fileira para o mandar para a prisão ou para o degredo?

Convém saber se os exercitos permanentes, que são uma invenção do seculo XVI destinada a defender as monarchias e a manter as nacionalidades, são ou não são uma necessidade social no seculo XIX; se a humanidade pode logicamente absolver-se de se infligir a si mesma, nos nossos dias, esta horri-vel amputação das suas fôrças vivas, que se chama a organização militar; se é util, se é mesmo licito, dizer-se a um paiz: todos os teus homens mais vá- lidos, mais fortes, mais robustos serão soldados; como soldados viverão separados da familia, no amor livre, na devassidão dos costumes, na incon- tinencia, na crápula, guardando o celibato como o guardam os padres, aos quaes se exige egualmente que não tenham doenças organicas nem deformida- des phisicas; de modo que, ó paiz, sequestrando-te para o celibato do exercito e para o celibato da Egre- ja os teus homens sãos, ficam-te pertencendo para a familia, para a continuidade da raça, para tron- cos da futura geração, os aleijados, os tísicos, os corcundas, os que não foram vaccinados, os que têm escrofulas, os que têm escorbuto. Estes se- rão os paes dos vossos filhos. Os outros, os sadios e os fortes, serão a vossa egreja e o vosso exercito,

os primeiros para ouvirem os peccados das vossas mulheres, os segundos para receberem os cachuchos das vossas creadas.

Se é preciso que este estado de cousas se mantenha, então que o exercito se organise como deve ser. Que o imposto do sangue recaia na mocidade inteira. Que se decrete o serviço militar obrigatorio, irremivel por dinheiro.

Desde o momento em que os mancebos que têm a educação, os habitos civilisados, a cultura do espirito, pegarem nas armas, como succede agora unicamente aos proletarios, aos ignorantes, aos desvalidos, desde esse momento o exercito disciplinar-se-ha por si mesmo; converter-se-ha n'uma eschola de educação nacional; formará o espirito publico. Se no destacamento que vimos na Torre de S. Julião estivessem como soldados um medico, um capitalista, um pintor, um titular, um advogado, um escriptor publico, o destacamento não seria aquartelado na especie de curral em que o vimos; teria, como deve ter, aposentos tão commodos como os dos senhores officiaes, para que os soldados podessem collocar os seus objectos de *toilette*, os seus utensilios de trabalho, para se occuparem nas horas vagas do serviço, os livros, as escrevaninhas, os cavalletes, as caixas de tintas, etc. Deante dos seus camaradas que trabalhassem, que tomassem banho,

que escovassem os dentes, que estivessem concluindo um quadro, escrevendo um artigo, compondo um livro, fazendo umas calças, concertando um relógio, cinzelando uma joia, nenhum soldado se atreveria a tomar as attitudes em que vimos a guarnição militar da Torre de S. Julião.

Cada um aprenderia a ter o respeito do seu semelhante e de si mesmo.

Os srs. officiaes deixariam de tratar por tu os seus subalternos, perderiam o habito de lhes mandar servir o chá, engraxar os botins e lustrar as esporas, e abster se-hiam de uma vez para sempre de lhes dar cannelões e de lhes puxar as orelhas; porque seis mezes depois da instituição de serviço militar obrigatorio estaria comprehendido em todo o exercito que as orelhas de um soldado são tão inviolaveis como as dragonas de um marechal de campo; que a dignidade militar não pode deixar de ter por base a dignidade humana, e que todo aquelle que tem á cinta uma baioneta e se deixa impunemente esbofetear por quem quer que seja, está, pelo brio da sua alma e pelo decoro da sua pessoa, abaixo da simples besta.

A pena de morte applicada ao soldado Antonio Coelho para desaggravo da disciplina militar repugna-nos pois como absurda. Não nos repugna po-

rém a applicação da pena de morte como pena geral do homicídio.

Nunca, desde os nossos mais tenros annos até hoje, pudemos comprehender as razões poeticas e sentimentaes dos que aboliram ou querem abolida para os malféitores a pena ultima.

Para os homens de bem a morte persiste consagrada como uma solução social do dever e da honra. Os homens dignos e honrados morrem no duello e morrem na guerra. Ninguem chora por elles, ninguem se sensibilisa, ninguem contesta o direito que houve de os matar, ninguem pensa em reorganisar a justiça de modo que fique para sempre supprimido o combate. Todo o homem de pundonor e de brio, deliberado a manter e a honrar deante dos homens e deante de Deus as cousas sagradas que cada um de nós tem sob a guarda da sua intelligencia e do seu braço — a liberdade do seu pensamento e o affecto do seu coração — todo o homem disposto ao cumprimento d'este dever sacrosanto tem de estar friamente e consciente preparado em cada dia para receber a morte. Não é somente a morte espectacular e theatral pela honra, conferida no campo em uma fria madrugada, defronte de um vulto negro que se destaca sobre o azul, entre dois sujeitos taciturnos, abotoados nos seus paletots, e que batem as palmas. É a morte pelo dever, ignorada e

obscura, que nós sentimos no fundo no nosso gabinete, da nossa officina ou do nosso escriptorio, caminhando inexoravelmente para nós, suffocando-nos mais estreitamente em cada dia com o excesso do trabalho, com a insufficiencia da alimentação, com as dôres moraes. É a morte pela fadiga, pela pobreza, pela desesperança, — males da razão contrariada, do sentimento opprimido, do character calumniado, que trazem comsigo as lesões dos centros nervosos, as enfermidades sem cura.

Registam os jornaes em cada manhã os homicídios com as facas de ponta, os suicídios com o veneno. Não se registam os homicídios perpetrados com a calumnia, com a injustiça, com a indifferença social, nem os suicídios praticados pela mais terrível das armas que o homem pode voltar contra si mesmo — a tristeza moral, o desgosto de viver. Seria enorme, se o fizessem, o catalogo d'esses attentados de cada hora contra a inviolabilidade da vida. Na guerra quantas execuções summarias sem forma de processo e sem culpa! quarenta mil innocentes em Sadowa, quarenta mil em Magenta, quarenta mil em Sedan, — um milhão e duzentos mil homens no vigor da idade, na plenitude da fôrça, mortos em tres dias!

A violação da vida pela miseria e pela fome, a violação da vida pela guerra, — duas torrentes do

sangue e das lagrimas de metade da humanidade, á beira das quaes se levanta o sentimentalismo judicial invocando a nossa compaixão... para quem? Para os que se sacrificaram pela sociedade, pela patria, pela honra, pelo dever? Não. A nossa compaixão, a nossa dôr, a nossa sensibilidade requer-se-nos em favor de Tropmann, de Barnabé, de Antonio Coelho ou de qualquer outro assassino encarregado de vir de quando em quando á publicidade fazer chorar as gazetas!

Oh! sim, choremos de remorso pelos srs. assassinos condemnados á morte, dizem os criminalistas sentimentaes, porque a sociedade não tem o direito de os castigar. O crime é uma fatalidade physiologica, é uma doença moral. Assim como vem á pelle um furunculo, assim o crime vem. Que é que se deve fazer ao criminoso! Pôr-lhe pomada alviss ma.

E para isso que se crearam as prisões penitenciaras, que são os hospitaes dos criminosos. Ahi se recebe o doente de crime, convenientemente agasalhado e mantido, á espera de que a reabilitação lhe chegue para regressar ao gremio social. Não ha nada mais humano. Sómente, eu que escrevo estas linhas, no fundo do meu coração, experimento um sentimento que me parece um pouco humano tambem, e vem a ser:

Que nunca mais eu teria na terra um minuto de

repouso, um instante de socêgo emquanto aquelle que friamente e expressamente houvesse assassinado meu pae ou meu filho, se achasse tranquillo no seu gabinete, sentado deante da physiologia, á espera de que a reabilitação lhe viesse; e, por consequencia, eu preferiria, em vez de entregar o assassino ao regimen emolliente da justiça humanitaria, aquartelar-lhe na cabeça as cinco balas do meu revólver, e em seguida ir reabilitar-me eu. Isto é o que profundamente sinto a respeito d'aquelle que assassinasse em minha casa.

Depois d'isso occorre-me se me será permitido ter uma opinião diversa ácerca dos que assassinam os paes ou os filhos — dos outros.

## XII

No primeiro baile da côrte dado este anno no palacio da Ajuda, sua majestade el-rei apresentava o symptoma sociologico de uma casaca azul de botões amarellos.

O referido estado amarello com botões azues...  
Digo: O referido estado azul com botões amarellos

de sua majestade deu vivos cuidados a todos os cortezãos, pares do reino e pares dansantes. Pela razão que: Sendo a casaca de casimira preta considerada até hoje obrigatória, que razões poderiam ter levado el rei a adoptar tumultuariamente, contra as praxes estabelecidas, a casaca de côr com botões de metal relaxada do uso das salas á especialidade equestre, á *toilette* de circo olympico? Por que motivo, não sendo o baile nem de mascarar nem de costumes, se achava o soberano vestido de *riding-master*? Iria sua majestade dansar os lancheiros a cavallo?! Iria, no intervallo da valsa e do charope de framboezas, exhibir em pleno salão, entre os espartilhos palpitanes e os pallidos hombros nus, as proezas de um poldro adestrado na alta eschola?! Projectaria empunhar um pingalim, postarse por baixo do lustre e dirigir um volteio hippico, um *steeple chase* da côrte atravéz de arcos forrados de papel?!...

Tudo era licito esperar sem maravilha e sem surpresa do symptoma azul com botões amarellos de sua majestade, e o baile todo apresentava o especial aspecto entalado, natural em quem tem atravessada na garganta uma casaca de el-rei.

Eram esperados novecentos convivas e apenas compareceram quatrocentos e tantos. Assim, na

provisão dos viveres, houve um enorme saldo em favor da corôa. Montes intactos de bôlos sobre-excedentes perpassavam nas bandejas por entre as barretinas boquiabertas suspensas do braço esquerdo dos srs. officiaes do exercito, e as barretinas bocejavam de desdem perante as iguarias que debalde tentavam excitar-lhes a avidez saciada!

Felizmente, o confeitiro que fornecera os bôlos, representante illustre da cidade de Lisboa, assistia ao baile; tomava parte nas reaes quadrilhas; as senhoras cumprimentavam-o pela delicadeza dos seus productos, e quando elle dizia:

— Condessa, faz-me a honra da seguinte contradansa?...

Uma fina voz aristocratica, acompanhada de um soberano e complacente sorriso, respondia:

— Com prazer: estão deliciosos os seus bôlos de ovos!

De modo que o confeitiro, captivo de tão amavel acolhimento prometteu desinteressadamente aceitar os fornecimentos que sobejassem.

No segundo baile a concorrência foi maior. Como era segunda-feira gorda e os convites haviam sido collectivamente feitos por via de um annuncio no *Diario do Governo*, meio mundo se julgou con-

vidado, e mal chegaram as carruagens de praça para deporem no átrio do palacio da Ajuda os cavalheiros desconhecidos para os quaes o baile da côrte em Lisboa, como o baile dos cabelleireiros em Paris, era uma occasião unica de *frequentar a sociedade*.

Consta que sua majestade el-rei, dizendo-se-lhe que as carruagens de praça não cessavam de arrojarse sobre o seu real tapete, ao meio das filas das suas alabardas, convidados ignotos, respondera *democraticamente* que fôsem recebidas todas as pessoas que se apresentassem,—absolutamente com a mesma ausencia de etiqueta e de escolha que presidia aos antigos bailes dos pretos.

Sua majestade será certamente assaz magnanimo para nos conferir a permissão de dizer-lhe que n'este caso confundiu extremamente sua majestade o que sua majestade suppoz ser as *praxes democraticas* com o que é simples e unicamente uma opinião pessoal e um uso exclusivo da côrte da rainha Jacintha.

Nos salões democraticos procede-se de um modo diverso. Infinitamente nos lisonjeia que a honra de havermos entrado algumas vezes em casa dos nossos amigos nos permita esclarecer n'esta parte a confusa opinião da corôa.

As casas de nós outros não se abrem como a de sua majestade á avidez do primeiro que chega, com uma gravata branca e a commenda de Christo na casaca, a pedir par para uma polka.

Na sociedade democratica — visto que sua majestade ha por bem dignar-se de imital-a — cumpre-nos dizer que se não accendem os lustres, que se não empoam os creados, que se não desenrola o tapete, para ir ao estribo das tipoias acolher todo o pé de boi a quem appetiteça desenferrujar-se na companhia fina dos melindrosos pés das nossas mulheres. Ellas não calçam os seus escarpins de setim para os confiarem aos contactos da valsa requerida, ao acaso do *cotillon*, por individuos que não conhecem, por um deputado rural que não lava os dentes, por um official da Alfandega cujas mãos suam através das luvas, ou por um conselheiro gordo, typo suino, que comeu alho ao jantar.

As recepções nos salões democraticos são um titulo de alta consideração e de especial apreço que se não confere por edital a todo aquelle que fôr mais de alferes na categoria militar ou mais de amanuense na categoria civil.

Na sociedade democratica os bailes servem precisamente para demonstrar que, na ordem das differenças que distinguem os homens, ha merecimentos essenciaes extranhos ao criterio que estabeleceu

as referidas categorias; isto é: que se pode possuir um bello titulo nobiliarchico, seis commendas e um par de dragonas, saber-se perfeitamente ou imperfeitamente commandar uma brigada, pode-se representar um circulo, dirigir uma repartição do Estado, e ser-se, apesar de tudo, inapto para entrar n'uma sala.

As salas são destinadas a aferir a distincção das maneiras, o gôsto da *toilette*, a nobreza do porte, a arte da conversação. Os reis fazem bem em manter na maxima pompa o prestigio d'esta especie de convivencia. A decadencia dos salões condiz sempre com a decadencia das monarchias. Em França, á creação dos *clubs*, que separaram os homens das senhoras, tornando os costumes muito menos amáveis e muito menos polidos, seguiu-se a primeira republica. Os primeiros indicios da grande revolução foram notados pelos diplomatas e pelos chronistas da época na declinação das maneiras e da *toilette*.

Jefferson escrevia de Paris em 1786: Nada mais raro do que encontrar hoje na sociedade alguem que esteja *ce qu'on appelle habillé*.

As senhoras chegavam a apparecer nas reuniões em *robe de chambre*.

O principe de Montbarey conta que ninguem usava condecorações.

Um historiador, Soulavie, refere que começava

a ser impossivel distinguir uma duqueza de uma actriz.

Segur, que estremecia de bem fundados receios deante d'este estado de cousas, exclama nas suas memorias: «Os desgraçados não viam que os *frocs* substituindo os amplos e majestosos vestidos da antiga côrte presagiavam uma tendencia geral para a egualdade!»

Portanto, quer como simples particular, quer como soberano, quer como politico, parece-nos que sua majestade el-rei procede de um modo ligeiramente errado menosprezando a *toilette*, ácerca da qual tão preciosos conselhos lhe têm sido dados pelas *Farpas*; feehando os olhos á etiqueta; organisando finalmente bailes a que vae toda a gente sem distincção das superioridades que dá a educação, a intelligencia ou o character.

Como soberano, este facto é extremamente nocivo a sua majestade e á politica do seu governo, porque enfraquece um dos esteios das monarchias; o culto da alta elegancia, a influencia da côrte nas modas, nos costumes, nas maneiras, na conversação, na lingua e na arte.

Como particular, como simples cavalheiro, como democrata, sua majestade, dando bailes em que recebe todos aquelles individuos que tomam a liber-

dade de se considerarem convidados para isso, perde um excellente ensejo para distinguir e para obsequiar os seus verdadeiros amigos, e sujeita a sua familia ao desprimor das intimidades de loteria, á sorte do *cotillon*, intimidades que pelo contrario deveriam ser tanto mais difficilmente conferidas quanto mais perfeita é a distincção elegante d'aquelles que as permittem.

Cingir a cintura de uma senhora e dar com ella uma volta de valsa é sempre um privilegio que se não confia á sorte senão nos circulos dos homens mais escrupulosamente escolhidos. Quando a senhora é uma rainha, esse privilegio toma o character da mais subida honra e da mais alta recompensa que o merecimento de um homem pode receber n'uma sala. Faz pena pensar que, segundo o criterio de que o paço deu o exemplo na noite da ultima segunda-feira gorda—dia que ficará memoravel nos fastos do dandysmo como o da maior derrota que tem soffrido a elegancia—os titulos a esse privilegio e a essa recompensa sejam, para todo aquelle que se apresente, as côres de uma bandeirola!

E nós—nós pobres plebeus imaginativos e credulos—nós que tanto pensavamos em ir descobrir outra vez a India, não para que nos agraciassem com um titulo de duque—como certamente nos fa-

zem a justiça de acreditar — mas sim para termos o direito de esperar que sua majestade a rainha nos concedesse tres compassos de valsa, da nobre valsa allemã, grave, cadenceada, e leve, a tres tempos, com musica de Strauss ou de Schouloff, fresca, matinal, vivaz, ligeira, como a cotovia que pousa, cantando, á beira da agua, sobre a relva humida.

E imaginavamo-nos, victoriosos, voltando dos descobrimentos e das conquistas, deixando á porta do paço, em vez de um *coupé* da companhia, trescentos elephantes carregados de pó de brilhantes e o nosso carro de ouro puxado por seis parellas de reis, uns pretos, outros brancos, todos captivos, tributarios, arrastando algemas.

E nós, então, projectavamos dobrar o nosso joelho, collocar sob os pés de sua majestade a nossa corôa de louros, a nossa espada triumphante humildemente beijada pelos sultões mais orgulhosos e pelas sultanas mais bellas, e como o *king* campeão, galante e valoroso, offerecer á delicada mão que se dignasse de apoiar-se por um momento ao nosso hombro — um reino por cada dedo!

Visto porém que entra no paço quem quer, que dança todo aquelle em que cae a sorte; — não!

Ahi têm um mundo novo: fazemos-lhe presente d'elle!

Ahi têm a India: podem guardal-a com as suas luvas e as suas rendas, n'uma gaveta!

Ahi têm os reis captivos e tributarios; mettam-os n'uma gaiola, com o seu poleiro, e não se esqueçam de lhes mudar todos os dias o suor do povo nos bebedoiros!

Ahi têm a nossa espada invencivel para aparem os seus lapis!

Ahi têm o louro da nossa corôa para o seu môlho verde, para os seus escabeches!

Ahi têm tudo, com todos os nossos respeitos, com todas as nossas reverencias!

Sómente, em quanto á valsa, — não!

Muito obrigado, mas não. Estamos comprometidos!

Cedemos a nossa vez a suas altezas os mui illustres principes que deixaram lá em baixo no páteo ao pé do nosso carro de guerra e de triumpho as suas galochas de borracha.

Cedemol-a áquelle sujeito que além vêmos com uma mobilia estofada de vermelho por dentro do peito transparente da camisa... Elle arregala para nós os seus olhos gulosos, de vitello desmammado... Terrivelmente afiladas e bicudas, as orelhas da sua gravata branca nada presagiam de bom... Elle coça a cabeça e afiambra a perna... Elle prometeu uma dansa de roda aos seus callos, que só de-

baixo de tal promessa consentiram em caber-lhe, quasi todos, nos botins... Elle adeanta-se mesu-reiro e solicitante... Elle é o deputado por Bajoi-ca de Riba, e traz luvas—contra vontade d'ellas, mas tral-as! Traz tambem casaca—uma casaca que parece estar a agarrar n'elle pelos sovacos para o pôr em cima dos armarios mas que emfim con-sente em o deixar andar pelo chão com a condição de fazer elle alguma fôrça para baixo, condição que elle cumpre segurando-se com as mãos ambas ás algibeiras das calças. Sobre isto, dá-lhe um ar de grande opulencia a mobilia de estôfo vermelho que traz no seio por baixo da camisa, e são talvez os sofás da sua sala de visitas em Bajoica! Final-mente, a não ser que estale, parece-nos estar pre-parado para figurar condignamente nos salões até as cinco horas da manhã, que é quando os da esta-lagem abrem a porta para o receber e para tomar o pão.

Tal homem deseja a valsa. Deseja—dizemos?! Não. Exige-a. Exige-a em seu nome, em nome da Carta, em nome do systema representativo e em nome de Bajoica.

Que lh'a dêem! Nós retiramo'-nos. Boa noite meus senhores.

Fevereiro 1876.

## XIII

Dizem os jornaes e repetimol-o nós—porque é este o facto culminante da chronica do presente mez—que no dia da segunda-feira de entrudo subiram as transacções sobre hypothecas no Monte-Pio Geral á quantia de 300 contos de réis!

Quem foi que pediu emprestada esta avultada somma? Não foram as pobres creaturas imprevidentes do *Demi-Monde*, porque em Lisboa não existe essa especie de classe social; e a classe que em Lisboa substitue o *Demi-Monde* não tem joias que empenhar no Monte-Pio Geral para dar ceias ou bailes no dia de entrudo, e resume as suas desordens carnavalescas em «pendurar» um falso cachemire e um par de botinas a troco de um dominó e de um meio grog.

É pois evidente que foram pessoas honestas as que pediram emprestados 300 contos de réis na segunda-feira de entrudo.

Foram as mães de familia, foram as esposas, foram as filhas que, no lar domestico, na tranquillidade

dade do dever, combinaram friamente, serenamente, com os seus filhos, com os seus paes, com os seus maridos, esta amigavel negociação: põem no Monte-Pio a sua velha prata, os antigos talheres de familia, o copo e a argola do guardanapo de um pobre avô cachetico, as jóias que representavam lembranças de datas queridas, os presentes de noivado, da primeira communhão, do dia d'annos; e trazer do Monte-Pio, em troca de tudo isto, vinte ou trinta libras.

Para que? Para saldar uma divida de honra? Para occorrer á cura de uma doença de perigo? Para cumprir um dever qualquer de pontualidade, de dedicação, de amizade? Não; simplesmente para comprar umas luvas de oito botões e uns sapatos de setim, uma gravata branca e umas meias de seda; para pagar o cabelleireiro, a perfumaria e a carruagem d'essa noite para a Ajuda, para a Trindade ou para D. Maria.

E suppondo que cada familia se contentasse com um supprimento de cem mil réis para essas despesas, foi a 3:000 familias que o Monte-Pio emprestou cem mil réis n'esse dia?

O aspecto de Lisboa, entretanto, nada apresentava de extraordinario ou de anormal na segunda-feira de entrudo.

Estiveram abertas as lojas, os estabelecimentos publicos, as repartições do Estado.

As senhoras não andavam vestidas de *débardeuses* nem os homens de *pierrots*.

No Chiado ninguem dava cambalhotas nem fazia pés de nariz.

Do chafariz do Carmo não corria Champagne.

As torneiras da companhia das aguas não deitavam absyntho nem bitter nem outra alguma bebida espirituosa e inebriante.

No interior dos predios não se ouvia o telintar dos copos, o estallar das rôlhas, as canções bacchicas, os *couplets grivois*, o estrepito das orgias.

As casas de pasto da Baixa exhibiam, entre ramos de salsa desbotada e de agriões murchos, o lombo crú, de tres dias, fatigado, livido, macerado, com olheiras, e os velhos frangos assados, esqueletricos, corcundas, pulverulentos, entre cujas azas começavam as aranhas a entretecer socegadamente os seus fios.

As musas abriam á hora do costume as portas da Alfandega, e o sr. Eduardo Vidal sahia com a Primavera pelo braço, a dar as ordens na rua da Prata para principiar a reverdecer a alfombra.

Os empregados publicos recolhiam das secretarias com as suas calças rapadas nos joelhos, conversando, sorrindo, quebrando com um certo *chic*

especial a cinza dos cigarros na longa unha do dedo minimo, cuidadosamente creada na serena monotonia de vinte annos a manejar systematicamente as pennas, os lacres, as espatulas de marfim lustroso e amarellado, as bonecas de gomma elastica, as raspadeiras e os atilhos das pastas em que se guardam nos archivos os segredos do Estado.

As senhoras, ligeiras, atravessavam as ruas, com os seus embrulhos, olhando de lado para a direcção das carruagens: entravam nas lojas, debruçavam-se nos mostradores, argumentavam com os caixeiros.

O infante sr. D. Augusto, com as suas calças claras, retesadas, com fortes presilhas, os seus olhos de ave, redondos, fitos, passava no Rocio, cumprimentando do alto da sella em que assentava, com um pêso de chumbo. Acompanhava-o um official á paizana n'um cavallo baio, gordo, molle, de rabo branco, e olhos tambem brancos, um cavallo de regimen emolliente, parecendo alimentado com linhaça. Seguiam S. A. dois creados, com librés agaloadas de prata velha, oxidada, botas cambadas, chapéos saturados de suor até ao meio da copa, luvas de algodão, physionomias pallidas, biliosas, deixando sobresahir o escuro da barba,—typos de jovens padres ladinos, viciosos e sujos.

O sr. marquez de Avila subia o Chiado, com o

seu albornoz encruzado, o seu abafadoiro de pellucia côm de vinho, dando o braço ao sr. Augusto Talone.

À porta do Magalhães, do Nunes, da Casa Havaneza, estacionavam os grupos :

O gaiato velho, gordo, com cravos na pelle, o cigarro ao canto da bôcca, sem camisa, a quinzena de golla levantada para as orelhas, prêsa no pescoço com um alfinete, o chapéo de abas carcomidas, as calças lustrosas e encebadas, as botas enfrestadas, com setteiras, por onde as pontas dos charutos que jazem nos passeios são vistas de dentro pelos olhos dos callos.

Os deputados, de pés gordos, curtos, caprinos, joelhos reentrantes, calças ordinarias, camisas de provincia, mal talhadas, —faziam discursos, experimentando a prosa official *in anima vili*, sobre o espirito uns dos outros.

Nos bancos da casa Havaneza, por dentro dos vidros, sujeitos pacificos, cambistas, homens de descontar lettras, com as suas suissas em forma de costelletas, dormiam ou liam o movimento da Bolsa no *Jornal do Commercio*.

Cocottes hispanholas, estucadas a pós de arroz, com *mitaines* encarnadas, de unhas roídas, passavam a pé no macadam, arrastando a cauda dos vestidos pretos, engolfadas nas *colerettes de tulle*, sorrindo

aos seus conhecidos, puxando os punhos engomados até os nós dos dedos, e exhibindo as breves botinas arqueadas, lizas como seixos, de pellica côr de cobre.

As carruagens de praça, vazias, circulavam, e os cocheiros, de jaleca, chapéo desabado, de borla de seda ao lado, interrogavam das almofadas, levantando o dedo.

Finalmente, Lisboa tinha o seu aspecto ordinario, quotidiano, normal.

E era todavia no meio d'esta regularidade, d'esta legitimidade das cousas, que um numero indeterminado de cidadãos, com o seu embrulho secreto debaixo do braço ou na algibeira da sobrecasaca, entravam no Monte-Pio Geral e levantavam a quantia de 300 contos para gastar n'essa noite!

Não é pois em virtude de uma crise, de uma sobreexcitação, aguda mas passageira, que Lisboa desvaira. Lisboa empenhou-se em 300 contos n'um dia por effeito de um estado chronico, de uma lesão organica!

Lisboa! pobre Lisboa!

Febrero 1876.

## XIV

Eis um facto perfeitamente extraordinario, sem precedentes, inaudito, absolutamente novo: As actas de um duello, a denuncia de um acto criminoso previsto nos codigos, um combate á mão armada, apparecem publicadas em todos os periodicos do paiz, authenticadas com o depoimento e com a *palavra de honra* de quatro testemunhas insuspeitas e idoneas. A justiça não intervem. O attentado fica impune. A indifferença dos poderes consagra publicamente a violação da lei.

Os campeadores saem para batalhar, em combate singular, do seio da representação nacional, do sacrario da legalidade, do berço da jurisprudencia.

São os representantes de dois partidos politicos, de dois campos adversos, como os Horacios e os Curiacios.

A camara toda occasiona, permite, diremos quasi: promove — as justas em campo cerrado.

A camara divorcia-se do direito, calca aos pés

todo o trabalho das leis, recua até o principio da fôrça, o antigo principio gothico. A presidencia pede para deante de si a *tavola ronda*. O regimento substitue-se pelo *Amadis de Gaula*. A representação nacional, em plena côrte de amor, com os seus menezreis e os seus trovadores, lança-se ao som das chacaras, dos bandolins e das theorbas, nos velhos braços pendentes e ôccos das armaduras de Carlos Magno e do rei Arthur.

A discussão e a controversia suspende-se no parlamento e na imprensa, e dois homens de raciocinio e de estudo, dois deputados, dois legisladores, dois futuros ministros, os srs. Thomaz Ribeiro e Marianno de Carvalho partem a combater em Bemfica, seguidos dos seus padrinhos e dos seus pagens da lança.

Elles esperam, de fronte alta, olhar fito, espada em punho. Os arautos lançam aos quatro ventos os pregões do estylo. Prohibido ás instituições falar, escarrar, tossir, fazer signaes!

A camara, que preparou o combate, que conduziu os campeões, profere a fórmula antiga: *Laissez les aller, les bons combattants!*

Então as mãos comprimem nervosamente a empunhadura das espadas; os combatentes, feitas as continencias marciaes ás testemunhas, á camara que ellas representam, e ao paiz que os elegeu a todos,

adeantam um passo, caem em guarda, pé firme e leve, olhos fitos. Os ferros cruzam-se ao estalido sêcco do gume no gume, e o combate principia.

É o combate da lei contra a lei. Não o combate com a espada da justiça. O combate com os sabres militares da fôrça bruta.

E as instituições portuguezas cruzam os braços, sentam-se desdenhosamente e commodamente em cima dos seus codigos; assistem; approvam! *Laissez les aller, les bons combattants!*

O mais recente factio historico analogo a este que acabamos de presenciar am Portugal no corrente mez de fevereiro, do anno de graça de 1876, deu-se em França no seculo xvi, em 1547, no tempo de Henrique II, dos Guises, da bella Diana de Poitiers. Foi o duello de La Châtaigneraie e de Jarnac.

Então, como hoje, o duello era prohibido, graças aos esforços dos parlamentos e dos reis que proseguiam desde o seculo xiii a grande obra da constituição do direito. Então, como hoje, transgrediu se a lei para permittir impunemente o combate. Sabem decerto essa romanescas historia...

Jarnac representava as opiniões e os interesses da velha aristocracia territorial, das provincias. La Châtaigneraie era o valido do rei e personalisava a dissensão da côrte com a nobreza provinciana

O duello realisou-se deante do palacio, segundo a antiga moda, em presença dos fidalgos que tinham vindo de longe para assistir, á vista do povo de Paris attrahido pela originalidade pittoresca do espectáculo.

Jarnac, com dois successivos golpes da espada brandida ás mãos ambas, traçou a perna de La Châtaigneraie, que cahiu moribundo, banhado em sangue. Um enorme trovão de applausos, dos applausos populares, fez tremer a terra e empallidecer Henrique II.

La Châtaigneraie, desprezado pelo rei, o seu antigo amigo, que não quizera mais tornar a vê-lo depois de tão miseravel derrota, arrancou n'essa mesma noite as ligaduras que lhe envolviam o côto da perna sacrificada ao esquecimento e á ingratidão do soberano, e deixou-se morrer escoado em sangue.

A luxuosa tenda de campanha em que La Châtaigneraie tinha feito servir com a baixella da côrte o banquete destinado a celebrar o seu triumpho foi saqueada pela multidão, devoradas as iguarias, quebradas as garrafas, destampados os barris.

O rei, desejoso de desafogar em alguém o despeito e a colera, lançou a sua cavallaria sobre a grande multidão compacta que enchia o campo e esmagou-a, destroçando-a na ponta das alabardas,

com as coronhas dos mosquetes, sob o fio das espadas.

Michelet expõe nos termos seguintes o desfecho d'este caso:

«O povo miudo de Paris, estudantes e operarios, posto que muitos viessem cõxos, manetas ou vesgos, sentia uma aspera alegria, trazia comsigo um proverbio — *O golpe de Jarnac* — o qual, dicto e repetido por toda a parte, renovarã constantemente a derrota por que n'esse dia passou a realenza.»

O duello portuguez deixou tambem um dicto, destinado talvez um dia a converter-se n'um proverbio — *O golpe do dedo minimo*, o qual marcarã na memoria do povo o mais flagrante caso do desprezo das leis, perpetrado por aquelles que o paiz elegera para as fazerem e para ensinarem a cumpril-as.

Fevereiro 1876.

## XV

Desde que um poder novo, desconhecido das sociedades antigas, chamado o *poder industrial*, se estabeleceu no tempo moderno, o trabalho deixou de ser uma função inferior. O operario, que antigamente era o servo, principiou a chamar-se o producteur. O serviço tomou a categoria de riqueza. A serie das differentes relações determinadas entre os individuos é um conjunto de permutações reciprocas, e a lei fundamental que dirige essas relações das classes é a lei dos contratos.

Na jerarchia social a classe eminente, a classe principal é a classe que trabalha, porque é ella a que produz a riqueza da commuidade. Logo que o trabalhador consegue pela sua capacidade tornar-se um foco de trabalho superior ás suas fôrças pessoas, isto é, logo que a fôrça da sua capacidade principia a ser superior á fôrça do seu braço, o trabalhador alarga a esphera da sua acção, e não só trabalha mas faz trabalhar os outros. Adquirida esta faculdade, começa a enriquecer, porque ninguem

enriquece pela fôrça que dispende, mas sim pela actividade que cria. Desde este momento o trabalhador torna-se o tronco de classes novas emergentes da classe productiva: a classe que economisa e a classe que herda.

Tal é em resumo a simples lei do trabalho.

Ha porém ainda nas sociedades contemporaneas uma classe anomala, irreductivel ás leis geraes que regulam a distribuição da riqueza, a troca dos productos, as relações economicas dos individuos, uma classe que se não prende aos interesses geraes da commuidade, que parece em hostilidade com elles, que reage ao principio harmonico da conveniencia mútua, que tende cada vez mais a indisciplinar-se e a dissolver-se. É a classe dos creados de servir.

De que procede esta perturbação, verdadeira crise, nas tradições e nos costumes domesticos?

Varios jornaes se têm ultimamente occupado d'este importante assumpto, propondo alguns alvitre, taes como a creação de escholas profissionaes de creados, a reorganisação de um registo official de informações, elevação das soldadas, pedido ás familias para que dêem exemplos de morigeração e de honestidade, etc., dando assim a entender os jornaes que o mal está na qualidade dos individuos

quando elle existe simplesmente na natureza da instituição.

Toda a instituição que tende a corromper-se tende a acabar. Uma classe corrompida é uma classe condemnada. Nada mais insensato do que aviventá-la; o unico remedio é supprimil-a. Este remedio é inutil applical-o, é tambem inutil escondel-o. Por mais que façamos ou por mais que deixemos de fazer, o creado de servir desaparecerá fatalmente. Porque? Porque elle está fora da lei economica que preside á criação das classes contemporaneas.

Antigamente o creado era um servo, depois tornou-se um commensal, uma affinidade domestica, uma especie de parente, um amigo da casa; era um complemento natural da familia no tempo em que a familia conservava ainda a antiga tradição patriarcal; era o companheiro dedicado e fiel, o consorte de todas as amarguras e de todas as felicidades do lar; era o confidente, o conselheiro, o guarda; em viagem era Sancho Pansa, em casa era Telmo Paes.

A vida moderna porém é incompativel com a antiga serenidade domestica, com a dôce poesia amovavel da familia recolhida e concentrada durante umas poucas de gerações em volta do fogo do seu lar ou debaixo da sombra da sua noqueira.

Actualmente, nas nossas cidades industriaes e burguezas, o homem sae de manhã para os seus negocios; sae á noite para o seu club; uma ou duas vezes por semana janta fora; aos domingos vae para o campo. A mulher tem as suas visitas de dia, tem á noite o seu camarote em S. Carlos, tem duas ou tres *soirées* por semana nas noites em que não ha espectáculo. Além d'isso lê um romance. Não vae á cozinha senão um quarto de hora por dia, conferir o seu rol. Os meninos vão pela manhã para o collegio e veem para casa á noite estudar e dormir, ou são internos, e apparecem unicamente aos sabbados.

Os creados têm em virtude d'esta organização uma existencia inteiramente separada da familia. N'este caso estar separado é sentir-se inferior, e o sentimento da inferioridade é em todo o homem o principio da revolta.

As melhores creadas são ainda as hollandezas, mas que differença entre os nossos costumes e os costumes caseiros da Hollanda!

Um clima humido e frio, um céu encoberto, um solo de alluvião, anateirado, coberto de prados, tão cheio de rebanhos que, ao passo que para cada mil habitantes ha em Portugal 249 cabeças de gado, ha na Hollanda para egual numero de habitantes 1:202 rêzes.

Estas simples condições, de solo, de clima, de alimentação, revelam toda a vida hollandeza. A rispidez austral do clima, a monotonia da paizagem, a tristeza do céu inspiram os habitos de confôrto, de asseio, de recolhimento domestico, fazem os temperamentos frios, calculadores, methodicos. A grande população pecuaria, tornando a terra fertil, os alimentos e os vestidos baratos, dá a vida abundante. Nas *soirées* da Hollanda o bilhete de convite indica a hora a que cada um deve retirar-se, — sábia disposição de quem não quer incommodar-se demasiado com a companhia de extranhos. As pessoas recebidas em cada *soirée* não excedem nunca o numero dos talheres que podem caber á mesa. Ás 11 horas ceia-se. A dona da casa tira da algibeira as suas chaves e, deante dos seus hospedes, quaesquer que elles sejam, abre os armarios, tira os vinhos, a compota, a nata, a manteiga fresca; o dono da casa desce á adega com seus filhos e trazem-se as grandes canecas de cerveja espumosa e trasbordante. As creadas, grossas flamengas vermelhas, alegres e robustas, servem o caldo fumegante e os succulentos pratos de cozinha. Creados e amos fazem o serviço em commum. Á hora de antemão indicada cada um se apressa a despedir-se. Á porta, as creadas que serviram á mesa e que fizeram a ceia esperam os convidados que se retiram, segu-

ram os paletots, entregam os chapéus, offerecem charutos n'uma bandeja. Antigo uso obriga n'este momento a gratificar as creadas: meia libra a cada uma, tres ou quatro libras, duas vezes o preço da ceia, — uma verdadeira multa!

O resultado é que prefere cada um ficar em casa e cear em familia.

O asseio interior das casas hollandezas é de uma nitidez de que nós outros peninsulares não temos senão a mais remota idéa. Os apartamentos mais importantes são a adega e a cozinha. A adega, em que se empilham as garrafas de bôccas lacradas de verde e de vermelho em altos lotes de ferro, os barris da cidra e da cerveja, as conservas de carnes e de peixe, as rumas dos queijos, são ricos arsenaes culinarios. A cozinha lavada, lustrada, polida todas as manhãs, com a sua bateria reluzente, a sua louça esmaltada, penetrada do ar livre e da grande luz, asseada como um *boudoir*, com o seu relógio, dois ou tres quadros suspensos nos muros, a prateleira com a collecção das canecas, de vidro, de porcellana, de faiança, com tampas de estanho lustroso, os vasos de flôres por fora das vidraças, a gaiola pendente do tecto, é uma officina inodora, um laboratorio gracioso e tranquillo, convidando ao trabalho, á assiduidade, á applicação, como o interior de um *atelier* ou de uma bibliotheca.

N'este meio a cozinheira, em contacto immediato com a sua ama, quasi companheira e collaboradora d'ella nos trabalhos tão interessantes e tão artisticamente delicados da jardinagem, da botanica e da chimica culinaria, não se crê na posição mesquinha, inferior, degradante, da creada de Lisboa, lançada para o fundo de uma cozinha sem ar e sem luz, servindo ao mesmo tempo de gallinheiro e de carvoeira, infeccionada pela presença do siphão dos despejos, olhando para um estreito saguão lobrego como um cano, no meio dos tachos denegridos e das botijas esbotenadas, que constituem os instrumentos do seu trabalho de galé ou de enxovia.

Sem o asseio, sem a frescura, sem a graça, sem nenhum dos encantos que dão ao *ménage* os habitos caseiros, a comprehensão artistica do confôrto, a sciencia da vida domestica, sem donas de casa finalmente, — porque é para as donas de casa que nós precisamos do ensino profissional que um periodico pede para as cozinheiras, — a creada, a creada ideal, a commensal alegre, activa, honesta, dedicada, contente comsigo, solidamente affirmada na sua profissão e no seu destino, é inteiramente impossivel.

Supportando difficilmente a sua posição como uma fatalidade a que procura escapar no primeiro ensejo, a creada portugueza, do fundo da sua humi-

lhação, revolta-se e conspira. Como a vida a enfatiza procura ás vezes promover uma crise para dar ao seu problema uma solução. Namora, intriga, enreda, tem um amante, mente, furta, joga na loteria. Precisa quanto antes de arranjar dinheiro para se libertar, para pôr casa, para ter também uma creada ella, uma pequena creada, uma enjeitada que vá buscar á roda, e em quem se vingue, tyrannizando-a, espancando-a mesmo de quando em quando.

No emtanto, provisoriamente, precisa de se distrahir, de ir ás feiras de Belem e do Campo Grande aos domingos, de ir aos bailes campestres, de vêr um baile de mascaras. Porque todas vão aos bailes menos ella, — vão as suas companheiras, vão as suas amigas, vão as suas amas. Ninguem fica em casa senão ella, ella — a gata borralheira! Se descobrisse na familia um pequeno segredo romanesco, uma intrigazinha criminosa, como ella se faria pagar bem a posse d'essa arma! Principia a observar a senhora e os homens que visitam a casa. Começa a desconfiar do medico. Escuta ás portas, espreita pelo buraco das fechaduras. Senão descobre nada, azeda-se, torna-se altiva, petulante, insolente.

Assim, bem vêem, a herilidade é insuportavel e vae-se tornando impossivel. Ora desde que a domesticidade termina, a classe dos creados de servir

desapparece. É o seu destino. Desapparece, porque os costumes são improprios para a manter, e ella está fora das engrenagens que prendem umas ás outras as rodas do systema social.

Desde que o creado deixa de ser o commensal assalariado para servir, passa a ser um simples operario, e entra na ordem geral.

As pequenas industrias domesticas serão exercidas não como até aqui por um systema especial e de convenção, mas como todas as outras industrias.

Quero ter um jantar? procedo exactamente como quando quero ter um chapéo: dirijo-me a um operario que m'o faça, e pago-lhe o preço do seu trabalho. Se quero ter o meu candieiro lustrado, os meus moveis polidos, as minhas botas engraxadas, chamo um operario que me faça a limpeza do meu quarto assim como chamo o operario que me faz a limpeza da chaminé.

Os factos provam que é esta a solução final do problema impossivel de resolver d'outro modo.

O *Diario de Noticias* traz quotidianamente quinze ou vinte annuncios de pessoas que pedem creadas e outros tantos de mulheres que se offerecem para trabalhar por jornal, indicando o serviço que se propõem prestar: *mulher a dias para esfregar, mulher a dias par cozinhar, a mulher dias para cozer, mulher a dias para engommar.*

Que é isto senão a emancipação do trabalho propondo as bases de novos contratos perfeitamente regulares a substituirem as antigas negociações em que se alugava o homem?

Não comprehendemos os lamentos com que alguns principiaram este mez a commentar este interessante phenomeno, considerando-o sob o aspecto de uma calamidade publica.

Se ha quem cozinhe, se ha quem engomme, se ha quem esfrega, se ha quem cosa, se ha finalmente quem faça todos os trabalhos domesticos que nós outros trabalhadores de outro genero, negociantes, fabricantes, jornalistas, não podemos ou não sabemos fazer, que inconveniente resulta de não termos creados? Virá um dia a faltar-nos aquelle ente humano, de casaca preta e de gravata branca, que nós escolhemos como um cavallo, de marca ou de mais de marca, direito, bonito, bem sellado nos rins, de pés estreitos, de barrigas de pernas bem feitas, o qual ente passa a noite dormindo vestido, deitado n'um banco, para vir de madrugada, á hora em ponto a que chegamos do nosso club, ajoelhar-se aos nossos pés e puxar-nos reverentemente as nossas botas?

O remedio será apprender cada um a descalçar as botas a si mesmo. O remedio será annullarmos pela educação de nós mesmos o montão das ne-

cessidades ficticias que nos cercam e nos tyrannizam.

N'este ponto de vista a educação portugueza está por principiar a fazer. Dizemo'-nos uma sociedade democratica e creamo'-nos com habitos de principes. Veja-se a organização deploravel do internato nos nossos collegios! Em Inglaterra, em *Eton College*, estabelecimento de primeira ordem, d'onde têm sahido os homens mais notaveis—como modernamente o srs. d'Israeli, Gladstone, Derby, John Russel—os professores (*scholars*) hospedam em suas casas quinze ou vinte alumnos, que frequentam o collegio tendo o internato em casa dos professores. N'estes magnificos pensionatos não ha creados. Uma simples cozinheira basta para todo o serviço. Cada alumno, ao levantar-se, faz a limpeza do seu quarto, sacode os seus colxões, faz a cama, accende o seu fogo, prepara elle mesmo o seu chá e os dois ovos do almôço, escova o fato, engraxa as botas, cose no collete o botão que lhe cahiu.

Egual organização nos pensionatos dos collegios universitarios de Oxford e de Cambridge.

Os estudantes que cumprem alegremente as disposições d'este programma são os herdeiros dos nomes mais aristocraticos e das maiores fortunas da Europa. Em Lisboa o joven herdeiro de um ama-

nuense com tresentos mil réis de ordenado, ou de um escripturario com duzentos e quarenta mil réis de vencimento, se uma bella manhã a sua creada se despediu, deixa a cama por fazer e vae de peçoço sujo e sapatos por engraxar, almoçar ao café com o papá.

Todas as donas de pequenas casas, responsaveis pelo custeamento e pela economia de modestos *ménages* se queixam da infidelidade dos creados que fazem as compras, e todavia não ousam comprar ellas proprias. Preferem deixar-se roubar nas verbas mais importantes do seu estreito orçamento ao vexame de se mostrarem tão sensatas como uma infinidade de senhoras que em Paris vão ás Halles e ás lojas de comestiveis, a algumas das quaes ellas deram a celebridade elegante que tem os nomes de Chevet e de Potel et Chabot.

Todos sabem quanto são caros em Lisboa todos os artigos de vestuario, quanto o preço da *toilette* agrava as difficuldades financeiras da maior parte das familias, e não obstante é rarissima a menina que, tendo perdido uma parte da sua mocidade e atrophiado uma porção das suas faculdades a bordar monstros de codornilho com olhos de contas, saiba desenhar um figurino, cortar o modelo de um vestido ou fazer um chapéo. As raras senhoras que possuem esta aptidão escondem-a como um des-

douro equal ao de intervir nas compras e de dirigir a cozinha. A tal ponto estamos longe de comprehender que saber cozinhar e saber fazer vestidos é um elemento indispensavel na harmonia da educação da mulher, e que é de uma educação perfeitamente harmonica que procede a liberdade e a elevação do espirito!

Lady Morgan, a celebre escriptora ingleza cuja sagacidade critica tem sido por muitos considerada superior á do proprio Taine, fazia todos os seus vestidos; e Madame de Girardin, que durante muitos annos escreveu as mais elegantes paginas parisienses do tempo de Luiz Filippe, fez um dia o jantar em casa de Victor Hugo.

Abril 1876.

## XVI

Antes de hontem, 3, nova rusga ás casas de jôgo Em uma batota assaltada, cincoenta jogadores prêsos, e cincoenta mil réis apprehendidos.

O *Correio da Noite* refere sobre este assumpto que na batota alludida se não jogava desde algum

tempo a esta parte com receio de uma visita policial. A policia porém, com a mais louvavel lizura, fez correr no bairro o boato semi-official de que não havia mais rusgas ás batotas. Os jogadores então, julgando-se ao abrigo carinhoso e paternal da lei, reuniram-se outra vez e recommçaram tranquillos a talhar uma banca. A policia vigilante cahiu-lhes em cima, e batoteou-se a si mesma, em nome de el-rei, com todo o dinheiro que empalmou do bôlo.

A opinião mostra-se satisfeita com este exemplar procedimento da policia, que anima sagazmente os mal intencionados á pratica do crime para o fim político de pechinchar com os resultados pecunia-rios d'elle.

E os jornaes continuam a denominar *uma rusga* cada uma d'estas diligencias destinadas a reprimir o vicio funesto da tavolagem.

Se os jornaes conliessem melhor a technologia dos jogos de parar, não chamariam a estes lances *uma rusga*; chamar-lhes-hiam — mais propriamente — *uma vacca*.

Os jogadores até hoje prêsos têm sido todos condemnados, — cousa que naturalmente produz nas massas um saudavel terror, levando-as ou a não mais jogarem senão nas batotas officiaes, como a

Bolsa, a Loteria e as Eleições, ou a jogarem mais reconditamente.

Para não desmamarem os povos, violentamente de mais, da saborosa pratica dos crimes a que elles, coitadinhos, estão habituados, os tribunaes, implacaveis com o jôgo, mostram-se benignamente contemporisadores com os outros erros menos funestos á moral e ao proximo do que o manejo dos baralhos.

Ha dias, por exemplo, foi carinhosamente absolvido um cavalheiro que tinha arrancado um ôlho á cara de uma mulher.

O jury tomou em consideração as circumstancias attenuantes que revestiam esse pretendido *crime*, ou, para que melhor o digamos, *innocente gracejo*.

O jury attendeu principalmente a este facto, que não pode deixar de inspirar a mais profunda piedade a todos os corações ternos: — aquelle a quem por um momento pedimos vénia para chamar *réo*, se assim nos é licito exprimir-nos, amava aquella a quem tirou o ôlho.

O movel do crime... digo — o movel da pilheria — de que o innocente é accusado, foi o amor que lhe inundava o peito.

Ai d'aquelle que nunca amou! esse é um bruto, que jámais deverá ser chamado a resolver questões d'olhos.

Os que uma vez amaram esses comprehenderão bem todos os thesouros de ternura que transbordaram da alma do anjo supracitado, ao praticar o acto que o levou, incomprehendido, á barra dos tribunaes humanos.

Ó cherubins do empireo! sacudi sobre o nosso tinteiro as azas candidas e luminosas, para que com uma das vossas pennas possamos pintar a scena que entre esses dois amantes se passou!

O cavalheiro principiou naturalmente por pedir á sua dôce amada que ella mesma lhe desse o ôlho, em prenda, ou em troca talvez, por um de vidro.

Ella responderia primeiro por uma timida recusa, entre reprehensiva e ironica:

— Ora, para que queres tu o ôlho?... Importas-te tu bem com o meu ôlho! se me amasses, sim, comprehendo que quizeses um ôlho meu, o ôlho da tua Bébé, para o pôres n'um medalhão. Mas oh! tu não me amas...

— Ah! eu não te amo? Eu é que te não amo?! Eu é que te não quero um ôlho para um berloque?!... Ora espera, que já te mostro se te adoro ou não!

E em seguida, por um d'esses actos de paixão profunda que muitas vezes transformam o homem n'um deus, o cavalheiro abria um canivete e, delicadamente, apoderar-se-hia do ôlho da creatura

Oh! amor!... amor!

Um jornal pareceu não saborear competentemente toda a doçura d'este breve e delicioso idyllio, opinando que deveria ser condemnado á cadeia um malandro tão garantidamente bestial como mostrava ser para o dicto jornal o seraphim a que nos reportamos.

Um dos membros do jury dirigiu á folha alludida uma bella carta patenteando as altas razões juridicas que os levaram, elle e os seus collegas, a absolver o colleccionador de olhos, cujo amor se debatia em juizo.

Diz o jurado:

*Se o réo houvesse sido condemnado, teria isso por ventura restituído o olho á queixosa?*

Irrespondivel argumento! Grande jurado, perante o qual como legitimo representante d'essa instituição sagrada, disistimos da palavra para nos extendermos ao comprido. Sempre que personagens d'este quilate apparecem ao critico, a restricta obrigação d'este é pôr-se unicamente de rôjos.

Dezembro 1882.

## XVII

Ha dois mezes que os periodicos annunciam quasi quotidianamente os casos de espancamento, de ferimentos e de roubos commettidos em Lisboa e seu termo. De quando em quando a policia, para o fim de dar uma especie de satisfacção á sociedade pela frequencia de tantos crimes, prende um fadista. O que temos que perguntar é:—Porque se não prendem os fadistas todos?

Em cidade nenhuma da Europa existe uma palavra de significacção analoga a esta — o *fadista*.

Ser fadista quer dizer: ser um criminoso tolerado, agremiado civilmente, constituindo uma classe. Pela sua genealogia social o fadista descende dos antigos espadachins plebeus que conquistavam, por meio de exame feito em valentia, o direito de cingirem a espada e de acompanharem com fidalgos bulhentos e tranca-ruas. No seculo passado existia ainda em toda a sua pureza esta raça de bravos de viella, sem officio nem beneficio, vivendo das espor-

tulas da nobreza, apadrinhados por ella, frecheiros com as mulheres, soberbões e insolentes com os mesteiraes e com os mercadores, cobrindo as costas aos fidalgos nas excursões nocturnas em que estes se divertiam espancando os transeuntes, escallando os muros dos quintaes e dos conventos, desarmando as rondas, e açoitando os corregeadores e os esbirros ao fundo dos becos tenebrosos e adormecidos.

Entre os alludidos fidalgos figurava como grão-mestre da ordem, como capitão da ala, o serenissimo senhor infante D. Francisco, preclaro irmão do senhor rei D. João V, que Deus tenha em sua santa guarda. D'esse interessantissimo príncipe, cujas tropelias crearam, durante um seculo, em volta das suas terras do Infantado, em Queluz, uma lenda de terror, conta-se este bello feito historico, que basta para mostrar o genero dos divertimentos da sua roda: Vendo o augusto príncipe nas vergas de um navio um marinheiro que o saudava, quiz o infante experimentar, por ser mui curioso de balistica, se do logar onde estava poderia alcançar com um tiro aquelle homem que lhe fazia continencia meneando alegremente o seu gorro. Fazendo em seguida a mais cuidadosa pontaria, e desfechando sobre o alvo, teve sua alteza o summo gôsto de vêr que o marinheiro se despegara da verga, que do

bara no ar por entre as enxarceas, e cahira por fim estatelado no convez varado pela bala da serenissima escopeta. Com o que o sr. infante houve um accesso de jubilo como nunca se lhe vira, e que sua alteza houve por bem desafogar batendo as palmas e dando muitos uivos e pinchos, inequivocos signaes de uma illimitada alegria.

Mais tarde, com a illuminação de Lisboa, devida ao intendente Pina Manique, e com a creação da policia moderna, cessaram os recontros, as arruaças, os combates nocturnos da fidalguia com a villanagem lisboeta.

Pela razão biologica de que toda a fôrça organica que se não exerce se elimina, o antigo valentão plebeu deixou de ter valor mas continuou a conservar o espirito da façanha, da aventura, do amor illicito, da tavolagem e da vadiice, e tomou então o nome de — fadista.

O fadista não trabalha nem possuie capitaes que representem uma accumulção de trabalho anterior. Vive dos expedientes da exploração do seu proximo. Faz-se sustentar de ordinario por uma mulher publica, que elle espanca systematicamente. Não tem domicilio certo. Habita successivamente na taberna, na batota, no chinquillo, no bordel ou na esquadra da policia. Está inteiramente atrophiado pela ociosidade, pelas noitadas, pelo abuso do

tabaco e do alcool. É um anemico, um cobarde e um estúpido. Tem tosse e tem febre; o seu peito é concavo, os braços são frageis, as pernas cambadas; as mãos, finas e pallidas como as das mulheres, suadas, com as unhas crescidas, de vadio; os dedos queimados e ennegrecidos pelo cigarro; a cabelleira fétida, enfarinhada de poeira e de caspa, reluzente de banha. A ferramenta do seu officio consta de uma guitarra e de um *Santo Christo*, que assim chamam technicamente a grande navalha de ponta e triplice calço na mola. É habitado por uma molestia secreta e por varios parasitas da epiderme. Um homem de constituição normal desconjuntar-lhe-hia o esqueleto, arrombal-o-hia com um sôco. Elle sente isso e é traiçoeiro pelo instincto de inferioridade. Não ataca de frente como o espadachim ou o pugilista, investe obliquamente, tergiversando, fugindo com o corpo, fazendo fintas com uma agilidade proveniente do seu unico exercicio muscular — as *escovinhas*. Não ha senão uma defesa para o modo como elle aggride: o tiro ou a bengala, quando esta seja manejada por um jogador extremamente destro. A guitarra debaixo do braço substitue n'elle a espada á cinta, por meio da qual se acamaravam com a nobreza os pimpões seus ascendentes do seculo xvii. É pela prenda de guitarrista que elle entra de gôrra com os fidalgos, acompanhando-

os ainda hoje nas feiras, nas touradas da Alhandra e da Aldeia Gallega, e uma ou outra vez nas ceias da Mouraria, onde depois da meia noite se vae comer o prato de *desfeita*, acepipe composto de bacalhau e grão de bico polvilhado de vermelho por uma camada de colorau picante.

Por effeito da tradição na orientação mental da sua classe elle procura ainda hoje como ha duzentos annos parecer-se e confundir-se pelo modo de trajar com os fidalgos ou com os que julga taes. A classe dos fidalgos que tresnoitam hoje pelas tabernas e pelos alcouces de Alfama, que são levantados bebedos dos becos mal afamados, que falam em calão e que fazem troças no Collete Encarnado e na Perna de Pau, esta classe de fidalgos, dizemos, compõe-se hoje principalmente de jovens burguezes febricitantes, filhos de honestos lojistas ou de pacientes alfaiates, desencabrestados da rotina paterna pela educação do lyceu e do collegio nacional, escalavrados pelo alcoolismo e pelo mercurio, profundamente corrompidos. O fadista imita esses senhores na escolha que elles fazem dos seus trajes de pandega. Usa como elles a bota fina de tacão apiorrado ou o salto de prateleira, a calça estrangulada no joelho e apolainada até o bico do pé, a cinta, a jaleca de astrakan e o chapéo arremessado para a nuca pelo dedo pollegar, com o gesto clas-

sico do grande estylo canalha. A guitarra, seu instrumento de industria e de amor, dedilha-a elle com um desfastio impavido, deixando pender o cigarro do canto do beiço pegajoso, gretado e descahido; com um ôlho fechado ao fumo do tabaco e o outro aberto mas apagado, dormente, perdido no vago em uma contemplação imbecil; o tronco do corpo cahido mollemente para cima do quadril; a perna encurvada com o bico do pé para fora; o *cachucho* da amante reluzindo na mão pallida e suja. Tambem canta, algumas vezes, apoiando a mão na ilharga, suspendendo o cigarro nos dedos, de cabeça alta, esticando as cordoveias do pescoço e entoando a melopéa dos fados, em que se descrevem crimes, toiradas, amores obscenos e devoções religiosas á Virgem Maria, com uma voz soluçada, quebrada na larynge, acompanhada da expressão physionomica de uma sentimentalidade de enxovia, pelintra e miseravel.

De resto o fadista não tem vislumbres de senso moral. Explica os seus meios de vida pelo premio tirado na cautela de pataco que lhe foi vista na algibeira cebosa do collete. Na batota concilia-se com o furto e com o roubo; na esquadra da policia concilia-se com a mentira; nas suas convivencias do bordel concilia-se com a infamia; e as condições especiaes em que ama e é amado acabam por dis-

solver n'elle os ultimos restos d'essa dignidade animal, para assim dizer anatomica, commum a todos os machos.

É da classe dos fadistas que saem para os tribunaes e para as cadeias os incorrigiveis da criminalidade.

A proposito do direito de punir e do modo de applicar a pena dizia recentemente ainda um escriptor inglez, fundado nas informações de um antigo inspector de cadeias, que todos os criminosos presos se podiam dividir em tres categorias.

A primeira categoria é composta de individuos que verdadeiramente não deveriam ter entrado nunca na prisão. São lançados nas garras da lei por um accidente exterior ou por uma fraqueza de juizo ou de character, a qual não obsta a que elles tenham uma moralidade tão sã como a de qualquer de nós.

À segunda categoria pertencem individuos, mais numerosos que os primeiros, sem violentas tendencias moraes ou immorales, susceptiveis de serem dirigidos pelas circumstancias e de se tornarem bons ou maus segundo a direcção que recebem.

A terceira categoria, de um numero de condemnados felizmente restricto, é rebelde a toda a disciplina, insensivel a toda a bondade, surda a todos os conselhos. Para estes a cadeia é um logar im-

proprio; seria preciso confinal-os em uma ilha deserta, onde o contagio mortal do seu exemplo não fizesse novas victimas.

Segundo o alludido inspector das cadeias inglezas, o qual tinha viajado muito e estudado attentamente todos os grandes estabelecimentos penitenciarios do mundo, o Estado não teria senão proveito que tirar da maior somma de liberdade concedida aos prêsos da primeira d'essas categorias; aos prêsos da segunda classe conviria principalmente dar instrucção; emquanto aos terceiros o melhor expediente seria a morte.

É util reflectir n'estas palavras e considerar uma cousa:

É ou não é da classe chamada fadista que procede a maxima parte dos criminosos que passam annualmente pelo banco da Boa Hora, e cuja incorrigibilidade é em muitos d'elles attestada por varios julgamentos repetidos?

A historia do fôro lisbonense nos ultimos tempos responde:

E.

N'este caso pergunta-se:

Pode a sociedade, sem incorrer em uma responsabilidade tremenda, continuar a manter pelo desleixo, a existencia legalmente tolerada de uma categoria de individuos que ha tres seculos pervertem profunda-

mente os nossos costumes populares, e de cujo gremio saem os criminosos que a justiça mais difficilmente corrige e mais raramente regenera?

Não. Uma semelhante tolerancia apresenta o mais grave dos attentados de que o Estado é cúmplice perante a ordem moral. Porque, se a sociedade é irresponsavel da perversidade individual, não succede o mesmo, e a sociedade deixa de poder ser absolvida, logo que é ella que sustenta, ao abrigo das leis, a concordancia de todas as causas conhecidas e manifestas que produzem fatalmente um determinado numero de perversos.

Dado o fadista, a sociedade não pode certamente evitar o criminoso. A sociedade porém pode evitar o fadista. De que modo? Procedendo a um inquerito rigoroso sobre a vadiagem e supprimindo, quanto antes, a instituição concomitante que a justifica e a consagra: — a loteria.

Desde que um cidadão deixe de poder explicar unicamente pelos supprimentos do jôgo a posse legitima dos seus meios de subsistencia, o Estado tem o dever de o prender, não para o encarcerar mas para o coagir ao trabalho, matriculando-o em qualquer das officinas do governo; na cordoaria, na fabrica da polvora, no arsenal, na imprensa, etc.

O mais perigoso de todos os animaes vadios é o

homem. Comparado com elle o cão, ainda quando damnado, pode-se considerar inoffensivo. E todavia a policia que tem para o cão que ainda se não damnou as precauções da rêde e da carroça, não tem para o vadio, em pleno exercicio do seu contagio, senão um expediente repressivo: o de lhe archivar a photographia no commissariado geral.

Quer a policia um bom conselho, que resume tudo? Inverta os seus meios de garantir a segurança publica: tire o retrato aos cães e deite a rêde aos fadistas.

Mato 1878.

## XVIII

Leitor querido—Depois de uma longa abstenção de tres mezes—os mezes do verão—*As Farpas* voltam a apparecer no teu banquete ao mesmo tempo a que recommencam a servir-se tambem as outras.

À semelhança dos mariscos, que não é bom comerem-se nos mezes que não têm r, estas paginas condimentosas e estimulantes, se abusasses d'ellas

no tempo quente, amigo, far-te-hiam talvez furunculculos.

Além de que, o verão tem influencias de expansibilidade que desconcentram a vida da esphera das suas condições normaes. É a época das viagens, dos banhos, das estações do campo. Abandona cada um o interior da sua casa, os seus habitos, as suas occupações, a sua hygiene, o seu trabalho. Forma se uma existencia interina, transitoria, suplementar. Está-se em uma casa alugada por dois mezes como hospede de uma noite n'uma estalagem. Não se reside; pernoita-se apenas, e passam-se os dias. Com a suspensão do trabalho esterilizam-se tambem as idéas, porque todo o trabalho é uma fecundação da intelligencia. Assim todo o ser humano temporariamente transplantado da parte de solo, de atmosphera moral, em que ordinariamente exerce a sua actividade, emmurchece. O portuguez, que, sempre lê pouco, no verão então não lê nada. Achei-me por muitas vezes durante a estação finda a bordo dos pequenos vapores que fazem o transporte dos banhistas entre Lisboa e as praias. Os setenta minutos d'estas breves viagens eram o tempo consagrado por cada um para, por meio da leitura, pôr as suas idéas em relação com os interesses intellectuaes e moraes do resto do mundo. Fora do con-

vez dos vapores de Belem ninguem nas praias lê, ninguem tem comsigo um livro Isto não é uma simples hypothese, é uma observação positiva. Em Pedrouços, por exemplo, a vida — toda de porta da rua — é transparente: vê-se o que cada um faz, quasi que tambem se vê tudo quanto cada um sente e quanto cada um pensa. Pois bem, nas viagens dos vapores de Belem, unico lapso de tempo destinado pelos banhistas ao estudo, observámos durante o periodo de tres mezes consecutivos que ninguem lia senão almanachs, collecções de cantigas ou de charadas, e os periodicos de noticias. Que elementos para a educação intellectual de alguns milhares de cabeças: darem mergulhos no Tejo, aprenderem nos livros que nasceu o dente do siso ao sr. Alexandre Herculano, e saberem pelos jornaes que o sr. commendador Santos foi á Outra Banda em partida de recreio, com os seus amigos, comer um safio!

Não foram essas porém as razões por que *As Farpas* se calaram durante a estação calmosa. Os nossos motivos são inteiramente pessoaes. Nós adoecemos. . . Perdôa, leitor benevolo, estas perigosas tendencias de um convalescente para a autobiographia. Não, não foi um dente novo que nos esteve crescendo. Nós não temos, como o immortal histo-

riador a que acima nos referimos, a honra de abrir estas linhas offerecendo á patria e á sr.<sup>a</sup> D. Guiomar Torrezão mais um novo instrumento gloriosamente recém-nascido para a trincadeira nacional.

O nosso mal, foi simplesmente uma affecção na larynge. Apanhamos isto no Chiado. Tivemos na mucose da garganta as mesmas granulações que padecem os beduinos na mucose das palpebras por effeito do pó nas peregrinações do deserto. O Chiado pagou-nos o pessimo gôsto burguez, especieiro, indigno, abominavel, de o frequentar, dando-nos esta doença climaterica e local. Os hospitaes de S. José e do Desterro dão as desyntherias e as gangrenas; os tanques do Passeio do Rocio dão as febres paludosas e intermitentes; o Limoeiro e a Casa de detenção das Monicas dão as viciações do sangue e as escrofulas; o Chiado e o deserto da Arabia dão as affecções granulosas da larynge e dos olhos. Cada um dá o que tem.

A poeira do Chiado é uma especialidade curiosa, interessante, tão romanesca como a sombra da mancenilha. Esta poeira é fina, miuda, subtil como a *veloutine* de Lubin. Ligeiramente tocada pela aza morna do vento leste, ensinua-se, entranha-se, penetra dôcemente, consoladoramente, profundamente — como a calumnia. Depois, uma vez inoculada, produz as opthalmias e as esquinencias — as duas

maiores enfermidades de Lisboa. Não é simplesmente formada pelas triturações da terra esta poeira. Não, porque o solo em Lisboa não é de terra. Aqui a terra tem sido de tal maneira misturada, falsificada, fingida, que, hoje, aquillo que primitivamente era a terra já não tem terra nenhuma. O solo de Lisboa é formado de sobreposições de esterco, de amálgamas de lixo, de restos pulverisados de fructas pôdres, de animaes mortos e de papeis sujos.

De todas estas misturas requeimadas pelo verão, carbonisadas pelo sol canicular, moídas sob as rodas dost rens e sob os pés pressurosos do sr. conselheiro Arrobas, resulta o pó envenenado da capital. Os papeis velhos de Lisboa, dejecções burocraticas ou litterarias dos bancos, dos cartorios, dos tribunaes, dos escriptorios dos negociantes, dos jornalistas, dos advogados, dos tabelliães e do sr. Melicio, são de tal maneira abundantes que todos os exgôttos da cidade não bastam para os engulir. A briza espalha esses papeis dilacerados pelas povoações suburbanas. A praia de Belem é uberrima de papeis sujos, e Pedrouços, a mansão burgueza das villegiaturas officiaes, parece-se no aspecto especial das suas immundicies com um corredor da secretaria das Obras Publicas destinado a projecto de nitreira modêlo pelos desvelos agronomicos do sr. Rodrigo de Moraes Soares.

De modo que a antiga expressão «*terra da patria*», com referencia a Lisboa e seus suburbios, é figura de rhetorica em demasia arrojada. A patria do lisboeta não tem terra, tem os agglomerados residuos das podridões e dos papeis velhos. O nauta vigilante, que do alto mar descobre no azul o ponto escuro e indeciso d'estas praias, procederá com louvavel exactidão e amor da verdade se em vez do grito poetico de «*terra! terra!*» começar a exclaimar á vista de Lisboa: «Supedaneo de Melicio!» — ou — «Nitreira de Soares!»

Victima nós mesmo em todo o nosso apparelho respiratorio d'essas influencias deleterias da geologia e da civilisação lisbonense, achamos prudente substituir — como fizemos — a convivencia do publico pela do gargarejo.

Novembro 1873.

## XIX

Algumas das familias que durante a estação finda se achavam a banhos de mar em Pedrouços, resolveram de uma vez fazer uma festa nocturna, mysteriosa, veneziana. Tomaram um vapor da carreira

de Belem, illuminaram-o com balões de papel como as gondolas do canal da Zueca, que deslisam em frente dos terraços do palacio Barbarigo no primeiro acto da *Lucrecia*. Para que a satisfação de todas as pessoas que tomaram parte n'esta scena fôsse profunda e illimitada, os homens tinham-se apresentado todos vestidos como os tenores nas scenas de *barcarola*. O jubilo era indescriptivel.

Reunida a bordo toda a sociedade, o vapor levantou ferro, e penetrou na treva, vibrante de aventura, saturado de drama, na direcção de Caparica.

O Tejo porém estava grosso e picado, de modo que começou a dar ao vapor uns balanços intermitentes para um lado e para o outro como de quem escabecêa com somno. Com isto principiaram a manifestar-se com uma insistencia progressiva os symptomas espasmodicos nos esophagos da assembléa. Os Mazaniellos, verdes como azebre, tristes como condemnados á morte, procurando sorrir á catastrophe com sorrisos dilacerados como os que apresentam os cotovellos rôtos, enrolavam-se nas suas capas e prostravam-se como trôchos inuteis nos bancos da tolda. As senhoras punham os seus lenços na bôcca, corriam a mão pela testa, cuspiam desconsoladamente no mar, e tinham ligeiros movimentos extaticos e doloridos como de quem está escutando no ar o rumor de uma angustia que chega.

Então o sr Mathias Ferrari, segundo lêmos no *Diario de Noticias*, «fez correr um abundante serviço de neve.» Todos se serviram.

Os effeitos foram taes que quando os creados repassavam com a segunda roda de sorvetes, todos os convivas, com as bôccas ainda abertas, estremeceram de horror, porque cuidaram que esses segundos gelados eram outra vez — os primeiros.

Então um homem forte, que tinha ido para bordo armado de um violão, tentando arrancar a companhia a uma consternação abatida e geral, começou a dedilhar o instrumento e a entoar uma chacara. Mas, de repente, suspende-se, torce-se, arripiam-se-lhe os cabellos, encurva-se-lhe a espinha dorsal, cae-lhe o violão desfallecido nos braços das senhoras, e o resto da chacara destinada aos echos nocturnos do oceano é recolhido pelos circumstantes n'uma bacia.

Era immenso a bordo o desalento.

Mathias Ferrari, descorçoado, abatido, já «não fazia correr os serviços.» Este grande confeiteiro, dominando inteiramente a situação com a profundidade da sua critica, comprehendera — e muito bem! — que a questão alli já não era de *fazer correr*, mas de *fazer parar*.

Era alta noite quando o vapor abicou outra vez á praia de Belem, recolhendo-se todos perfeitissi-



mamente satisfeitos pelo modo como se passara tão bello tempo. Apenas, para que desembarcassem, houve o pequeno trabalho de virar os que tinham assistido a esta festa, a mais brilhante talvez que se tem dado no Tejo, por que os convivas em virtude dos reiterados esforços que tinham feito no mar para puxar para fora o interior, succedera-lhes terem-o effectivamente conseguido, e haverem chegado todos a terra — pelo avesso.

Novembro 1873.

## XX

Segundo referem os jornaes d'este mez fundou-se em Lisboa um centro do partido republicano portuguez.

Este partido novo tem sobre todos aquelles com quem concorre na politica uma superioridade grande: o seu nome.

Dizer-se abertamente republicano é dar uma soffrivel garantia de que se conservará, por algum tempo pelo menos, fora da intriga parlamentar e da ambição do governo. Tem ainda um outro titulo á



nossa sympathia: não deitou programma, não tem jornal nem publicou manifesto.

Não tendo outros actos pelos quaes possa ser julgado, a imprensa monarchica não tem considerado para combater o novo partido senão os nomes das pessoas de que elle se compõe, e tem-se negado vivamente aos professores, aos engenheiros e aos funcionarios publicos em geral o direito de affirmarem opiniões adversas á forma do governo vigente.

N'este ponto declaramos que não comprehendemos bem o criterio da imprensa.

Os empregados publicos não nos consta que fôsem nomeados para servir a monarchia mas sim para servir o paiz. A sua obrigação de leaes servidores e de bons patriotas é desejarem que o paiz tenha o governo que elles julgam melhor. Os proprios reis, que são funcionarios publicos como quaesquer outros, unicamente, talvez, um pouco mais caros, têm a esse respeito as suas opiniões pessoaes absolutamente livres. O velho rei Leopoldo, da Belgica, era republicano. O imperador Napoleão III affirmou sempre que era socialista. O rei Amadeu, em Hispanha, desthronou-se a si mesmo. Em Portugal não nos parece que o sr D. Luiz I tenha razões irresistiveis para amar o constitucionalismo, conhecendo-o como elle o conhece.

Além d'isso o systema representativo tem sido

sempre, por toda a parte, considerado como uma forma de transição entre a condenção da monarchia absoluta e o advento da soberania popular. Ora é bastante duro obrigar um povo ou uma parte de um povo a conservar-se eternamente fiel a uma instituição interina.

A única cousa portanto que nos é dado pedir a estes senhores é que tenham a bondade de não emittir as suas opiniões de modo que perturbem a ordem e obriguem a intervir a policia. O que sobretudo lhes supplicamos é que se não martyrisem, que se não destinem a victimas, que não queiram derramar o seu precioso sangue pela *grande causa*, que não vão ter a velha idéa de expirar na barricada, mordendo o cartucho heroico ao som da *Marseillaise* e do grito supremo de *Viva a liberdade, a egualdade e a fraternidade!* Em primeiro logar porque nos faria pena vêr morrer de um modo tão triste alguns bons rapazes nossos conhecidos, cheios de talento, e com prestimo para alguma cousa melhor do que acabarem n'uma chacina ingloria e desagradavel. E, depois, porque, ainda mesmo que escapassem, ficariam desacreditados entre as pessoas de bom gôsto pelo simples factó de lhes haver passado pelo sentido a idéa emphatica do sacrificio das suas pessoas, expediente usado pela ultima vez em 1848, quando a intervenção da poesia lyrica, da rhetorica

c do diletantismo nos graves negocios da politica poz em moda a puxadeira, a ode, o chapéo á Lamartine e a morte sob a bandeira encarnada em cima de um omnibus atravessado n'uma viella.

Desde 48 até hoje descobriu-se pela terrivel fôrça do simples bom senso que as victimas são completamente inuteis e chegam mesmo, segundo Proudhon, a ser immoraes, porque são ellas unicamente que justificam a existencia dos algozes.

Nas questões de raciocinio o sangue é tão esteril como a declamação oratoria. O que convence é unicamente a prova. Em todas as revoluções victoriosas ha uma parte que vinga para a posteridade e uma parte que se desconta nas restaurações subsequentes. O que vinga é o fructo da razão ou a força das cousas. O que se desconta n'um retrocesso proporcional é a obra da paixão, do sacrificio, do enthusiasmo partidario.

Se, aproveitando as licções dadas pela historia a todos os revolucionarios, o partido republicano portuguez resolver conservar-se inalteravelmente bom philosopho, elle poderá prestar á civilisação serviços importantes, que o paiz deve reconhecer com agradecimento e não com injurias.

Na evolução politica das nações latinas, o advento da republica, dentro de um periodo mais ou menos proximo, pode desde hoje predizer-se com toda

a segurança. Os paizes latinos, a França, a Italia, a Hispânia, Portugal constituem para o effeito das idéas, dos principios, dos costumes uma estreita confederação moral, governada em espirito pelo mais adeantado e pelo mais instruido dos Estados federados. O paiz dirigente é a França. E ao seu impulso que obedecem fatalmente em Portugal todos os phenomenos sociologicos: a arte, a litteratura, a poesia, o direito, a politica Foi da revolução franceza de 1789 que resultou pora nós a queda do antigo regimen e das despóticas instituições concomitantes da tyrannia. Foi da poderosa iniciativa da França que sahiu o nosso moderno direito, a nossa aspiração liberal, os nossos costumes democraticos e finalmente todas as condições da viabilidade do systema representativo e da monarchia constitucional.

A França acaba agora de dar um passo inteiramente novo na politica moderna: funda a republica *em nome da ordem*, tirando a nova forma democratica de governo, não das convulsões de uma revolta, mas da reflexão, do raciocinio, do estudo, da dedicação patriotica de todos os seus homens mais honrados e mais illustres na philosophia, na sciencia da historia, na moral e na politica; e o suffragio nacional vota pacificamente o novo systema, não como uma vaga utopia poetica e phantasista, mas

como a solução mais consentanea com os costumes e como a garantia mais perfeita da ordem, da paz, da riqueza e da prosperidade publica.

Este facto culminante na historia contemporanea, de uma significação tão profundamente expressiva, não pode ficar perdido nos destinos da Europa latina, onde nenhuma das soluções dadas pela França aos problemas modernos deixou ainda de produzir, mais ou menos lentamente, uma influencia profunda e decisiva nas idéas e nos successos.

A nossa monarchia constitucional, extremamente benevola, nunca perturbou a paz, mas tambem não accrescentou nunca as conquistas da civilização. Quarenta annos de experiencia têm corrompido quasi todas as instituições: o voto, o parlamentarismo, a imprensa, o ensino, a litteratura, o crédito, o exercito, a administração districtal, o imposto, a igreja, a lei da desamortisação, a lei dos concursos, a lei das pautas. Porque? Porque o espirito publico não estava educado para o novo systema. Não o tinha merecido pelas seus proprios desenvolvimentos. Recebia-o como um presente estrangeiro. Não sabendo usar das liberdades e dos direitos que o novo regimen lhe faculta, deixou immobilisar as instituições, o que equivale a desmoralisar e a perverter os principios.

Se durante a monarchia absoluta um forte partido

liberal se houvesse encarregado de educar cidadãos para a liberdade, o constitucionalismo não teria talvez recusado na pratica os beneficios que nos promettia na mais auspiciosa theoria.

Ora é exactamente para que a republica, quando o seu dia chegar, nos não encontre tão desapercibidos como nos encontrou o regimen constitucional, que é bom o centro republicano portuguez. A sua grande missão, inteiramente scientifica, é preparar os seus correligionarios para que sejam menos duras as calamidades que nos esperam sob o futuro governo exercido por um povo ainda hoje tão ignorante dos seus direitos, dos seus interesses e da sua dignidade como o estava no tempo em que os soldados de D. Pedro IV se batiam pela liberdade, que não sabiam amar, e pela Carta, que mal sabiam lêr.

Se todavia — em vez de ensinar pura e unicamente — o centro republicano pretender fazer eleições, fazer politica e — o que é mais que tudo lastimavel — fazer republica, n'esse caso parece-nos que será mais util, mais patriotico e mais sublime, deixar-se d'isso, e ir passear para o Aterro.

## XXI

Ha tres dias que Lisboa suffoca sob uma temperatura tropical.

Pelas condições do nosso clima vamo'-nos apartando cada vez mais da Europa e mergulhamos gradualmente na Africa.

Infelizmente não dispomos para combater o calor dos modificadores confortaveis que ha, por exemplo, em Marrocos.

Não temos os turbantes brancos.

A nossa *toilette* de passeio reduzida á simples frescura da tanga não seria inteiramente approvada pelos burguezes da Baixa.

Não temos as rêdes de pennas em que dorme o africano.

Por cima das nossas mesas de jantar não oscilla, agitado pela mão de uma escrava ethiópica, o benefico pancá.

Não temos as frescas bebidas aciduladas do sertão.

Não temos para nos banharmos as ruidosas ca-

choeiras crystallinas, nem o regato ensombrado pela copa dos aloés, dos tamarinos e das bananeiras.

Hontem e antes de hontem, não houve gêlo em Lisboa. Parece que se quebrara um embolo na machina do unico gelador que existe na capital.

No Chiado desde pela manhã até a noite uma poeira subtil e infecta penetra a pelle e a mucose, suja os dentes dos transeuntes, e deposita-se-lhes na larynge e no pulmão.

Em nenhum passeio da cidade, em nenhum square, em nenhum jardim é dado ao habitante o refrigerio de olhar para um repuxo, de ouvir o dôce marulho saudoso de um fio de agua gottejando.

É absolutamente prohibido olhar para uma flôr que não seja de papel, desabrochada na esterilidade das cuias postiças, sob um orvalho da fabrica de vidros da Marinha Grande.

Em toda a área da cidade não ha uma só arvore que não seja de menor idade e que não precise para estender um bracinho de pedir licença ao conselho de familia.

Segundo o programma para a distribuição da agua aos habitantes, na zona alta da cidade ninguem pode lavar a cara senão de dois em dois dias.

Um copo de agua comprado no Rocio custa tão caro como uma canada de vinho em outros pontos do reino.

Nos ribeiros dos suburbios, para onde se vae passear aos domingos, quem quer ter uma garantia absoluta de não molhar os pés passa por baixo das pontes.

Ha uma velha legenda de uma tribu maldita e errante, que em toda a parte onde chegava estabelecia a aridez, a devastação e a fome. Esta tribu é o desleixo. Nós descendemos talvez d'ella e herdamos o seu destino.

Se é certo que até um dado ponto é o clima que faz o homem, do ponto em que a civilisação principia por deante, é o homem que faz o clima.

O solo argiloso nos paizes frios rebaixa a temperatura e produz os rheumatismos e os catarrhos. Nos paizes quentes o solo arenoso produz o excessivo calor, que só é possível modificar cobrindo os terrenos de vegetação. Está hoje reconhecido que a *drenagem* sanifica poderosamente as condições do clima, segundo se provou no Lincolnshire e em Stamford Hill entre Londres e York.

As arvores amainam os ventos, augmentam a humidade atmospherica, estabelecem uma menor differença entre a temperatura do dia e a da noite, tornam mais suaves e moderadas as chuvas. Sendo além d'isso, excellentes conductores da electricidade, as arvores subtraem a electricidade da atmos-

phera, dispendendo-a no solo e diminuindo assim as trovoadas e os granizos. A superioridade das vantagens hygienicas da cidade de Paris sobre a maior parte das capitães europeas procede das plantações dos bosques de Vincennes e de Boulogne, os quaes representam uma superficie de 1:600 hectares de plantações. Tornar a terra productiva não é actuar unicamente sobre a alimentação, é beneficiar as condições hygienicas da respiração. Segundo o doutor Clavé, no seu tratado de *Meteorologia florestal*, as florestas têm sobre o clima a acção chimica, a acção physiologica e a acção mechanica. Nos paizes quentes o primeiro beneficio das florestas é o rebai-xamento da temperatura.

Ora Lisboa está situada no meio da aridez. Na parte meridional do paiz, onde são mais urgentes os grandes trabalhos florestaes, ninguem pensa na arborisação do solo. Se nos 4 ou 5 mil kilometros de estradas que existem em Portugal se plantassem oliveiras, não é difficil de provar que o resultado d'essa plantação pagaria inteiramente a despesa das estradas e daria ao Estado por meio da producção do azeite um augmento enorme de riqueza. No emtanto não se plantam oliveiras á beira das nossas estradas. Porque? Ninguem o sabe.

Está provado pela direcção scientifica das construcções em todas as grandes cidades da Europa

que a altura das casas não pode, sem prejuizo da ventilação e da salubridade, ser superior á largura da rua. Em Lisboa a altura do predio excede tres ou quatro vezes a largura das ruas. Ha mesmo uma lei do marquez de Pombal que prohibe a edificação de casas com mais de tres andares. Todavia em Lisboa todos os predios modernos nos bairros mais habitados têm quatro, cinco e seis andares. Porque? Tambem se não sabe.

Dizem que perto de Pekin têm os imperadores da China um recinto murado, com doze leguas de circuito, onde desde tempos immemoriaes ninguem penetra. Presume-se que n'este recinto, onde os criminosos são lançados á braveza do solo e ao furor das feras, os condemnados têm conseguido associar-se e resistir ás fatalidades terriveis que os assoberbam.

Nós outros, gente civilisada, com ministros responsaveis, duas camaras, um exercito, uma universidade, etc., etc., etc., temos sobre a natureza menos acção do que um simples bandido, desarmado, nu, e — chinez!

## XXII

Celebrou-se a festa patriótica do *Primeiro de Dezembro*.

Foi um dia triste, pesado de nuvens, alagado em chuva, empoçado em lama.

Contra a nacionalidade que se divertia a sábia natureza protestava.

O aguaceiro fazia chapinhar as dissoluções da immundície municipal sobre o theatro da festa, e o vento sul, habituado espectador e velho dilettante da desgraça, do infortunio e da miseria, assobiava os festeiros pelas frestas da casa onde o patriotismo assoprava jubiloso e sumptuario os trombones da philarmonica *Patria e pilheria*.

Nós contemplámos a festa de uma janella.

Sobre a meza lodacenta e pegajosa da rua pairava, derretendo-se e gottejando, um d'estes nevoeiros espessos, escuros, que parecem feitos de tinta e de sêbo.

Da varanda de uma casa apontava para as gotteiras do predio fronteiro uma vara de que pendia

uma bandeira melancholica, molhada, immovel, como um velho lençol pendurado de uma trapeira indigente.

O predio da bandeira estava ingrinaldado de bambinellas de murta e de pequenas lanternas de lata lagrimejantes e frias. Dentro, para celebrar a nossa aversão a Castella, uma philarmonica, constipada mas intrepida, rouquejava o Tango de uma zarzuela.

A um lado, ao fundo de um corredor terreo e sombrio, n'uma adega, aquartilhava-se vinho, e bebia-se.

Do predio festival para a taberna e da taberna para a entrada do predio perpassavam saltitando no enchurro operarios em sueto e mulheres de volumosas saias engommadas gargarejando a sua hilaridade alcoolica e rouca.

Em alguns outros predios da cidade repetiam-se scenas identicas.

Um d'esses predios tinha pertencido a D. Filippa de Vilhena, outro a D. Antão de Almada.

Por tal modo o paiz affirmava a sua independencia, e pretendia mostrar que sabia merecel-a e honral-a.

Parece-nos que o não conseguiu

À noite em uma reunião solemne alguns cidadãos

dissertos e verbosos fizeram os panegyricos da independencia e da patria. Nos periodicos do outro dia echoaram estes brados da eloquencia patriotica.

Esta especie de rhetorica, não menos meritoria pelo que vamos dizer, tem precedentes desagradaveis: não provou bem, gorou por ôca e por inutil em 1580, quando o proximo dominio castelhano se discutia nas reuniões do povo. Phebus Moniz, o entrepido popular, não discursava. Martim Gonçalves da Camara, o leal e benemerito portuguez, não entoava lôas á sociedade que se lhe esboroava debaixo dos pés: dizia lhe curtas verdades sêccas e amargas, falando ao povo (que ama a lisonja ainda mais do que os principes) com a mesma integridade com que falava aos reis.

Ora o Portugal de 1871 parece-se demasiado com o Portugal de 1580 para que a mesma eloquencia nas duas épochas deva produzir em nós vibrações dissemelhantes. O que então cumpria dizer ao povo é o que hoje se lhe devia declarar. O que então convinha calar tambem hoje se não deve dizer. O que nos convem é a aspereza sincera da verdade. O que nos prejudica é a baixa adulação emphatica da mentira.

Sem as preocupações tumultuarias da successão

legadas ao paiz depois do reinado inepto e padresco do infante D. Henrique, achamo'-nos, como n'esse tempo, desunidos pelas divergencias politicas e pelas facções partidarias.

A aristocracia está pobre como então estava. Os antigos senhores primitivos da casa de Vimioso encontrariam hoje no seio das familias nobres em Portugal as mesmas resistencias, as mesmas difficuldades insanaveis que no seu tempo se oppuzeram ao cumprimento integral dos deveres patrioticos.

A actual mocidade fidalga não foi desbastada em Africa batendo-se valorosamente ao lado de D. Sebastião, mas está igualmente enfraquecida no brio das armas.

Os animos estão tão fatigados de estereis luctas e tão despegados do interesse publico como no dia em que o cardeal rei, separado pela peste do glorioso jazigo da dynastia de Aviz, era lançado a uma cova no mosteiro de Almeirim sem uma só lagrima de dôr ou de saudade.

O povo n'um caso de lucta pela suprema affirmacão do seu direito não doderá tirar hoje do seu gremio uma intelligencia mais preparada para o combate das idéas que a de Phebus Moniz, o valente e inculdo plebeu.

As actuaes finanças não têm mais recursos que o antigo erario.

Sobre personagens importantes pesa hoje como no tempo da expectativa ambiciosa de Filippe II a suspeita de iberismo.

Finalmente, tal qual o que succedia no momento historico da dominação hispanhola, estamos pobres, ignorantes, indifferentes e desarmados.

A invasão do duque de Alva no territorio portuguez não foi sómente um facto da politica filippina nem uma erupção abrupta do militarismo castelhano.

Não, queridos compatriotas: nós não fomos dramaticamente surprehendidos pelo despotismo da fôrça, como por tantas vezes vos tem sido encarecidamente declamado.

Nós fomos simplesmente vendidos pela immoralidade e pela miseria. Fomos comprados pela intelligencia e pelo dinheiro!

Quereis saber quaes eram as disposições patrioticas do paiz invadido pelos soldados do rei catholico?

Ouvi!

A principiarmos pelo alto do throno, o amor da patria que animava o rei portuguez era de tal modo exemplar a seus vassallos, que poucos dias depois da morte do cardeal, o embaixador de Hispanlia na côrte de Lisboa escrevia ao soberano do seu paiz

que mais algum tempo de vida teria levado o nosso mui alto e mui poderoso senhor a deixar definitivamente estipulada a contento de Filippe II a união da corôa de Portugal com a de Castella. A infausta morte de D. Henrique implicou a politica hispanhola no sentido de a obrigar a comprar aquillo de que se lhe teria feito presente.

Emquanto ao governo provisorio que dirigiu os negocios publicos depois do fallecimento do cardeal, esse era composto de cinco membros, quatro dos quaes estavam vendidos a Castella. O ultimo comprado foi o arcebispo de Lisboa, que se deu beatificamente por um barrete cardinalicio. Esta compra deu logar a que entre o embaixador de Hispanha e o sacerdote portuguez se fizesse um trocadilho muito espirituoso com a identidade de côr que apresenta a murça de um cardeal e o sangue de um povo. A venalidade inepta da patria prestava-se simultaneamente á veniaga e ao *calembourg*.

Os sabios votavam pela união de Castella, com o fundamento de que todo o destino seria mais sensato do que a propria tutella. Assim o veneravel arcebispo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres expedia circulares de seu proprio punho ordenando que em todas as egrejas da sua diocese se fizessem preces publicas para que Deus favorecesse a victoria das armas do sempre glorioso rei Filip-

pe II de Hispanha, afastando das costas de Portugal D. Antonio, prior do Crato, o *heretico*.

As lettras tiveram a sua parte na dissolução geral. Manuel de Sousa Pacheco (de quem D. Christovam de Moura escrevia ao soberano hispanhol: *el letrado no está malo*) atraiçooou miseravelmente Phebus Moniz, arrancando lhe do conclave o apoio de quasi todos os deputados mediante uma renda de dez mil ducados que lhe foi estabelecida pelo embaixador de Castella.

A toga não era mais honrada que a beca, a pena ou a espada. Foram vários membros da illustre magistratura portugueza que, por adhesão á politica hispanhola, annullaram em Lisboa o apoio dado pelos christãos novos ao prior do Crato.

A correspondencia trocada entre o embaixador de Hispanha D. Christovam de Moura e Filippe II encerra os pormenores mais circumstanciados do preço por que se negociavam em favor de Castella as consciencias portuguezas.

O principe D. João, duque de Bragança, tão cavalheiresco na lenda, era no fundo um irresoluto, um pusilanime, cujo animo apenas de longe a longe faiscaça fugitivamente aos reflexos do valoroso character de sua mulher.

O arrojo vingativamente portuguez e aventureiro do prior do Crato não achou em todo o paiz para o

seguir senão a impotencia, a indiferença ou a lastima.

Eram geraes e profundos em todo o reino, o cynismo, a immoralidade e a corrupção.

Os simulacros de hostilidade á usurpação estrangeira foram na maxima parte o resultado da cobardia dos caracteres e das hesitações da responsabilidade. A defesa apresentava por toda a parte o character de uma indecisão. Resistencia em taes condições não é manifestação de valor, é ainda um dos phenomenos da fraqueza.

Ahi tendes, ó festeiros do primeiro de dezembro, rapida mas lealmente desenrolada a vossos olhos, aquella parte da tela da vossa historia sobre a qual se desenha o dominio filippino.

Quem verdadeiramente invadiu Portugal não foi o duque de Alva, foi D. Christovam de Moura. Ora approximando os factos, e justapondo as circumstancias remotas ás eventualidades presentes, tirando da historia a licção que ella encerra, de quem hoje nos deveriamos recear não é dos exercitos do rei Amadeu mas sim da diplomacia do sr. Fernandez de los Rios.

Pondo por emquanto de parte a questão de investigarmos se estamos ou não estamos predispostos para a invasão e para a conquista—investigação

sobre a qual julgamos ser amáveis com o paiz não repisando mais — e tomando simplesmente como facto historico o sr. Fernandez de los Rios, parece-nos que, vista a toda a luz da rua das Chagas, a diplomacia hispanhola não inspira receios.

Não! Conhecemos as faculdades do sr. Fernandez de los Rios pelas obras d'elle que correm impressas, e podemos assegurar ao paiz debaixo da nossa palavra de honra que o representante do rei Amadeu, não é positivamente um homem que possamos comparar ao ministro de Filippe II.

Infelizmente o benefico sr. Fernandez de los Rios não poderia continuar a permanecer á frente da embaixada hispanhola na côrte de Lisboa.

O argumento em cujas pontas s. ex.<sup>a</sup> teria o incommodo de consentir em ser devolvido á sua patria é o seguinte:

É iberico ou não iberico o sr. Fernandez de los Rios?

Se não é iberico, deve ser demittido porque tem sido tão inhabil que tem desprestigiado completamente a sua influencia fazendo-se passar por aquillo que não tem proposito nem proveito de ser.

Se é iberico, que conquistas deu ao seu partido? Que sympathias adquiriu á sua causa? Que opiniões subjugou? Que inimigos venceu? Que adeptos reuniu? Finalmente, para que o digamos n'uma palavra

sincera que Philippe II adoptaria, vejamos: que compras tem feito? Nenhuma. Ora, ao tempo a que o sr. Fernandez de los Rios iberisa no seu palacio da rua das Chagas, o seu predecessor Christovam de Moura tinha comprado o paiz inteiro.

No emtanto o sr. Fernandez de los Rios não é substituido por um embaixador mais habil e mais expedito.

Logo: podeis jubilar, ó lusos. Porque, depois de postos os principios que acabamos de expôr, temos necessariamente de acceitar uma das tres unicas conclusões que seguem:

Ou nós estamos superiores a toda a especie de corrupção e de peita, e somos então independentes e livres por natureza;

Ou a Hispanha nos não quer comprar, e este é o caso de continuarmos a procurar ganhar honradamente a nossa vida por outro modo;

Ou finalmente a Hispanha não tem com que nos compre, e, n'este caso ainda, podemos dormir tranquillos, porque elles — coitados! — estão tão pobres como nós, e se o duque de Alva tivesse de nos invadir, não deixaria de pedir-nos, como antecipação do tributo de guerra, que lhe mandassemos á fronteira — uma tipoia.

Por ultimo, voltando aos regosijos do primeiro de

dezembro, e considerando que o dominio hispanhol não é a cousa que mais nos honra no passado, nem a que mais temores possa infundir-nos n'um proximo futuro, pedimos — se ainda vamos a tempo — que na acta da ultima festa se lavre que :

Tendo-nos regosijado bastante, cessamos de regosijar-nos.

Dezembro 1871.

## XXIII

Ao mesmo passo que a carne de boi sobe na categoria preciosa de joia o bacalhau affirma-se na importancia de alimento. Ora uma cousa estamos d'aqui a recear: é que o bacalhau abuse da suprema influencia que vae ter sobre o corpo social.

O commercio do bacalhau constitue em Lisboa um monopolio. O que vamos dizer é a verdade mais pura e mais authentica. Os bacalhoeiros estão agremiados. Fazem uma companhia anonyma, uma associação secreta para as suas negociações e para os seus lucros.

Em certos dias os bacalhoeiros reúnem-se e assemblam no preço por que hão de comprar e por que

hão de vender o seu genero. Em seguida um dos bacalhoeiros, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da associação, é mandado ao mercado, só e uno. Este bacalhoeiro dirige-se ao consignatario do carregamento chegado da Terra Nova e propõe-lhe o preço da compra. Se o consignatario resiste á imposição do preço feito pelo representante dos bacalhoeiros lisbonenses, o carthaginez retira-se, e o dono do genero á descarga no Tejo não encontra mais ninguem que lh'o negoceie.

Se um intruso alheio á associação toma conta do genero que o dono não quer dar ao desbarato aos bacalhoeiros encartados, estes baixam immediatamente o preço do bacalhau que têm em deposito, e o comprador do acaso, não achando no consumo o preço da compra que fez, lança-se por fim nas fauces da associação e vende aos bacalhoeiros a mercadoria depreciada pelo preço que os bacalhoeiros lhe fazem.

Esta veniaga acha-se tão solidamente organizada, que ha muitos annos têm sido inuteis todas as tentativas feitas para evitar que os bacalhoeiros comprem pelo preço que muito bem lhes apraz e vendam pelo preço que muito bem lhes parece.

De quando em quando os senhores bacalhoeiros, no meio dos seus festins babylonicos, senhores do povo que tyrannisam, enfastiados em seus ocios,

têm caprichos heliogabalicos, e não podendo incendiar outra vez Roma para aquecerem os pés na fogueira da cidade, envenenam Lisboa lançando-lhe bacalhau pôdre. Lisboa come, come: *de là sa chute!* como diria Bossuet.

Nós não pedimos providencias contra o monopólio do bacalhau: isto seria ferir muito no vivo o commercio lisbonense, que tanto medra em transacções semelhantes áquella a que alludimos. Temos, por exemplo, que o commercio da manteiga ingleza é egualmente feito, não já por uma sociedade, mas por um só individuo. Se este sujeito se fôsse escandalisar com as nossas modestas observações e se retrahisse com o seu genero, Lisboa seria forçada a confessar que a sua manteiga, a qual até agora não tem senão metade em sêbo, começava d'ahi em diante a não ter absolutamente nada em manteiga, — o que daria em resultado comermos as torradas francamente — com velas.

O que humildemente lembramos aos srs. bacalhoeiros é a salvação das suas almas e a eternidade no abysmo em que ha o ranger dos dentes — e não ha bacalhau.

O vosso dia, senhores, pode chegar quando menos o esperardes. Podeis cahir. Ninive e Gomorrhá tambem cahiram. Não ha administração, é certo,

mas — providencial castigo de tyrannos, dôce recobro de opprimidos! — sabeis o que ainda ha, ó bacalhoeiros! Ha o cholera-morbus e ha o vomito negro!

Recolhei-vos em vossos espiritos, bacalhoeiros! e ponderae o que succedeu por occasião da ultima epidemia que invadiu a capital. Escusamos agora de vol-o repetir: vós sabeis que todos os bacalhoeiros que então existiam morreram. É, segundo todas as probabilidades, o que terá de vos succeder a vós mesmos, dentro de bem pouco tempo talvez! Quem sabe se as pestes enviadas a Lisboa não são o instrumento mysterioso e omnipotente com que a divina providencia delibera de quando em quando em sua imperturbavel rectidão punir o crime dos monopolios?!

Se pois se consideram livres da acção das justicas humanas, que os senhores bacalhoeiros pensem pelo menos na divina justiça! E que tremam!

Novembro 1871.

## XXIV

A imprensa de Lisboa, fazendo uma excepção aos seus habitos, discutiu ultimamente uma questão vital nos destinos do jornalismo — a questão da publicidade. Tratou-se de decidir se o direito de publicidade se deve considerar absoluto ou condicional. Entre a immuniidade e a restricção, a imprensa de Lisboa votou unanimemente :

Na restricção!

Assim acabamos de vêr todos os periodicos lisbonenses que discutiram o direito da publicidade entoarem em côro as seguintes declamações :

Temos este direito e temol-o na sua maxima plenitude. Ninguem nol-o contesta, ninguem nol-o restringe. É elle ao mesmo tempo uma garantia da verdade e um instrumento da justiça. No emtanto tal ha sido o criterio, tal a sabedoria, tal o talento, com que temos usado d'esse direito, que ainda não produzimos senão desgraça e miseria. — É isto ou não é isto verdade? perguntava cada um. — É intei-

ramente verdade! respondiam todos. Que é pois o que se deve fazer d'este direito, de cujo emprego não tem resultado senão mal? Conclusão geral:

Supprimil-o!

É como se alguém perguntasse á sua mão:

— Mão, que tens tu feito?

E, respondendo a mão:

— Tolices!

resolvesse o sujeito — cortar a mão.

Os factos sobre os quaes os periodicos desejam apagar a publicidade são principalmente — os crimes.

Os senhores jornalistas, segundo a sua propria confissão, têm conseguido revestir a noticia de qualquer factio criminoso de commentarios tão adaptados a excitar o horror do publico, que o resultado tem sido fazerem ao crime uma verdadeira *réclame*. São elles mesmos que o dizem!

Parece estar provado que, sempre que suas excellencias referem que alguém assucarou o seu café com acido prussico ou preparou o seu chá com cabeças de phosphoros, apparecem leitores que no dia immediato passam a substituir nas cozinhas o sal pelo arsenico e a massa de macarrão pela massa phosphorica?

Assim têm os periodicos conseguido, á fôrça de tactica e de astucia, fazerem acceitar pelas familias os tratados de toxicologia como receitas alimenticias!

Vejamos por meio de que processos se alcançam êsses resultados verdadeiramente phantasticos.

Rarissimos homens deixam de estar um dia em sua vida á beira da miseria ou á beira da deshonra. Ha em Portugal n'este momento quatro homens, pelo menos, que estão atravessando agora a semana fatal, de que fala Balzac. Estão desempregados, e esperam uma collocação, que virá talvez amanhã. No emtanto elles chegaram á extremidade dos seus recursos. Estão no cabo da lucta. Empregaram todas as armas: trabalharam, pediram, imploraram, inventaram, venderam, empenharam, mentiram, talvez até que roubassem! Os crédores ou os beleguins vão apparecer á esquina da rua. Todas as retiradas lhes estão cortadas. Como velhos lobos esfalfados, ouvem em tórno de si latir a matilha de dentes luzidios e anavalhados; ao fundo do atalho, por cima dos muros, do alto das arvores, fita os o olho negro e redondo dos canos das espingardas em pontaria. Esses quatro homens têm vestida a sua derradeira camisa, estremecem de frio, de medo e de fome dentro do ultimo paletot que lhes resta;

foge-lhes o chão debaixo dos passos vacillantes; sentem vertigens; fazem-lhes esgares incoherentes e allucinados as pavorosas visões da febre. Então um d'esses desgraçados volta uma perna por cima de um muro, e despenha-se n'um precipício.

À noite o jornalista, fumando tranquillamente o seu charuto de depois de jantar, escreve para o periodico do dia seguinte:

«Da muralha de tal acaba de precipitar-se um sujeito de meia idade, decentemente vestido. Ignora-se quem seja o infeliz. Lamentamos que a ausencia de principios religiosos, cada vez mais raros na educação moderna, continue a arrastar ao crime aquelles para quem se apagou o divino facho da resignação e da esperanza. A vida não pertence ao homem, pertence a Deus.»

Dos quatro desgraçados a que acima nos referimos a citada noticia tem por leitores os tres sobreviventes. Como é á ausencia de principios religiosos que se attribue o seu mal, elles relêem o catecismo. Todavia, como com a falta da religião coincide para elles a falta de comida, a leitura sacia-os apenas de um modo mediocre. Entretanto, como no conto do *Pendulo e o fogo*, de Egard Poe, a miseria cinge-os n'um circulo de fogo progressivamente mais estreito, e por cima da cabeça d'elles, cada vez mais perto, vibra oscillando o largo cutello da

deshonra ou da fome, n'um compasso terrível, como a pancada de um chronometro. Então o segundo infeliz cavalga o muro de que acima se fez menção, e deixa-se baquear ao outro lado.

O jornal repete a proposito do infeliz n.º 2 a noticia feita para o infeliz n.º 1:

*Um sujeito de meia idade, decentemente vestido, etc...*

Accrescenta que a muralha de tal está sendo um sorvedouro de vidas, e conclue pedindo religião para as consciencias e grades de ferro para as muralhas. O que — segundo é facil de prevêr — em nada obsta a que o infeliz n.º 3 se ausente de entre os vivos, *haurindo* — segundo a expressão da noticia que lhe corresponde — *uma poção venenosa*. Em quanto, por seu lado, o infeliz n.º 4, herdando inesperadamente duzentos contos de um tio discretamente finado, se elimina da lista dos suicidas para passar a figurar no projecto de uma fornada de pares do reino, — veneravel asylo de todas as pessoas ricas impossibilitadas de se pôrem repentinamente *ao par* de qualquer outra cousa que não seja o *reino!*

Tal é a historia vulgar do suicidio em Lisboa. Em dadas circumstancias matam-se aquelles para quem a existencia se torna um fardo demasiadamente pesado; deixam de matar-se aquelles que por

outro qualquer meio conseguem depôr o réso que os esmagava.

A imprensa dá-se ares de uma malignidade que não possui attribuindo-se qualquer especie de cumplicidade n'este crime. O argumento de que, no anno em que se publicou *Werther*, augmentou sensivelmente na Allemanha o numero dos suicidas, carece de analogia para o caso das pessoas que se precipitam do muro de S. Pedro de Alcantara. A pura verdade, a qual para descanso das consciencias dos senhores noticiaristas devemos dizer é: que suas excellencias, considerados como Goethes dos precipicios de Lisboa, são inoffensivos até o ponto de se tornarem ligeiramente ridiculos continuando a insistir na affirmação de uma responsabilidade de que o crime os absolve mesmo sem os ouvir.

A concorrência de varios casos de suicidios em épochas dadas não prova que a publicidade de uns promovesse os outros. Tem-se observado que succede com os incendios o mesmo que com os suicidios: parecem contagiosos,— e não está todavia provado que os prédios leiam os periodicos antes de se conchavarem para arder.

Passando da publicidade dos suicidios á de outros crimes, a questão complica-se mais em sentido con-

trario á opinião modernamente assentada pela imprensa.

Se os jornalistas resolvem que é nociva a publicação dos crimes perpetrados, bem como a das diferentes circumstancias e documentos dos processos respectivos, os jornalistas são obrigados, depois d'essa decisão, a aceitar todas as consequencias do principio que estabelecem.

Temos em primeiro logar que, se o crime é excluído d'entre o numero dos factos de que é permittido á imprensa occupar-se, sob o fundamento de que a publicidade excita á perpetração, criterio identico se deve egualmente applicar á menção dos simples delictos, violações ou contravenções de lei. E a razão é que o simples delicto, não só pelo pequeno grau de perversão que demanda, como pela exiguidade da pena que lhe corresponde, está por sua natureza muito mais na ordem dos factos cuja frequencia por espirito de imitação é dado recear-se, do que o crime propriamente dicto.

Exceptuados pois os crimes e os delictos d'entre os factos de que a imprensa tem direito de tratar, que é o que fica permittido aos jornaes para a menção ou para a critica?

São-lhes vedados, como theatro de delictos ou de crimes, os tribunaes, as casas do parlamento, as prisões, os hospitaes, os corpos da guarda, as esta-

ções da policia, a alfandega, a administração municipal, a repartição de saude, os actos do governo, a apreciação da politica, os discursos dos deputados, a critica dos livros e a das peças dos theatros. Um mero extracto do calendario, uma simples noticia do santo do dia, terá de ser feita com grande commedimento e reserva, porque os martyrologios são outros tantos homicidios, e a paixão de Jesus narrada nos Evangelhos é um processo crime commentado pela revelação divina.

Ao passo que a imprensa portugueza delibera a conveniencia de abafar no silencio os pormenores dos processos debatidos nos tribunaes—no que a imprensa é exactamente da opinião do Santo Officio—na Inglaterra promove-se, como relevante aperfeiçoamento do direito, que todo o processo criminal agite e commova o paiz inteiro.

Discursos e commissões no parlamento, allegações de advogados, reclamações da imprensa, historia do crime, observações dos jurados, publicações particulares, tudo se emprega, tudo se comprehende que deve ser empregado, para abalar a sociedade e fixar a sua attenção nos interesses da justiça.

O mesmo succede inteiramente nos Estados-Unidos, e já um pouco em França.

Erradas interpretações, boatos corrompidos, falsas testemunhas, illusorias apparencias, aclaram se, corrigem-se, desaparecem na discussão geral, pela critica, pelo depoimento livre, á luz publica.

Pode contribuir a publicidade da historia do processo e dos pormenores dos debates para converter o réo n'um objecto de sympathia ou de interesse? Razão de mais para que, n'esse mesmo intuito, com esse expresso fim, exerça a publicidade a sua influencia. E barbaro e mesquinho privar o accusado — que perde com a liberdade muitos dos mais sagrados meios de defesa — de appellar do tribunal, do carcere, do degredo ou da grilhetta, para a piedade e para a opinião. Isso que suppondes ser um dos percalços da publicidade não seria realmente senão um dos seus mais bellos titulos ao reconhecimento da humanidade: evitar que a execração publica acompanhe no ultimo destino aquelle que está já fulminado na sua existencia e na sua liberdade pelo castigo que recebeu. Em quasi todos os crimes a responsabilidade do mal não se limita unicamente ao individuo que o commette, toca tambem em alguma parte á sociedade a que o individuo pertence. A sociedade pois, não só pode, mas deve conhecer o crime — para zelar a justiça e para cobrir a desgraça.

Felizmente, na discussão do direito de publicar,

a imprensa não decidiu sómente uma cousa, decidiu duas. Decidiu primeiro — que se devia abster; e decidiu depois — que se não abstinha.

Pedimos licença á imprensa para lhe não enviar os nossos cumprimentos.

Abril 1872.

## XXV

O cão, esse fiel amigo do homem, tem um defeito: damna-se de quando em quando, e sempre que isto lhe succede faz uma cousa: devora o seu amigo.

Durante a semana passada não houve dia em que se não damnassem cães, comendo cada um d'elles varios boccados dos viandantes com quem se encontraram.

O que hoje existe da população de Lisboa podem os cães dizer á bôcca cheia que é simplesmente aquillo que elles não tiveram vontade de comer na semana finda.

A cidade humilhada pede á camara municipal que

esta providenceie de modo que o Chiado deixe de ser considerado pelos cães como um «restaurante»

Parece que o cidadão se julga com direito a exigir que as barrigas das suas pernas não continuem a ser tratadas, em todos os pontos de vista, pela raça canina, como bifés.

Tem-se geralmente como iniquo que o homem se veja condemnado a ser constantemente o portador—sob a casimira das suas calças—da ceia de um perdigueiro.

A circumstancia de terem algumas pessoas, durante o cêrco do Paris, comido cão, parece-nos que não auctorisa alguns cães de Lisboa a comerem homem.

O parisiense comia cão quando não tinha outra cousa que comer; o cão nunca teve falta de alimento em Lisboa: o cão é muito guloso de immundície, e a camara de Lisboa tem sempre o cão farto e mimoso do acepipe predilecto da sua especie.

Que mais quer o cão?

Lisboa manifesta pelos seus cães o mesmo carinho que tem Veneza pelos seus pombos. Nenhuma outra cidade da Europa, a não ser Constantinopola, tem tantos cães como Lisboa. Aqui encontra-se ainda como na Turquia o cão selvagem em toda a pureza do typo primitivo. Os estrangeiros admiram

estes cães. Elles são o nosso orgulho, e são também a nossa hygiene. A limpeza das nossas ruas é feita quasi exclusivamente pelo cão vadio. É elle quem levanta as nossas podridões e as nossas immundicies. Sómente o cão abusa um pouco quando confunde o habitante com as cousas que caem dos barris do lixo. Porque, emfim, com quanto passemos juntos por essas ruas com os bichos mortos e com a hortaliça apodrecida, a verdade é — entendam-n'o bem os cães! — a verdade é que nós não somos inteiramente nem uma cenoira pôdre nem um rato finado. Se o vereador nos não distingue uns dos outros e nos deixa andar confundidos pelos passeios da Baixa, que, pelo menos, o cão nos discrimine! O cão tem o faro — faculdade organica que evidentemente falta no vereador; pois bem: que o cão se dê ao incommodo — antes de nos comer — de nos cheirar! E todos os males ficarão remediados, e todos os direitos garantidos.

Alguns jornaes, mordidos talvez em suas redacções pelo cão vadio, têm pedido ultimamente ao vereador que trucidie o cão. Este pedido é inutil e immoral. É inutil, porque o vereador é inteiramente surdo a tudo quanto se lhe pede, — e logo mostraremos isto. É immoral, porque a verdade é que o cão vadio, apesar de todos os seus defeitos, limpa es-

crupulosamente as ruas sujas, ao passo que o vereador, apesar de todas as suas virtudes, ou suja ou deixa sujar as ruas limpas. Portanto, se alguém tem de comer estrychnina, que a coma a camara. Verdadeiramente vadio em Lisboa é o vereador, não é o cão.

Promettemos provar que o vereador é surdo ao rôgo do municípe. Vamos fazel-o. Um de nós passa todas as manhãs pela rua em que se acha a Academia, na rua do Arco a Jesus. Esta rua, uma das mais immundas da capital—sem com isto querer-mos ferir os sagrados direitos que muitas outras têm ao mesmo adjectivo—esta rua, dizemos, está desde tempos immemoriaes na antiga posse de cheirar mal. Cada dia cheira á sua cousa diferente, mas cheira sempre mal. São prodigiosos os recursos de imaginação que esta rua emprega, variando constantemente de cheiros, cheirando successivamente a tudo, sem nunca cheirar bem! Ha tres annos que temos a satisfação de conhecer esta rua, e uma só vez—uma unica—a vimos falsear o seu programma e desdizer os seus principios. Foi o anno passado em um dia de primavera. Eram dez horas da manhã. Tinha chovido muito na vespera. O sol dourava nos corregos as areias scintillantes do enxurro. Uma ligeira briza de nordeste fazia palpi-

tar dôcemente a folhagem tenra do arvoredado por cima do muro do jardim de madame de Gerando. As vegetações variegadas dos telhados destacavam-se nos beirões, tocadas vivamente pela luz, sob o ineffável azul do céu. As janellas abertas, os moradores em mangas de camisa, uns com a navalha da barba ou com a esponja do lavatorio na mão, outros no acto de puxarem um suspensorio ou de aboçarem um collarinho, repentinamente immobilizados nas suas attitudes matinaes pelo phenomeno maravilhoso, olhavam extaticos a atmospheria. Dois cavallos do serviço da posta, que costumam transitar soltos e desacompanhados por aquella localidade, contemplavam-se silenciosos trocando entre si pequenos gestos interrogativos. Cincoenta e dois gatos indifferentes aos attractivos de cêrca de outros tantos carapaus que juncavam o solo, parecia cogitarem em posições lyricas, hystericas ou nevroticas. Do alto dos pardieiros desmornados alguns pombos, uns calçados, outros de leque, olhavam o caso por cima dos seus papos reluzentes e metallicos como escamas de armaduras. Um coelho domestico ao canto de um prédio franzia o nariz como n'um extasi olfactivo. Sómente, no meio da rua, uma grande ratazana parecia indifferente ao que se estava passando. Esta ratazana achava-se excluida das surpresas que a natureza e os municipios mysteriosa-

mênte preparam aos entes que vivem no seu gremio: ella estava morta.

O que determinava esta extranha surpresa de todos os moradores da rua do Arco era o seguinte:

A rua não tinha cheiro!

Nós mesmos mandamos para um jornal do outro dia esta nota:

*«Pe:em-se providencias — A bem conhecida e antiga rua do Arco a Jesus, a qual nunca de memoria dos seus mais provecos habitantes deixou por um só dia de cheirar mal, começou hoje, ás dez horas da manhã, a não ter cheiro. Não ter cheiro em rua que sempre cheirou mal — como toda a vizinhança attesta — é meio caminho andado para, dentro de bem pouco tempo talvez, passar porventura — a cheirar bem! Os moradores e os transeuntes estão cheios de consternação e de cuidado com temor de que uma tão inesperada quanto violenta mudança de ares os prejudique em suas saudes. Pelo que se supplica respeitosamente á excellentissima camara municipal que ella dê as mais promptas providencias para que a alludida rua volte immediatamente a ter os cheiros bem notorios que sempre teve.»*

Apesar porém d'esta justissima queixa, a camara, que nós suppunhamos que escrupulisava religio-

samente em manter na via publica os miasmas de-leterios que a caracterisam, a camara foi impassivel e surda.

Perante a repugnante indifferença municipal, a rua do Arco continuou sem cheiro durante tres dias consecutivos! Ao fim do quarto dia principiou a cheirar soffrivelmente... Falamos então com dois dos moradores. Um d'elles disse-nos:

— Isto vae bem, está quasi a cheirar mal! logo pela noite, se não houver algum transtôrno, temos outra vez o fétido connosco. — E deu-nos um abraço.

Ao segundo morador dissemos nós:

— Parabens! já sei que esperam o fétido esta noite!

— Diga-lhe que sim! respondeu-nos elle. Eu cá mudo-me esta tarde. A rua ha quatro dias que está sem cheiro, hoje apparece um cheiro soffrivel... ou eu me engano muito ou dentro de dois dias ha de o sr. vêl os aqui a braços — com o perfume!

Ao quinto dia porém a rua do Arco voltou a cheirar mal. Não nos arrojamos a affirmar absolutamente que o vereador não tivesse contribuido por algum modo para esta satisfatoria solução. O que é verdade é que, se o vereador adoptou algum meio para restabelecer o mau cheiro na rua do Arco, a rua do Arco francamente declara que não deu por tal.

Em quanto aos cães vadios apparece agora um alvitre para os exterminar. Annunciam os jornaes que os alumnos da escola de medicina, seguidos d'outros estudantes de escolas superiores, vão dar um grande banquete, que será todo preparado com carne de cão, provando assim que tanto o cão nos pode comer a nós, segundo até hoje tem feito, como nós o podemos comer a elle, segundo os senhores estudantes vão fazer.

Ora nós não defendemos o cão. O nosso animal de predilecção, fora de casa, é o cavallo; dentro de casa, na vida intima, sobre os nossos papeis, entre os nossos livros, na almofada da nossa poltrona, é o gato. O gato é o amigo e o companheiro natural do escriptor: elle ama o silencio e o recolhimento do estudo; apraz-lhe o monotono ranger da penna sobre a aspereza do papel; acompanha discretamente o rumor da escripta com o do seu respiro guttural. Quando se não escreve mais elle accorda. Comprehende perfeitamente que ha uma relação de analogia, uma afinidade, entre a mão que escreve e a cabeça que medita sobre a pagina: sómente, como não explica essa correlação, nas noites em que não tem somno e em que assiste ao nosso trabalho sentado em um livro sobre a banca, mette de quando em quando a pata no espaço que existe entre a penna e a frente, e palpa de vagarinho se não ha

uma linha, uma *ficelle* invisível, entre a mão e o cerebro. Além d'isso tem no pêlo um perfume almiscarado; é asseado como o arminho; tem meneios e contorsões preguiçosas e languidas, de uma elegancia feminil; finalmente é voluntarioso e tenaz como um homem, e ingrato como uma mulher bonita.

Em favor dos cães nada temos particularmente que allegar. Ponderamos apenas isto:

Os senhores estudantes de medicina comem os cães. Muito bem!

E as immudicies das ruas, quando os cães estiverem comidos, quem é que as ha de comer?

Eis a nossa questão.

Abril 1871.

## XXVI

Hontem, ao meio dia, um gallego disse uma palavra irreverente a um cidadão de uma das ruas da Baixa. O cidadão cravou uma faca no peito do gallego. O gallego morreu.

Casos semelhantes áquelle que acabamos de re-

ferir dão-se em Lisboa todos os dias. Um diplomata francez, que esteve ha poucos annos n'esta côrte, nunca sahia do Gremio, onde passava as noites, sem perguntar a um creado: «Já se deu a facada?»

Em Lisboa dão-se facadas com mais facilidade do que em outras cidades se dá lume. Uma noite á porta de uma taberna perto do theatro do Gymnasio um sujeito cahiu no passeio; outro que passava disse-lhe: «Desculpe: não era para o senhor.» Julgou-se que lhe teria talvez calcado um pé; foi-se vêr: não, tinha-lhe metido no abdomen um palmo de navalha.

A lei que aboliu a pena de morte está provado que não tem fôrça para abolir a faca de ponta. No emtanto a faca tem sobre a fôrça os seguintes predicados aggravantes:

A fôrça dava-se apenas aos criminosos: a facada dá-se indistinctamente em toda a gente. A fôrça não se dava senão por sentença: a facada até por equívoco se dá.

Aboliimos a morte por sentença, não podemos abolir a morte por facada. E todavia seria o caso talvez de dizer como Alf. Karr: *Je suis d'accord sur l'abolition de la peine de mort, mais que messieurs les assassins commencent.*

Observa-se uma cousa: O uso da faca é particular dos homens que habitam as regiões planas e do meio-dia. A arma do italiano do sul é o punhal, a do italiano do norte é a clavina. O mesmo acontece em Hispanha. Em Portugal o minhoto, nosso comprovinciano, nunca se bate senão á paulada; o transmontano vinga-se a tiro. O unico portuguez para quem a faca é arma predilecta é o extremenho, e principalmente o iisboeta. É uma influencia do meio em que vive e da educação que recebe. A habitação em bairros immundos, estreitos e escuros, a debilidade physica, as discussões e as bravatas de taberna, as polemicças de viella, os ciumes de bordel e o medo da policia, aconselham naturalmente a faca, que é a arma surda da vingança dos fracos. Ao emprego da navalha convém a escuridão; não se precisa de espaço; tambem não se precisa de fôrça nos musculos para o ataque, nem de clareza e sagacidade no espirito para a defesa; não ha lucta, não ha resistencia; não se faz bulha; não é preciso fugir, para o que seria necessaria a agilidade e a tactica, basta esconder-se, para o que é sufficiente a inercia: um ebrio, atraz de uma porta, nas trevas, ao fundo de uma escada, entre dois muros, esfaqueia impunemente o seu adversario.

Nos montes, ao ar livre, no despovoadado, onde não ha o apêrto, onde não ha a escuridão, nem a

galeria das mulheres dissolutas, nem a encruzilhada das viellas, nem os portaes escuros, nem os apitos da policia, o homem precisa naturalmente de toda a sua fôrça e de toda a sua intelligencia para atacar e para se defender. Ahi aquelle que saca a navalha encontra-se debaixo do varapau, e não tem defesa nem esconderijo nem fuga: tem de lutar por fôrça, braço a braço e frente a frente. Por isso o minhoto que se embriaga nunca promove rixas: deita-se sensatamente a dormir. Se um dos nossos fadistas do Bairro Alto abusar do vinho do minhoto para o insultar, este deixar-se-ha injuriar e até bater, fará com elle a figura mais parecida com a de um medroso, o que deverá levar o fadista, se elle não souber bem anatomia, a numerar escrupulosamente n'essa noite todas as engrenagens do seu esqueleto, porque no dia seguinte terá os ossos todos n'um molho.

Portanto o modo de tirar a faca da mão do fadista é afastal-o do seu meio escuro, encruzilhado, estreito, rixoso, e estabelecê-lo nas montanhas, á influencia hygienica do espaço, do ar e do perigo.

No Minho projecta-se a construcção de um caminho de ferro; o minhoto antipathisa com a profissão de operario industrial: elle não quer senão agricultural ou navegar; ou ficar no seu campo ou ir

para longe a vêr mundo. D'ahi a falta de braços e a carestia dos salarios n'aquella provincia. As obras do caminho de ferro seriam pois uma excellente applicação para o braço do fadista.

Em vista do que, se nós fôssemós legisladores, proporiamos, em beneficio da moralisação do povo da capital :

Que todo o homem prêso em Lisboa, em quem se encontrasse uma faca, fôsse desde logo matriculado como operario, e enviado a trabalhar, mediante o competente salario, nos aterros, nos tunneis e nos viaductos que hajam de construir-se entre Douro e Minho.

Maio 1872.

## XXVII

Para definitiva decisão da victoria das armas portuguezas sobre as do gentio rebelde em Africa, mandou o governo construir dois pequenos vapores de fundo chato para a navegação do Zambeze — o *Sena* e o *Tete*.

Dois officiaes de marinha, nomeados para commandar os novos vasos, foram buscal-os a Ingla-

terra, e trouxeram-os ao Tejo, onde elles actualmente reluzem, aos fugazes e escassos sorrisos do sol d'este inverno, com as apparencias pacificas de convidarem os véos azues do passeio do Aterro a ir almoçar á Outra Banda.

Dá-se com estes vapores um caso que os illustra com um esplendor e um relêvo, que espalhou o mais profundo assombro no ministerio da marinha, na armada, e no paiz inteiro. Este caso é: que os alludidos vasos, sahidos das costas de Inglaterra com destino a Portugal, realisaram a estupenda e nunca jámais esperada aventura de chegarem effectivamente—ao porto a que se destinavam.

Quem ousaria prevêl-o? quem se arrojaria a sonhal-o?! Ha cêrca de dois seculos que nós, os lusos, damos ao mundo o enganador espectaculo de não fazer cousa alguma. E os nossos dias e as nossas noites consagramol-os a cogitar em tudo aquillo de que somos capazes. Tanto nas eras remotas como nos hodiernos tempos. Deus de Affonso Henriques, como somos valentes e terriveis! Ó Camões! ó Albuquerque! ó Castro! ó Barros e Cunha! ó Melicio! como a gente é forte!!... Á fôrça de o termos ponderado em S. Bento e na casa Havaneza, de o scismarmos á tarde passeando no Aterro, de manhã provando commovidos um collete em casa de Catarro, e á noite cruzando as

pernas em extase sobre uma mesa do Gremio, ou contemplando tectricos a valsa que passa na embaixada ingleza, nós temos obrigação restricta de saber bem o que valemos. Porém para maravilha tal como a que se deu com os vapores *Sena e Tete*— para que disfarçal-o?— não estavamos preparados.

Que os dois vasos de guerra portuguezes soltos do estaleiro britannico, molhassem a quilha no Tamisa e deitassem a fugir para terra; que estremeendo por um momento na onda como cysnes amedrontados mettessem o bico para o fundo e se refugiassem para sempre na profundidade do elemento; que se fincassem na praia com a nobre resistencia de muares e pedissem uma liteira para vir por terra; que fôsse finalmente expedido o sr. Carlos Testa, que os dobrasse debaixo da sua grave unha burocratica, que os cintasse, que os estampilhasse e que os mandasse pelo correio; isto era natural, era logico, era tambem glorioso, mas não exorbitava do possivel.

Que em vez d'isso porém os dois barcos não só tivessem a delicada condescendencia de entrar na agua, mas que não fôsem ao fundo, que navegassem, que obedecessem á fôrça do vapor e á direcção do leme, phenomeno é que depois de simplesmente narrado não precisa de ser mais encarecido.

Chegando a Lisboa com grande pasmo dos habitantes o *Sena* e o *Tete*, os dois officiaes que os commandavam foram agraciados pelo ministro em nome da patria com a medalha da Torre Espada. E isto não por outra cousa senão porque os respectivos navios partindo de Inglaterra tinham chegado a Portugal.

Ora das duas uma: ou o governo entendia que estes vasos podiam navegar, ou entendia que não podiam. Se entendia que não, para que sujeitou a uma morte irremediavel a tripulação do *Sena* e do *Tete*? Se entendia que sim, com que fundamento condecora dois officiaes que não fizeram maior proeza que a de embarcarem em navios novos e válidos?

A verdade é a seguinte: O *Tete* e o *Sena* são embarcações de pequenissimo calado, mas fechadas. Se o mar entra em navios d'estes, elles cerram-se hermeticamente e boiam na onda que os envolve. Ora dos annaes da marinha portugueza consta que uma lancha de bôcca aberta, com a qual o perigo é muito mais imminente, veiu de Diu até Lisboa. Uma embarcação do mesmo genero foi de Lisboa ao Rio de Janeiro. Os pescadores de Ilhavo e de Ovar passam a sua existencia em pequenos barcos, no mar, entre o Vouga e o Tejo. Os pescadores da Pova, os mais possantes e valentes homens

de Portugal e talvez os primeiros remadores do mundo, fazem outro tanto. Estes navegantes nem têm o auxilio do vapor para ir ávante nem o refugio da escotilha para não ir ao fundo. Não têm senão o seu valor e o seu remo. O governo tem até hoje lançado impostos e multas aos nossos queridos comprovincianos da Pøvoa e de Ilhavo, mas não nos consta que nunca lhes decretasse condecorações.

Os vapores de pequeno calado como os que temos destinados á Zambezia offerecem um risco em o mar — o de desgovernarem pela razão de que a vaga no balanço de pôpa a prôa lhes põe o leme fora da agua. Ora, por este lado observamos que depois de uma viagem em taes barcos os maiores direitos ao galardão seriam — os do homem do leme, e não os do commandante.

Quando se nomearam commandantes para o *Sena* e *Tete* o governo estipulou aos officiaes encarregados d'esse serviço uma gratificação de 40 por 100 sobre os seus vencimentos. Em seguida, attentando o ministro em que o sr. bispo de Vizeu no lugar d'elle, em vez de gratificar o official com 40 por 100, o mais que faria seria reduzir-lhe um vintem nos vencimentos, propoz a seguinte economia: «Que, attenta a importancia da gratificação que

lhes fôra arbitrada, os commandantes do *Sena* e *Tete* houvessem de prescindir do creado de bordo.» E supprimiu-se o creado.

Como os officiaes objectassem que por mais avultada que fôsse a gratificação concedida, elles não poderiam nunca encarregar a sua gratificação de lhes engraxar as botas nem de lhes pôr na mesa o almôço, deliberou o ministro que um marinheiro fôsse, a bordo, incumbido do serviço do moço.

Temos portanto que n'uma das duas metades do serviço de bordo o creado se suprime por inutil e que na outra metade se suprime o marinheiro por escusado.

Admittida esta sábia theoria teremos o gôsto de vêr dentro em pouco tempo o quadro da nossa fôrça naval reduzido unicamente ao sr. Carlos Testa — o encarregado de comprar os vasos.

Succede ainda que o ministro que substituiu no poder aquelle que assentou as bases do contrato feito com os commandantes dos vapores para a Zambesia, ponderando que podia acompanhar vantajosamente o seu antecessor na sagrada via das economias, e não tendo moço que supprimir, supprimiu a gratificação dos officiaes.

Para compensar todas estas penurias não têm elles a Torre Espada?! Se forem condecorados ou-

tra vez, o governo terminará por lhes supprimir também os víveres.

D'esta instructiva historia se extraem dois saudáveis avisos :

1.º Aos que forem ameaçados com as condecorações, para que fujam.

2.º Aos que fizerem contratos com o governo, para que o obriguem a dar fiador.

Janeiro 1872.

## XXVIII

Acha-se ha alguns dias em Lisboa o principe Leopoldo Francisco Julio, duque de Saxe, irmão de sua majestade o sr. D. Fernando.

Até hoje as distracções facultadas pela capital a esse desventurado viajante tem-se reduzido a passear de dia no Aterro e a bocejar á noite no seu camarote de familia em S. Carlos, tendo em volta de si, nos primeiros camarotes, e em baixo, nos fauteuils da superior, a luzida nobreza d'estes rei-

nos, de vestidos subidos ou de gravatas pretas, triste como n'um mortuorio, amarella como cêra virgem, fraca, displicente, incutindo nos estrangeiros ricos, musculosos e bem mantidos o desejo philanthropico de convidar tudo aquillo, em geral, a quebrar os votos de melancholia e de jejum—por uma noite ao menos, que diabo!— com uma carga de ostras, com um bom roast beef e com um cesto de Champagne.

Oh! não, francamente, não é para isto que os principes do norte atravessam os Pyreneos ou atravessam os Alpes com o pretexto de consagrarem um ou dois mezes de inverno ás tépidas alegrias meridionaes.

Isto, minhas boas senhoras e meus ricos senhores, pode ser tudo o que quizerem n'este mundo, mas o que não é porcerto é aquillo que se chama nas capitaes fazer uma *season*. Isto, o mais que pode ser— como animação de elegancia, como dandyismo em movimento— é quando muito fazer uma *retraite*.

Mas para isso o principe faria melhor se em vez de escolher Lisboa escolhesse a Trapa. É mais alegre.

Agora então vão levar o misero a uma caçada a Villa Viçosa, afim de que seja completo e absoluto o seu desengano sobre as grandezas d'este mundo

e que sua alteza não possa guardar emquanto ao *sport* na côrte portugueza mais illusões do que as que já desfolhou sobre a vida de salão da mesma côrte.

O principe malfadado esperaria talvez uma corrida como a que lhe proporcionaria na Grã-Bretanha qualquer burguez rico, um simples mercador de espezearias ou de volateis, qualquer bom fabricante de lacticinios ou de cerveja, com grandes matilhas, com bons cavallos de caça, montados pelos seus *lads* e pelos seus *boys*, com um esquadrão de picadores, de farda encarnada, chapéo tricorne e trompa a tiracollo, a partida de madrugada nos *mail-coachs*, a galopada na floresta, o *rendez-vous* na encruzilhada, o almôço entre os castanheiros, como aquelle de Chantilly em que um outro senhor de Saxe, o famoso conde Mauricio, um dos homens de mais fôrça que se tem conhecido, substituiu o saca-rôlhas que esquecera por um grosso prego de um guarda, que elle mesmo torceu nos dedos convertendo-o n'uma bella e perfeita espiral.

Nada d'isso em Villa Viçosa. Apenas os pobres *breaks* da casa real no seu choito ronzeiro, a coutada batida á paulada pelos moços do campo, os gôsos que apparecerem para ladrar, e o tiro á espera, a pé firme, porque não ha cavallos adestrados para a corrida nem rins de cavalleiros que se aguen-

tem nas sellas, ao som das trompas e do latir das matilhas atraz da côrça perseguida. Tudo debil! Muito debilzinho tudo!

Mas senhores, pelo amor de Deus! Não façamos d'isto um cemiterio que se torne o pavor dos viajantes ainda os mais misanthropos e mais lugubres! Aqui ninguem conversa, aqui ninguem dança, aqui ninguem canta, aqui ninguem ri! É uma masmorra de condemnados á morte? ou é um hospital de idiotas, isto?!

Se não ha dinheiro, se não ha elegancia, se não ha espirito, para darem pelo menos um baile por semana, onde esses pobres deputados desenferrugem as pernas, onde essa padralhada toda que ahi está nas côrtes regale os olhos uma vez pelo menos olhando para as lindas mulheres que Deus botou a este mundo; se não ha pretextos de sala, *recivimenti, redoutes, sauteries*, para sacudir as algibeiras, o rheumatismo e o somno a esses tresentos ou quatrocentos manécôcos ricos que se nobilitaram e fizeram grandes do reino do anno passado para cá, então — com um raio! — façamos d'isto uma aldeia, mas uma aldeia com saude, uma aldeia alegre! Venha uma charanga, venha um sol-e-dó, venha um *bastringue* para o meio d'esse Rocio ao domingo de tarde! Venha um mastro de cocagne! venha um porco untado de sêbo! venha uma gaita de folle!

Tiremos par, e vamos ahi sapatear um bailarico hebdomadario nas barbas de Pedro o dador!

E se nem para isso tendes geito, então passae-nos para cá esse desgraçado principe! Nós o divertiremos! Nós nos encarregamos de o divertir pondo-o ao nosso lado, e atirando-vos depois com batatas, e com os mais legumes que apparecerem, a vós outros, semsaborões do diabo!

Janeiro 1881.

## XXIX

Não! decididamente, este carnaval não é em absoluto o velho carnaval da Opera, em Paris, nem o antigo carnaval de Roma, nem o moderno carnaval de Nice—ultimo reducto das folias expirantes dos *cascadeurs* impenitentes.

Não temos a pequena *pierrette* de meia mascara de setim preto e dentinhos miudos e brancos, de rato, com cintura flexivel e pés ligeiros e nervosos, —tão cara ao bom Paulo de Kock e ao immortal Gavarni.

Não temos a *débardeuse*, de bonnet sobre o ôlho e largas calças guarnecidas de topes côr de rosa

descobrimo finos artelhos de aço, robustecidos na gymnastica do *grand écart* nos bailes do *Quartier Latin*, e servidos por um tendão de Achilles experimentado em sarilhos de pontapés reverentemente recebidos no logar competente por uma geração de graves tabelliães e de outros personagens conspícuos.

Não temos o trompista atroador que sae a cavallo, com um pennacho vermelho de um metro de altura mettido no chapéo, expectorando, convicto e fanatico, para dentro das rôscas metallicas do instrumento do crime todo o seu enthusiasmo com os seus dois pulmões.

Não temos o arlequim multicolor nem o clown enfarinhado lançando ao seio das instituições vigentes o delirio da cambalhota, do pé de nariz e da palmada retumbante no ventre.

Não temos o arranque victorioso e triumphante do cancan, sapateado pelas *Nanás* sobre o solo juncado pelos milhões dos capitalistas, pelas lettras falsas dos jovens commerciantes impacientes, pelas perolas feudaes desgrudadas pelo Champagne das testas dos principes, e pelas cascas das ostras gordas e salgadas de Ostende e de Cancale.

Não temos o mysterio veneziano nem a intriga genoveza fazendo circular entre os dominós de setim e de renda os finos segredos lampejantes, cru-

zados ponta com ponta, como floretes de combate.

Não temos o bulício, a algazarra, o trovão medonho que rebenta ao encontro das cavalgadas, debaixo dos balcões apinhados de pierrots côr de rosa, entre o granizo metralhado dos confeitos, das pastilhas, dos leques e dos ramalhetes.

Imprudentes e desgraçados, nós deixamos perder a tradição patriótica da antiga pulha nacional, o bello pó de mico, o coscorão de estôpa, o ôvo, a farrusca da chaminé, e o nunca esquecido, o sempre chorado rabo-leva!

Perdemos tambem o uso saudavel da palavrada cambronica, de rigor n'esta época do anno entre as pessoas da sociedade mais escolhida e mais culta. Era uma especie de pornographia gôrda, cultivada com avidez pelas damas da nossa velha aristocracia. — Venalidade resgatada pelos jubileus, permittida pelos confessores, dando accesso com bilhete de ida e volta ás pessoas devotas na porcaria do mundo prohibido, sem perigo da pureza nem da salvação eterna das almas. Um regalo na conversação esse comboio de recreio com transito de tres dias através do curioso paiz da... Querem que diga o nome? Não, ó venerandos manes das defunctas açafatas e das defunctas damas de honor da piedosa senhora D. Carlota Joaquina! eu não direi

o nome, porque já não ha ouvidos puros que m'ouçam e mo agradeçam!... A nossa galhofa acabou.

Descançae em paz, ó manes da antiga troça nacional! *Pae Paulino! Anão de Calais! Bertoldinho! Manuel Mendes Enxundia! Gallego Lorpa! Marujo Vicente! João Córadinho! Bertoldo! Almocreve das Pêtas! Mané Cóco!* Vós todos, augustos representantes do espirito, da graça, da léria, do chiste, do sainête, da farça, da pilheria lusitana! repou-sae para todo sempre em paz! Ninguem mais tornará a invocar o reaparecimento na terra das vossas sombras ridentes e patuscas. Porque a chacota morreu.

Não mais pós! não mais farinha! não mais fuligem das chaminés! não mais rôlha queimada! não mais rabo-leva! não mais seringa!

Hoje em dia o que temos como Entrudo é unicamente a lama papacenta do Chiado, as patrulhas taciturnas da municipal, e os ingenuos provincianos, pacatos e probos, que vieram de Mogofôres, de Alemquer, da Alhandra, de Alhos Vedros, de todos os pontos do mundo emfim, acompanhados de suas mulheres e de suas filhas, para tripudiarem por vinte e quatro horas com suas galochas de borracha nos delirios appetitosos e condemnados d'essa Babylonia: — a Baixa!

## XXX

Abriu-se ás noites o Passeio Publico. Principia-ram os enterramentos da gente viva n'esse campo soidoso do repouso e da melancholia. Franqueou-se no domingo pela primeira vez a *porta inferi*. Ac-cenderam-se os tocheiros ao longo da grande nave taciturna. Principiou a piar na espessura verde-negra do cyprestal a charanga do Cinco. O espectro de Justino Soares ergueu-se do tumulto em terceira posição de dansa e, coberto pelos persevejos do sepulcro, elle guia infrene e satanico, sobre as cam-pas, a dansa dos meninos mortos. As mães, amortalhadas de novo e postas em fila sobre as cadeiras do asylo da mendicidade, vertem pelos casebeques abaixo o pranto gottejante das catacumbas. Os janotas, desenterrados dos seus mausoléos charutam em arabescos de vampiro em tórno do moimento dos libertadores, tetricamente formado de medidas de capacidade emborcadas umas sobre as outras, desde o moio até o salamin!

Quando as corujas do Cinco cessam de piar an

necropole, e que Justino, extendendo a destra carcomida, detem as choréas funebres dos meninos, um grande silencio glacial, de crypta abobadada, envolve o antro pavoroso, e ouvem-se ao longe, na solidão, as pulgas da Baixa mastigando as carnes dos lojistas nos arruamentos adormecidos.

— Aqui está o nosso vintem para o asylo por uma cadeira. Podem hauril-o. Quando tanger no bronze a hora de nos recolhermos outra vez ás nossas campas, chamem-nos. Que d'aqui até lá vamos-nos encommendar ao Altissimo! *Oremus!*

Somos insuspeitos, porque não temos senão sympathy pelos jardins publicos. Se fôssemos poder, ajardinariamos tudo, desde as secretarias do Terreiro do Paço até as botas do sr. conselheiro Arrobas. Mas o Passeio Publico escava-nos na alma insondaveis sentinas de animadversão e de fel. Porque? Porque o não sabem arranjar para que elle seja, como deveria ser, para as mulheres e para as creanças de Lisboa um elemento hygienico de distracção e de recreio, em vez de ser, como é, um foco pestilente de semsaboria pascacia e de namoro chôcho.

Em toda a parte do mundo as creanças bem educadas para onde vão á noite é para a cama. Os seus divertimentos devem-se organizar de dia, ao

sol no inverno, á sombra das arvores e ao murmúrio da agua no verão.

Se designios imprescrutaveis da providencia não têm irremissivelmente condemnado os meninos de Lisboa a serem os mais desgraçados entes do universo, a camara municipal deveria pensar em apropriar ás necessidades da educação d'elles e de suas mães os nossos jardins publicos, estabelecendo n'esses recintos os exercicios gymnasticos, o jôgo do *croquet*, o *volant*, o *lawn-tennis*, a equitação em poneys ou em cavallinhos de pau, as *marionettes*, — finalmente todos os divertimentos honestos proprios de creanças dignas.

Se porém está escripto que as nossas filhas tenham de ir irrevogavelmente para cancanistas, e que as nossas mulheres tenham de as preparar para isso principiando por as mandar dansar a polka á meia noite nos jardins publicos, n'esse caso dizemos que o Passeio está bem assim. E não pedimos nada á administração municipal. Pedimos apenas a Deus, clemente e justo, um terremoto que nos subverta. E que Madame Cardinal nos chore!

## XXXI

Domingo passado, enquanto uma concorrência diminuta assistia na Trindade ao bello concerto de Olivier Métra, uma enchente enorme fazia regorgitar de espectadores a praça dos touros no Campo de Sant'Anna.

A critica lisbonense, commentando este facto, lamenta nas folhas, com palavras acerbas, a depravação do nosso gôsto.

A critica tem pilhas de graça, e tem entradas — de graça tambem — nos concertos. O que ella não tem é razão.

Porque o publico não é composto de criticos. O publico é feito de trabalhadores, de operarios, de lojistas, que passaram uma semana inteira a trabalhar no fundo dos seus armazens, dos seus escriptorios e das suas officinas. Esses homens têm mulheres e filhos, que durante o mesmo espaço de tempo estiveram a apodrecer sobre os saguões da Baixa. Para estas familias, que constituem a grande massa do publico n'uma cidade onde, por muitos

que sejam os amanuenses, ainda não é amanuense todo o mundo, um domingo de primavera é um relampago fugitivo de independencia, de liberdade, de expansão.

Os senhores que fazem critica e que são os árbitros da elegancia e do gosto nos artigos dos periodicos, já trabalharam assim fechados n'um *atelier* por oito dias? Não. Eis ahi está a razão por que os senhores não entendem nada do que são os prazeres do publico ao domingo de tarde, depois de terminadas as tarefas nas fabricas e de fechadas as lojas.

Tem-se sêde de ar livre, de sol, de movimento e de bulha. Viveu-se por dias consecutivos como uma simples machina obediente e passiva; é preciso viver-se enfim por algumas horas como um nobre animal bravo e sôlto. Porque sem essa expansão da animalidade não sé é um homem, nem sequer se chega mesmo a ser um burro; é-se apenas um aparelho com corda para botar obra.

A submissão e a obediencia no trabalho são duas das mais tristes enfermidades da civilisação. O domingo é uma cura e uma convalescença.

O publico ao domingo não se diverte, no sentido em que os senhores que fazem critica tomam a palavra *divertir*. O publico ao domingo cura-se.

Em Paris pega um homem na sua mulher ou na

sua amante, toma um bilhete de ida e volta na terceira classe para Asnières, para Fontainebleau ou para Bougival. Trepá-se á imperial de um wagon n'um comboio de recreio com dois mil passageiros tumultuantes e ruidosos. Grita-se, berra-se, canta-se, dão-se e levam-se empurrões ao descer e ao subir das carruagens em todas as estações, espoja-se a gente na relva, desdobram-se cambalhotas no feno, comem-se cerejas e nata, colhem-se lilazes e papoulas; e volta um homem para casa pelo trem das 11 horas da noite, cheirando a sol e a herva, estafado de alegria, moído de liberdade, victorioso — emfim!

Em Lisboa a onda não vae para o caminho de ferro, vae para os Touros; mas o resultado é o mesmo. A trincheira enche-se de gente e de troça, como um tremendo comboio de prazer. Todo o mundo grita. Toca a musica, mas que diabo me importa a mim a musica? O que eu quero é berrar, e berro. Quem tem calor tira a jaqueta, arregaça as mangas, come melancia ou bebe cerveja pelas botijas. Não se precisa da critica lá para cousa nenhuma, porque o publico todo, do lado do sol, da primeira bancada á ultima, entende de gado, e sabe o que é lidar com bois. A critica fal-a elle. Quando o capinha não presta o publico brada: *Ponham fora essa bêsta!* Quando não presta o touro, berra

o publico: *Levem esse sujeito para a charrua!* E quando são os poderes publicos que se fazem finos, o publico assobia-os e pateia-os.

No Campo de Sant'Anna o povo está verdadeiramente em sua casa, e é senhor seu, uma vez por semana, nas tardes dos domingos. Para se saber que em Lisboa ha povo, é preciso ir aos Touros vê-lo.

Como o povo ainda presta para alguma cousa — o que não succede a todos os que se querem dar ao officio de educal-o — o povo enthusiasma-se, como todas as naturezas ingenuas e saudaveis, com os bellos espectaculos da fôrça, e elle prefere, a uma dama que desmaia de hysterica ou a um clarinete que delira no sentimentalismo musical, um rapagão musculoso que se deita á cabeça de um boi e o afocinha no chão, agarrado pelos cornos.

Já acabaram com as pégas. E não sabemos verdadeiramente com que direito. . . Porque a péga é uma pura questão bilateral entre o boieiro e o boi. Desde que o boi quer e que o boieiro quer egualmente, e que o publico todo applaude, com que fundamento é que a auctoridade prohibe? Diz que é em nome da civilisação. Pelos modos é por haver em Salvaterra quem venha segurar um boi pelo rabo, ao domingo no Campo de Sant'Anna, que não ha no governo portuguez quem saiba espalhar a in-

strucção e fundar o ensino! Assim o entende, pelo menos, a auctoridade respectiva encarregada de civilisar a gente!

Quando os estrangeiros nos perguntarem: — *Vocemecês sabem lêr, sabem escrever, sabem desenhar?* a gente responde-lhes: — *Não sabemos nada d'isso, mas aqui esta o sr. governador civil que não gosta de touros.* E logo se ficará sabendo que somos um paiz em progresso.

Acabem agora com as touradas, assim como já acabaram com as pégas, obriguem os homens de officio e os homens de trabalho a irem em todos os domingos de tarde espetar-se na Trindade a ouvir a musica classica dos espiritualistas allemães — machadores como tudo! — e verão o lindo povo de palermas que ahi se arranja para se rabejar platonicamente a si mesmo nas lides da Idéa!

Abril 1881.

## XXXII

Sempre que em cada anno se celebra na cadeia do Limoeiro a cerimonia da communhão aos prê-sos, o sr. procurador régio convida a imprensa

a assistir a essa solemnidade, e a imprensa publica no dia immediato que a cadeia está no maior asseio, e que o senhor procurador régio é digno dos maiores elogios. Porque? Porque commungaram os prêsos.

Ha dias lêmos que a casa de detenção da comarca de Lisboa, estabelecida no antigo convento das Monicas, estava no dicto «maior asseio», e que o mesmo procurador régio era digno dos referidos «maiores elogios.» Razão: Tinham commungado os prêsos.

Ora é bom que o publico saiba, de quando em quando, o que são as prisões portuguezas — quando os prêsos não commungam.

Nós visitamos a casa de detenção — antes da oitava da Paschoa. Eis o que vimos :

Um prédio frio, humido, abafado, sem ar e sem luz, espessas paredes e pequenas janellas, a clausura mais estreita, mais escura, mais humilde. Era no inverno. As paredes rebocadas de novo tinham grandes manchas humidas, esverdeadas. O sol não penetrava em parte alguma do edificio. Uma impressão de bolôr e um ar em que se sentiam, resfriadas e fixas, as exhalações peculiares da miseria, a atmospheria das enxovias deshabitadas, as remi-

niscencias olfactivas dos cheiros emanados das vasilhas de lata em que houve caldo, e dos vestidos quentes dos mendigos que apanharam chuva.

Era um domingo. Os rapazes detidos no estabelecimento, na promiscuidade de todas as edades desde os seis annos até aos dezeseis, estavam juntos em um estreito páteo interior, na sombra — porque tambem alli não chegava o sol — frios, com as mãos nos bolsos, encostados aos muros, sentados ou deitados no chão. Ninguem os vigiava. Elles porém estavam quietos — como um rebanho no curral. Alguns tinham escrofulas. Outros tinham os olhos doentes e os cantos da bôcca feridos. Eram todos magros, pallidos, anemicos, tristes.

Perguntamos por que esperavam. Não esperavam nada. Estavam alli. Que faziam? Cousa nenhuma. Porque não cultivavam a quinta annexa ao edificio, metade da qual estava cheia deervas inuteis? Porque os não deixavam: havia um hortelão. Porque não iam pelo menos passear na quinta? Porque era prohibido. Não havia uma gymnastica? Não a havia. Não havia de todos esses regimentos da guarnição de Lisboa um musico que aos domingos lhes ensinasse rudimentos de musica para que tivessem uma charanga? Não havia. Não havia, pelo menos, um cabo de esquadra que os fizesse marchar ao som de um tambor e lhes ensinasse o exer-

cicio militar? Não havia. Não havia, emfim, terra que remover, pedra que acarretar, lenha que partir, um pau sequer espetado no chão para treparem n'elle, uma escada de mão posta alli para subirem e descerem por ella, uma occasião, um motivo, um pretexto, uma desculpa qualquer para que esses infelizes pequenos se bulissem, se movessem, tivessem alguma distracção, fizessem algum exercicio? Nada, absolutamente nada! As lages do páteo interior da casa, pouco menos estreito que um saguão, coberto de sombra e de frio, e sobre as lages, os pequenos. Era assim que passavam os domingos.

Nos dias de semana trabalham em officinas terreas, sem soalho, extremamente humidas, no mesmo páteo em que jazem ao domingo. Uns são alfaiates, outros sapateiros, outros esparteiros. Ha sobre isto uma eschola de instrucção primaria. Não apprendem mais nada. Nada mais se lhes ensina.

Este instituto tem uma missão especialmente moralisadora. Não ensina moral.

Tem por fim punir e evitar as contravenções da lei. Não ensina a lei.

Tem a obrigação restricta da catechese. Não ha na prisão um padre, um capellão, um perceptor.

Aos domingos um sacerdote diz missa e retira-se. Por essa razão entre as attribuições dos chaveiros

lêmos esta disposição: «Obrigará os prêsos a benzerem-se.»

Têm duas refeições por dia. Ao almôço arroz e feijões. Ao jantar feijões e arroz.

Carne fresca ou salgada, de boi, de carneiro ou de porco, nunca comem. Nunca bebem vinho.

O rancho é fornecido pela cozinha do Limoeiro. Isto precisa de ser dicto duas vezes. O rancho é fornecido pela cozinha do Limoeiro! É o *menu* da enxovia. Se é mau na cadeia, imagine-se o que poderá ser na casa de correcção!

Dormem, aos grupos de oito, em camaratas, onde ha, em cada uma, oito camas e uma latrina.

Na camarata não ha luz. A porta é fechada por fora á chave.

Não ha vigilancia alguma durante todo o espaço de tempo que decorre dentro d'aquellas podridões, desde que anoitece até que rompe o sol. Apenas, fora, no corredor que dá passagem para os dormitórios, dorme um guarda no seu quarto. Este guarda teve a bondade de nos dizer que, sempre que havia desordens nas camaratas, elle intervinha com o rigor da sua auctoridade—por isso que, concluiu elle, *quem dá o pão dá o ensino*.

Creemos piamente que este guarda está convencido

de que quem dá o pão em Portugal á infancia criminosa é elle. O ensino pelo menos é exclusivo de sua mercê.

A direcção geral da prisão está confiada a um homem que não sabemos quem é, nem quem foi, nem quem poderá vir a ser. O que sabemos, e isso nos basta, é que esse director ganha—cinco tostões por dia!

Eis a physionomia da casa de detenção da comarca de Lisboa, contornada a traços mathematicos, sem commentarios, sem emphase, sem exclamações doloridas ou sentimentaes, nenhum toque artificial de luz ou de sombra que possa alterar a exacção rectilinea do quadro!

Para isto não ha pedir reorganisação ou reforma. Não se trata de uma velha instituição apodrecida pelos annos. É uma creação nova, que tem apenas alguns mezes de existencia. Dá a medida exacta das fôrças de sciencia, de civilisação e de moral que o paiz se acha oficialmente habilitado para dispender, no dia de hoje, em favor do progresso. Não se pode por em quanto pedir mais nada ao paiz! Eis a sua mais recente prova de capacidade! Eis tudo quanto elle sabe do direito criminal, da hygiene physica e moral das prisões, das modernas colonias pe-

nitenciarias, da educação intellectual, da educação moral, da educação religiosa, dos deveres philantropicos do Estado, da missão paternal do poder para com os orfãos, da organização do trabalho infantil, de todas as questões finalmente ligadas á creação de um estabelecimento penal da ordem d'aquelle a que nos referimos.

O povo, tranquillo e satisfeito, lê as folhas baratas cheias de elogios estolidos ás mais viciadas e perniciosas instituições do paiz, e julga-se fielmente levado para a mystica terra da promissão pelos homens que o governam e pelos homens que o instruem. De todo o tempo esteve na tendencia popular esta profunda fé na simplicidade ignorante. Os primeiros cruzados que foram á Terra Santa queriam ter por guias uma cabra e um pato; os Sabinos baixaram das suas montanhas conduzidos por um picanço; Cadmus foi á Beotia levado por uma vacca. Em Portugal João Felix, no livro; Melicio no jornal; e o sr. procurador régio na casa das Monicas, dirigem os espiritos, e guiam as consciencias para o ideal. A opinião segue-os.

Vemos em uma conta official que nas obras feitas no convento das Monicas para adaptar o edificio ao fim a que elle hoje se destina, se gastaram seis contos de réis. Junte-se esta quantia á de quinze con-

tos, preço mínimo por que poderia ser vendido o convento e quinta anexa e ter-se-ha mais que o suficiente para fundar em qualquer baldio da Extremadura ou do Alemtejo uma exemplar colônia agrícola penitenciária.

Seis contos de réis, só em obras n'um edificio torto, absolutamente impossível de adaptação ás necessidades do trabalho, da educação e da hygiene!...

Mas é um desperdício, que revela a ignorancia mais crassa em semelhantes assumptos. Na magnifica colônia agrícola de Mettray, perto de Tours, em França, as creanças prêsas estão divididas por edades e repartidas por casas inteiramente separadas e independentes. Cada uma d'estas casas, de 12 metros sobre 6,66, consta de um pavimento terreo e de dois andares. Na sala do rez-do-chão está estabelecida a officina. Em cada um dos dois andares ha uma sala, que serve successivamente de dormitório, de refeitório, de sala de estudo, de sala de recreação nos dias de chuva, e em caso de necessidade de escola. Dois travessões prêsos ao muro por uma dobradiça em uma das suas extremidades estão levantados ao longo da parede dos dois lados da porta de entrada. Quer-se preparar o refeitório, a classe, a sala de estudo? Descem-se estes dois travessões e suspendem-se no muro fronteiro, ficando

assim firmes, na altura de uma mesa, aos dois lados da porta, e a todo o comprimento da sala; em seguida descem-se das paredes lateraes pranchas de madeira fixadas n'ellas por meio de dobradiças como os travessões; estas pranchas prêsas ao muro por um lado prendem-se pelo lado opposto ao travessão com uma cavilha; e estão promptas as mesas. Os bancos levam-se da officina. Se se quer armar o dormitorio, em vez das pranchas com que se formam as mesas, descem-se dos muros as macas em que se fazem as camas. Ao fundo de cada um d'estes dormitorios ha um quarto aberto para a sala, no qual dorme o chefe da secção, secundado pelo contra-mestre. Os contra-mestres estão alternadamente de quarto no dormitorio, de modo que durante a noite passeia constantemente um guarda no espaço que medeia entre os dois travessões de que falamos.

Cada um d'estes pequenos prédios contendo quarenta e tres pessoas, custou, incluída toda a mobilia, um relógio, toda a roupa de camas, e toda a louça de lavatorio e limpeza, 8:300 francos, isto é: 1:494.7000 réis.

Tres dos prédios descriptos seriam muito mais que o sufficiente para recolher todos os prêsos actualmente existentes na casa de detenção das Monicas.

Temos portanto que em Lisboa se gastam seis contos unicamente em reparos n'um velho edificio monstruoso, quando em Tours se funda para 120 prêsos um estabelecimento completo, se constroe um edificio modêlo, provido inteiramente de louça, de roupa e de mobilia, por menos de quatro contos e quinhentos mil réis!

Emquanto ao regimen e á organisação interna do estabelecimento portuguez quasi tudo o que existe é erro.

Os prêsos não cultivam a quinta. Deviam cultiva-la. Formar-se-hiam assim hortelões e jardineiros.

Não cozinham, não tecem o estôfo dos seus vestidos, não cozem o pão das suas rações, não fazem a mobilia das suas casas. Tudo isso deveriam aprender. Era facil, era economico, era moralizador, dava aos prêsos novas aptidões, ensinando-os a padeiros, a tecelões e a cozinheiros, — as noções mais essenciaes á vida.

Não apprendem musica. Deviam apprendel-a. Uma charanga á frente de cem rapazes em marcha faz d'elles cem homens.

Não têm uma bomba de incendios. Deviam tê-la, deviam saber manobrar com ella. Devia-se conceder como um premio, aos de melhor procedimento, le-

varem a bomba aos incendios, permittendo-se por este modo aos condemnados a faculdade de se reabilitarem sacrificando a sua vida pelos seus semelhantes.

Não ha uma mulher dentro da prisão. É uma enorme falta para as desgraçadas creanças de oito a doze annos. A cozinha, a lavanderia, a enfermaria, a rouparia, cousas que alli não existem senão nominalmente, deveriam organisar-se de um modo effectivo com o trabalho dos prêsos e sob a direcção das irmãs da caridade portuguezas, que encontrariam assim um emprego elevado e digno do seu tempo.

Só as mulheres sabem aconselhar as creanças, convencel-as da virtude; e cumprir esta missão é mais bello e é mais meritorio perante a sociedade e perante Deus do que mendigar, por entre velhas fidalgas devotas, embiocadas e inuteis, o pão de cada dia.

Os prêsos isolados no carcere cellular estão na mais absoluta ociosidade, fechados n'um quarto escuro. Não ha nada que mais desmoralise, que mais definhe e que mais corrompa. N'estes casos os rapazes deveriam ser obrigados a rachar lenha ou a britar pedra—os exercios mais saudaveis para os musculos de quem está parado.

Finalmente a casa de detenção das Monicas não

é sómente a negação do que devia ser; é mais do que isso, é a affirmação contradictoria de todos os principios oppostos aos principios verdadeiros.

Tal qual está constituido este estabelecimento, temol-o por um foco de apodrecimentos humanos, um seminario de vicios torpes e secretos, um curso accelerado de preparatorios infalliveis para o Limoeiro, para o desterro, para o hospital, ou para o cemiterio.

Uma derradeira observação:

A maior parte dos prêsos detidos na prisão correccional das Monicas são cúmplices do crime de vadiagem.

Ora sendo aquelles prêsos todos menores, não sabendo lêr nem escrever, com que direito os pune por não trabalharem o Estado, que lhes não dá trabalho?

Que quer o Estado que sejam esses pequenos para não serem vadios?

Quer que sejam medicos, tenentes-coroneis, conselheiros do tribunal de contas, escriptores publicos, capitalistas, banqueiros?

Vamos! respondam-nos! Estamos interrogando sob o character mais digno de attenção e de respeito de que se pode alguem revestir. Somos n'este momento os interpretes inviolaveis e sagrados da in-

fancia orfã, desvalida e desamparada. Falamos em nome de um pequeno que não quer ir para a prisão das Monicas comer os feijões frios do Limoeiro, no que está inteiramente no seu direito. É um innocente. Todavia ninguem o chama para fazer artigos nos jornaes, ninguem o quer para commandar a Municipal, ninguem o incumbe de tratar uma molestia, de defender uma causa, de montar uma fabrica ou de construir um navio. Nenhuma viuva rica lhe oferece a sua mão de esposa. Os agiotas quando elle passa levantam as bengalas, e rangem os dentes. Não tem uma ponta de trabalho nem um bocado de pão. Finalmente é um vadio. Agora o que elle deseja saber é o seguinte:

O que é que o Estado lhe dá licença que seja desde o momento em que lhe prohibe ser o que é?

Espera-se resposta.

Abril 1873.

## XXXIII

Durante os ultimos dois mezes foi tão grande o numero dos recém-nascidos abandonados em diferentes pontos da cidade, que Lisboa commoveu-se. Ella que tão raramente se commove! Pensou-se nos meios de remediar um tão grande mal. A imprensa deu muitos alvitres. A camara municipal discutiu este assumpto. O que se decidiu foi:

*Para evitar que as mães continuem a abandonar seus filhos...*

Notem bem!

1.º *Que os inquilinos dos predios sejam obrigados a allumiar as escadas (!!)*

2.º *Que se empreguem todos os meios para que em cada prédio haja um porteiro (!!!)*

Temos a repetição assustadoramente frequente do seguinte factó: o filho repudiado. Como causas mais proximas achamos, da parte das mães, a dureza e a miseria; da parte dos paes, o cynismo, a

deslealdade e a traição. Trata-se da questão mais intimamente ligada com a moralidade de um povo : a maternidade, a familia, o amor, a lealdade, o ponto de honra, a justiça. Trata-se do mais elevado objecto dos estudos modernos : os destinos humanos na sociedade humana. Lisboa entre as eleições municipaes, a estatua de Bocage, o discurso da corôa e o orçamento, investe com o grande problema, e acha esta solução :

Um bico de gaz em cada escada, um porteiro em cada prédio!

O homem que seduz uma mulher, que a engana, que a atraiçôa e que a abandona, é tido por um heroe romantico que a sociedade recebe sem ignominia e sem repulsão.

Era preciso demonstrar por todos os meios da publicidade e da popularisação que todo o homem que deshonorou uma mulher, e immediatamente não põe a sua vida, a sua fortuna, a sua posição e o seu nome ao serviço do desaggravo que possa dar ao seu êrro, é um infame, ao qual nenhuma digna mulher pode baixar a vista, ao qual nenhum homem de bem pode estender a mão.

Estes molles e desbotados personagens romanescos, filhos da crapula, do hysterismo e da ode, postos em moda por uma litteratura que nos ultimos

annos tem pintado a parte mais respeitavel e mais digna da sociedade com as côres colligidas em paletas de bordel e de taberna, estes homens, e todos aquelles que os apregoam, que os idealisam, que os descantam, que os romantizam e que os versejam, é preciso, a todos elles, prostral-os pela critica severa e honrada, despir-lhes a pelle como se despe uma luva, desengonçal-os osso por osso, desmanchal-os membro por membro, descosel-os musculo por musculo, desfial-os fibra por fibra, no theatro, no livro, no romance, no folhetim; na arte com os nossos escriptos e com os nossos quadros; nas relações moraes e nas relações publicas com o nosso desprezo; nas salas com as nossas ironias, com os nossos epigrammas, com todos os flagellos do nosso espirito, e na rua com os nossos chicotes e as nossas bengalas.

A mulher de todas as condições não esconde o seu amor, mas esconde o seu filho. Era preciso provar ainda que a mulher amante, por elevados que sejam os seus titulos, é perante a familia, perante a religião e perante a sociedade, uma mulher extremamente inferior em direitos áquella que é mãe. Esta, tendo o valor para erguer o seu filho nos braços com a alta dignidade de uma responsabilidade cumprida, não pode deixar de encontrar na socie-

dade a passagem respeitosa que as pessoas justas abrem sempre á infelicidade corajosa.

No emtanto o mundo em que vivemos gira n'uma atmosphaera tão espessa de errados conceitos, de velhos prejuizos e de falsas convenções, que a verdade e a justiça encontram sempre incalculaveis e quasi invenciveis resistencias no seu doloroso caminho. D'aqui a evidencia na necessidade de uma demolição nos dominios intellectuaes e moraes da sociedade em que vivemos, e da reconstituição pela educação, pela philosophia e pela arte de uma moral menos impraticavel e de uma justiça menos curvilinea.

Para chegar a taes resultados em beneficio dos direitos humanos nada por certo mais efficiente do que a medida que acabamos de vêr decretada:

Um bico de gaz em cada escada! Um porteiro em cada prédio!

Ora illuminados os patamares e vigiados os portaes, o vicio se quizer continuar a campear em Lisboa ha de ter pelo menos o trabalho de pôr o porteiro na rua e de soprar a luz nas escadas.

Sempre queremos vêr se ousará fazel-o!

## XXXIV

Comquanto a temperatura persista com uma insistencia facciosa em não passar de 16 graus Réaumur, o verão, o verão civil, o verão official, principiou em Lisboa.

As senhoras retomaram os seus chapéos de palha e os seus vestidos de musselina. A camara mandou regar as ruas. Os hotéis de Cintra annunciam que estão reabertos ao publico. Os sorvetes e as bebidas geladas reapareceram nos cafés e nas pastelarias. A *Perna de Pau*—o restaurante celebre bem conhecido de todos os estomagos com tendencias bucolicas, de todos os estomagos impellidos pela nostalgia das hortas para fora de portas no tempo do tomate,—organisa com os primores da estação a nova lista dos seus acepipes.

As bilhas e os moringues do barro besoartico de Estremoz e da Maia ostentam-se em exposição á porta dos louceiros. A bella industria das rosas, a unica industria que nos ultimos tempos tem prospe-

rado em Lisboa, espalha largamente os seus productos em ramalhetes circumdados de lilazes e de *myosotis*.

Na quinta-feira da Ascenção a população operaria e a população burgueza da capital foi florir-se nos campos suburbanos com o gracioso palmito tradicional, composto de espigas de trigo, de malmequeres e de papoulas. A feira das Amoreiras armou as barracas do seu festivo e ruidoso acampamento. Na secção dos *comes e bebes* o linguado chia nas frigideiras, o vinho de Torres espuma nos copos de alcance, entre a frescura da alface e a pyramide côr de rosa do prato dos camarões, enquanto as eirós, envôltas em areia encarnada, rabeiam no fundo dos alguidares das Caldas com a repugnancia nervosa que o aspecto da grelha inspira de ordinario ás organizações sensiveis. Na balaustrada dos theatros ambulantes os cornetins e os figles requebram-se em estridentes devaneios, que o bombo com pancadas freneticas e cavernosas procura debalde reduzir á systematisação despotica do 3 por 4.

Ao lado da charanga, pobres bailarinas provectas, de saias de algodão côr de rosa estrelladas de lentejoulas ferrugentas, exhibem os cançados sorrisos do officio, os cabellos de retroz, embaciados pela poeira e exaltados pela presença caprichosa de

uma camelia de panno patente. Os palhaços, com as suas bôccas inverosimeis e as suas cabelleiras côr de cenoura, alquebrados em parte pela fadiga, em parte pelo habito adquirido de caminharem na scena com as mãos para baixo e com os pés para cima, convidam a sociedade a comprar bilhetes com a rouquidão peculiar de todos os oradores estimulados pelo enthusiasmo das convicções profundas. Ao lado os cavallinhos de pau giram em circulo, fugindo freneticamente adeante de si proprios, correndo com vertigem atraz de si mesmos, como nos succede a nós no giro da vida, na roda viva da existencia em busca da felicidade, a qual vem correndo atraz de nós enquanto nós lhe fugimos sempre, não cessando de correr atraz d'ella.

Em outras barracas, cheias de objectos *feios*, vendem-se ás creanças os *bonitos*, enquanto nos restaurantes das queijadeiras, especialmente destinados aos acepipes dôces, damas de narizes presumidos, luvas justas e dedos minimos arrebitados pelas electricidades do *chic*, beberricam capilé, e discreteiam com os lepidos e brunidos alferes a quem Guerra Junqueiro, no seu bello livro—*A Musa em Férias*—chama *encanto do inimigo e terror das mulheres*.

Na praça do campo de Sant'Anna recommçaram as corridas de touros. Estive lá domingo, do que

peço humildemente perdão á Sociedade Protectora dos Animaes e a todos os philosophos que têm tratado d'esta materia, e que tenho lido com respeito e contricção. Mas, depois de os lêr, de os meditar, de os applaudir, quando estou no verão em Lisboa, ao domingo de tarde, no meio da cidade deserta, n'um verdadeiro dia de touros, em que não bole folha (que é o que se quer para os passes de capa) em que ha sol ardente, poeira e môscas (que é o que mais esperta o gado)— n'esses dias, digo, quando ás quatro da tarde a corrida se annuncia pelo estrepido de uma girandola de foguetes, eu que demais a mais adoro o foguete, que o acho a cousa mais alegre, mais vivaz, mais esperta, mais festival e mais impulsiva que tem sido inventada pela imaginação do povo, eu largo então os meus philosophos, ponho-os a um lado com todo o meu respeito, com as minhas chinelas e com a minha *robe-de-chambre*, carrego a um ôlho o meu chapéo baixo, apodero-me de uma bengala de solidez proporcional á violencia das ovações tauromachicas, e arremesso-me, com todo o impeto peninsular que posso pôr á disposição da minha natureza, na direcção dos foguetes que por cima do campo de Sant'Anna esburacam o céo, esparrinhando a serenidade do azul com estouros de dynamite e com borrões de fumo.

Pois como vinha dizendo, lá estive domingo e lá vi o povo, o povo que eu não tornara mais a encontrar, alegre e divertido, depois da ultima tourada a que assisti no anno passado. A praça, cheia. Homens de jalecos brancos regavam a arena. Outros apregoavam agua na trincheira. A charanga no seu coreto soprava com impeto uma valsa. As bandari-lhas e as capas pendiam garridamente da tribuna da *intelligencia*. Ainda não principiara a corrida e havia já pateada, havia assobios, vivas, gargalhadas um grande rumor de vozes confusas e estridentes, como n'uma sublevação. A grande massa do povo, no seu bello logar do sol, parece gosar de um privilegio triumphal da luz. Os logares caros, á sombra, têm um aspecto obscuro e subalterno.

A plebe está na scintillação gloriosa da côr, e ostenta uma enorme exuberancia de vida, de gestos, de vozes, de troça, de pilheria. Sete *gentlemen*, os mais puros typos da correcta gravidade britannica, debruçam-se com grande attenção e interesse do peitoril de um camarote. Na primeira suspensão da bulha, em meio minuto de silencio, destaca-se nitidamente do lado do sol uma voz de estentor: «Olha os sete peccados mortaes no numero 48!» E deante de quinhentas bôccas escancaradas, que riem para elles, os sete inglezes saudam discretamente, e parecem congratular-se de serem elles sós

por meio minuto, o objecto da satisfação inconteste de um povo alliado e amigo.

Finalmente o clarim dá o signal e a tourada principia. A corrida é má. O gado não presta. Gallito Chico, o celebre espada, e a sua quadrilha hispanhola fazem um fiasco monumental coberto de asobios, de vociferações e de apupos.

Cada um de *los toreros* é recebido, por parte *do sol*, n'um côro de amabilidades d'este genero:— «Ó gallego, toma conta nas costellas! Repara que isto aqui assim é a praça, não é o chafariz! Olha que o boi não é como o barril! O boi marra! Não queiras dar sorte, que apanhas *um calor!* Vae antes dar agua, que é para que tu nasceste! Ó Victorino dá um chinguizo a esse diabo, e manda-o para a esquina! A cara mesmo lh'o está dizendo, elle não quer touro, quer carroto.»

N'esta conjunctura, porém, um espectador desce da trincheira da sombra, salta á praça, entrega com um gesto de abnegação o seu chapéo alto a um andarilho, puxa nobremente os punhos da camisa e propõe-se salvar a situação por meio de uma proeza heroica. Espalha-se rapidamente a noticia de que o intruso é um nobre fidalgo hispanhol. Obtida a devida vénia da auctoridade, o grande de Espanha toma a muleta e a capa, e dirige-se para o touro n'um passinho curto, de mulher, com os joelhos

convergentes, as pernas gordas e prêsas, uns grandes tacões apiorrados nas botinas.

Grande sensação e profundo silencio em toda a praça.

O curioso chama o boi, accenando-lhe majestosamente com o capote encarnado. O touro comprehende que o solicitam e approxima-se n'uma apparencia pacata e inoffensiva, trotando. Junto do nobre curioso, o boi fita-o por um momento com uma expressão de respeito — ai de mim! ficticio. Em seguida o animal apodera-se delicadamente do fidalgo, tomando-lhe as nadegas entre os dois chavelhos, dá-lhe uma meia volta no ar por cima da cabeça e deposita-o a metro e meio de distancia, de nariz para baixo sobre a arena, com a capa no braço e com a muleta em punho.

Foi sómente depois de se erguer do chão com um esforço claudicante, que o hispanhol abandonou a muleta e a capa para abafar com as mãos ambas o nariz. Em acto contínuo o nobre bandarilheiro desapareceu, tendo feito sentir ao boi por meio de um olhar severo que, entre um grande de Hispanha de primeira classe e um touro de terceira, a familiaridade tem limites.

Debalde o *sol* em pêsso chamou em retumbantes brados o curioso para o victoriar; elle, por um d'esses rasgos de modestia que a imprensa deve sem-

pre consignar, declarou que não queria ovações, que o que elle queria era unicamente arnica.

## XXXV

Lisboa tem n'este momento uma avenida em construcção, tem um novo imposto de consumo, uma febre endemica, e vae ter agora uma fornada nova de conegos para cantarem na Sé.

Se a cidade ainda não está contente, muito boas noites!

Tem a bella avenida para andar por ella fora dis-correndo de cá para lá e de lá para cá, ás tardes!

Como para fazer a avenida é preciso deitar abaixo os prédios, vindo assim a escassear as casas em que a gente se recolha depois de haver passeado na avenida, lá está a febre ás ordens para o fim de desentrançar o bêco e levar embora os queixosos para o outro mundo.

Se ha ahi algum incommodo que deseje retirar-se não tem mais do que dizel-o...

Vae-se com elle alli assim ao boqueirão do Duro, põe-se-lhe o Aterro por baixo das fossas nasaes por

obra de quinze minutos, mette-se-lhe uma pitada de sulfato de quinino na bôcca para o caminho, manda-se-lhe chamar um padre para lhe rezar o responso, e é *como passastes!*

Para obviar ás funestas desordens dos sentidos, que tantas vezes deitam a perder o homem por effeito de abuso de alimentos e de excessiva satisfação da carne, imposto me feicit!

Finalmente, para nos desobrigarmos do reconhecimento devido á divina providencia pelo gôso de tão assignalados beneficios, lá vae agora despachada para a Sé uma nova choréa de cherubins de missa e de engorda, incumbida de entoar os louvores do Altissimo em sonatas latinas subsidiadas pelo Estado a tanto por syllabada!

Com a terrivel manha nacional de desdenhar de tudo quanto é nosso, começa-se já a fazer correr o boato de que a febre de Lisboa não presta. Desce-se ao terreno das comparações. Cita-se o typhus do Oriente, o cholera da Asia, a febre amarella do Rio. Olha-se para o Chiado, e— como se vêem ainda alguns policias vivos, mandando dispersar para fingir que ha multidão, e tres ou quatro grupos de cadaveres, apenas, encostados ás portas, — sorri-se em geral de desdem pela epidemia.

Esta gente cuidou eu que queria que o sr. Rosa

Araujo, com os escassos recursos municipaes de que dispõe o pelouro dos flagellos publicos, começasse logo, de accôrdo com o sr. Arrobas, por offerecer á cidade a peste de Florença . . .

Não pode ser.

A nossa febre por emquanto é naturalmente uma obra de principiante, como a traducção da *Od.ite* pelo actor Brazão.

Considerando-a n'este ponto de vista, não podemos com justiça dizer d'ella senão que é optima.

Ella ataca indistinctamente os habitantes de ambos os sexos, qualquer que seja a idade que tenham e seja qual fôr a jerarchia social a que pertençam; acama-os por espaço de um mez; dá-lhes a inappetencia e o delirio, enfraquecendo-os harmonicamente de estomago, de cerebro e de musculo; e, apanhando-os com lesão organica ou com desgosto occulto, despacha os para mudança de ares no outro mundo, entregando-os benefica ás distrações da eternidade:

Para bem comprehendermos todo o brilhante e prospero futuro a que está destinada a febre de Lisboa devemos advertir que a alma de toda a boa epidemia é a fermentação. Da fermentação sae o microbio assim como da universidade sae o bacharel. Pelo microbio—como muito bem o tem de-

monstrado em Paris o doutor Pasteur — obtem a gente para seu uso todo a especie de infecção mortifera que se possa imaginar.

Ora Lisboa é um seminario de microbios.

Em nenhuma outra cidade do mundo se cultiva hoje o miasma com mais esmero, com mais arte, com mais amor.

O caneiro de Alcantara é o grande gazometro do virus infeccioso. Os cemiterios dos Prazeres e do Alto de S. João são os dois Alviellas canalizados dos gazes deleterios.

Mas ha ainda succursaes.

Cada bairro, cada rua, cada casa tem o seu miasma especial.

Leyem-nos de olhos tapados e de narizes abertos através da cidade, e no meio das trevas mais profundas que sobre nós possa derramar a Companhia do Gaz, nós iremos dizer com certeza o sitio em que nos achamos — pelo cheiro.

A rua Nova do Carmo, por exemplo, e a rua do Ouro — e mais estão alli uma ao pé da outra! — distinguem se tão perfeitamente entre si pela fragrancia local como se distingue o queijo Bondon do Camembert.

Cada familia tem a sua receita peculiar de cheirar mal, assim como tem o seu modo privativo de fazer o arroz de substancia. Impossivel de confun-

dir o cheiro das casas, assim como de confundir o gôsto dos arrozes, entre duas familias diversas!

Um dia, a um chá de familia, nós mesmos assistimos a esta dolorosa scena intima :

*Marido* — (entrando risonho e pondo um osculo á moda franceza sobre as farripas de sua esposa) — Venho agora mesmo do Martinho!

*Esposa* — (empallidecendo) — D'onde o senhor vem sei eu, seu indigno!

*Marido* — (entre affectivo e ironico) — D'onde venho eu pois, Bibi?

*Esposa* — (erguendo-se de golpe e collocando arrebatadamente sobre o nariz do marido o paletot que elle acabara de tirar) — Cheire isso, e a sua consciencia que lhe responda, imprudente! Cuida que assim se escarnece da boa fé de uma esposa? Eu conheço perfeitamente este cheiro... É o da pia de casa de D. Amélia... Negue-o, se ousa!

Um rubor subito, de camarão escaldado, esbranzeava as faces do adultero succumbido, emquanto que, para não exacerbar com a nossa presença indiscreta este desgôsto conjugal, nós nos tingavamos pressurosos com as familias presentes, fazendo mão baixa nos biscutos que tão amargo incidente deixara abandonados na bandeja.

De outra vez, vindo de Cintra, achamos-nos repentinamente surprehendidos, alli á Baixa do Papel, por um penetrante cheiro a Buenos Ayres.

Attonitos circumgiram os a vista pela estrada, olhando em derredor.

Effectivamente, dois vehiculos começavam a apparecer ao longe. Era a familia das Paivas, muito nossa conhecida, que ia para Collares com os respectivos trastes, levando no alto da carroça a bateria da cozinha e o miasma da casa.

Ha familias que mudam de pias todos os semestres. Isto dá em resultado haver casas com cheiros duplos e até com cheiros triplos: o cheiro da familia que chega, o cheiro da familia que se vae embora, e por baixo de tudo o cheiro da familia que sahira no fim do semestre anterior.

Estas casas para quem gosta de sociedade são excellentes. Á noite fecham-se as janellas, tapa a gente os olhos, e principia-se a respirar n'um encanto como se se estivesse n'uma assembléa.

As pessoas de fora equivocam-se ás vezes e dizem á dona da casa:

— Aqui, minha rica senhora, das duas cousas uma: ou ha cano rôto, ou passou gato!

E a dona da casa explica:

— Não! isto é o cheiro pessimo da familia do

anno passado, que costuma vir acima com o vento leste.

Para o fim de domesticar os differentes microbios que os miasmas, tanto publicos como de iniciativa particular, derramam de continuo na atmosphera, temos uma repartição de hygiene official. Para satisfazer os encargos d'este instituto de saude está votada nos orçamentos a quantia de dois contos de réis por anno.

É enorme esta somma, e todavia informam-nos de que ella se dispende quasi toda nas grandes despesas que é preciso fazer para conservar sempre frescos os differentes focos de infecção que servem de viveiro ao microbio dentro da área do districto.

Muitas vezes succede que o proprio sr. Arrobas, vagueando em excurções hygienicas e amenas ao longo do Aterro. em tipoias pagas á hora para esse fim pelos cofres da sanidade, tem constatado que taes ou taes fermentações se acham velhas e precisam de ser substituidas por fermentações novas para bem do microbiozinho infeccioso, chupado de debilidade e de tristeza, em seu viveiro.

Consta-nos que, á falta de recursos pecuniarios com que prover á renovação das immundicies nos focos miasmaticos da sua alçada, sua excellencia o governador, alanceado pelo zêlo, tem chegado elle

proprio a exonerar-se dos deveres que lhe cabem por um modo que não ousamos referir, porque conhecemos bem o character lhano e desambicioso de sua excellencia, e sabemos que sua acrisolada modestia nos não perdoaria nunca as revelações importantes que sobre esta materia communicassemos á posteridade para honra e gloria de sua excellencia.

Logo que o microbio posto em contacto com o corpo social o desfalca de alguns dos seus membros mais conspicuos, o sr. Arrobas manda reunir os medicos, encarregando-os de fazerem a autopsia ao morto e de descreverem a enfermidade accusada pelo exame das visceras. Depois de tomada tão sábia e energica resolução sua excellencia encerra-se em seus aposentos no governo civil, põe-se em communição por meio do telephono com o augusto chefe do Estado no palacio da Ajuda, e espera tranquillo a opinião da sciencia, a qual apenas recebida sua excellencia transmite telephonicamente para a Ajuda pouco mais ou menos nos termos seguintes:

«Real senhor!

«Foi Deus servido chamar hontem á sua divina presença varios subditos de vossa majestade atacados da enfermidade nova a que o vulgo ignaro e as folhas insidiosas deram o nome de *febres de Lisboa*.

«Para o fim de socegar sobre este ponto o amantissimo coração de vossa majestade, ordenei aos medicos que estudassem devidamente as entranhas das victimas, guardando-lhes os bofes, que conservarei em frascos lacrados n'esta repartição, não só para o effeito moral que estas cousas infundem sempre no publico das classes illustradas, como tambem para recreio dos meus empregados subalternos n'este governo civil, aos quaes me parece justo facultar de quando em quando para repouso do serviço publico e para estimulo de novos trabalhos algumas distracções honestas.

«Real Senhor! As opiniões da faculdade ácêrca da natureza da enfermidade que ora paira qual aguia sobre esta formosa capital, separam-se e contradizem-se por um modo que profundamente afflige todos os bons servidores de vossa majestade, fieis ás instituições liberaes, nas quaes como vossa majestade mui bem sabe, a perfeita unanimidade dos votos é a base solida sobre que descansa a prospera e risonha harmonia do systema que felizmente nos rege.

«Os medicos porém parecem apostados em atrapalhar tudo, dizendo uns que é a *febre amarella*, outros que é a *febre typhoide*, outros que é o *typho anomalo* a enfermidade de que se trata.

«Estas tristes e lastimaveis contradicções em que

vemos cahir uma classe douta, porém inexperiente das cousas publicas, procedem a meu vêr de se acharem os medicos convencidos de que é pelas cantigas d'elles que esta cousa se governa, quando pelo contrario não é jámais pelas idéas de cada um que a gente administra mas sim e unicamente pelos sacratissimos principios da carta constitucional da monarchia, que todos nós juramos manter e guardar para gloria de vossa real majestade e felicidade eterna do seu povo.

«Pela minha parte, distanceando-me egualmente de todos os exaggerados alvitres apresentados pelos medicos, cabe-me levar humildemente aos reaes pés de vossa majestade esta solução :

«Tenho para mim que todas as pessoas recentemente finadas por effeito das doenças tidas por novas e desconhecidas foram simplesmente arrebatadas ao carinho de suas respectivas e carinhosas familias pela fouce implacavel do nosso bem conhecido defluxo.

«Á funesta mania das limpezas e ao abuso das lavagens modernas se deve, a meu vêr, o lucto que n'este momento cobre muitas das familias portuguezas.

«Entendo que, dentro dos dictames da ordem e dentro dos limites da Carta, a unica cousa que

n'esta crise devemos aconselhar ao povo é agazalho.

«O povo, real senhor, pode e deve suar mais.

«Haja pois vossa majestade por bem ordenar que cubram bem o povo e que lhe casquem para baixo com chás de borragens, e emquanto a hygiene e a limpeza publica que se deixe estar como está muito bem.»

Março 1882.

### XXXVI

Ha em Lisboa um partido republicano, cuja existencia é hoje legalmente reconhecida e se acha representado em Côrtes por um deputado. O alludido partido tem varios jornaes em que são quotidianamente expostas as suas idéas, e varios clubs onde os republicanos regularmente se reúnem no uso de um direito que a lei lhes confere.

É em um d'esses clubs que se dá agora o seguinte facto :

A policia entra, como costuma, no seio da assembléa, senta se, escuta o que se diz, e em seguida captura dois oradores que falaram, os srs. Rodrigues dos Santos e Magalhães Lima.

Porque?

Porque a policia reconheceu que nos discursos dos dois republicanos referidos se patenteava claramente o proposito de — *atacar as instituições vigentes*.

Este caso torna-nos meditabundos.

Se as leis permitem a existencia de periodicos e de clubs republicanos, e se a policia faz o favor de ser n'este ponto da opinião da lei, que diabo quer a policia que se escreva n'esses jornaes e que se diga n'esses clubs?

N'esses clubs e n'esses jornaes atacam-se evidentemente as *instituições vigentes*. É até unicamente para isso, para que estas instituições deixem de viger e passem a viger outras em logar d'estas que aquelles jornaes e aquelles clubs existem. E é, para que as instituições não baqueiem muito de repente de mais perante estes agentes que as atacam, que existem devidamente remunerados pelo Estado outros agentes que as defendem, como são a mesma policia, o exercito, a armada, os jornalistas subsidiados pelo governo, os espiões, o general Macedo e o sr. Arrobas.

Se agora á ultima hora se resolve pôrem outra cousa, como se vê pelas ultimas disposições toma-

das, e se fica effectivamente decidido que são os republicanos os que de ora avante têm obrigação, sob pena de captura, de defender as *instituições vigentes*, parece-nos então que se poderá realizar uma boa medida de ordem, de moralidade e de economia, mandando para suas casas apprender outro officio toda essa fôrça armada que para ahi anda á matroca fingindo que defende por dinheiro aquillo que os republicanos são encarregados de defender, de manter e de sustentar, de graça.

Para que a ordem exista, bastará que nos fiquem ahi dois ou tres clubs em exercicio de eloquencia, e o sr. Arrobas á frente para dirigir as manobras tribunicias.

Sempre que se julgue opportuno fortalecer mais as instituições que nos regem, mettendo um espeque ao throno ou pondo umas muletas novas no altar, o sr. Arrobas fará baixar as suas ordens aos clubs, e o *Diario do Governo* dirá :

*Para o fim de reforçar a guarda do palacio da Ajuda, pondo os preciosos dias de sua majestade ao abrigo das ultimas biscoas jogadas ao throno pela guarda municipal, falará amanhã aos povos no Club Fernandes Thomaz o cidadão Magalhães Lima.*

*Constando que alguns judeus do santuario do Bom Jesus do Monte, em Braga, têm alli manifestado o*

*intuito reservado e malevolo de irem aos queixos aos sacerdotes, manda sua majestade el rei, de accôrdo com sua eminencia o cardeal patriarcha, que parta sem demora para o foco da rebellião o cidadão Rodrigues dos Santos, com um discurso.*

## XXXVII

No dia 8, declarado por lei de grande gala, inauguração do monumento que será erguido por subscrição pública na rotunda da Avenida da Liberdade, á memoria do Marquez de Pombal, e cortejo civico dirigido pela commissão dos estudantes das differentes escholas de Lisboa, auxiliados pela commissão official nomeada por decreto de 28 de abril, pela camara municipal e por varios cidadãos.

O monumento foi inaugurado por sua majestade el-rei. Junto ao pavilhão, erguido para esse fim, uma banda de musica trómbeteia o hymno da carta, precisamente como nas solemnidades, a que já me referi, do dia 6 e do dia 7. Esta cerimonia, unica d'estas festas a que o soberano se dignou de assistir, verificou-se gravemente, com todo o gro-

tesco official d'estas praxes. O monarcha era acolytado n'este officio ao ridiculo pelos membros da commissão do centenario, nomeada pelo governo. O sr. Antonio Rodrigues Sampaio, presidente da commissão, levava a pá; o sr. Moita e Vasconcellos levava o cofre com as moedas; o sr. Emygdio Navarro levava o camartello; o sr. Luciano Cordeiro levava o cimento; sua majestade não levava nada.

Como subdito constitucional de Sua Majestade Fidelissima eu dou os meus parabens á carta fundamental da monarchia, e ergo o meu espirito em acção de graças ao Altissimo por se encontrarem ainda no gremio da nação portugueza quatro caturras assaz bem dispostos para manterem a gravidade d'estes folguedos, prestando-se a ir de anjos ao andor do poder conduzindo em salvas de prata os differentes symbolos d'esta paixão burgueza: o cofre, o camartello, a pá e o cimento. Se porventura algum d'esses cavalheiros, doutores e martyres, precisar de dar anjo por si para alguma futura procissão d'este genero, eu aqui estou ás ordens para levar o que fôr preciso. Necessito, porém, que me adjudiquem o camartello. Hei de pedir emprestado o da critica (creio tambem que não ha outro) para o conduzir em pompa nas minhas peccadoras mãos, devidamente purificadas em agua benta e aromatisadas em mirra para esse effeito. E peço uma cou-

sa: que me deixem pôr umas azas, feitas do meu espanador para esse dia, e que um camareiro da real casa me conduza pela mão, encarregando-se de me assoar sempre que eu precise de me desobstruir as fossas nasaes sem perigo de deixar cahir por terra o camartello da critica ou qualquer outro attributo que haja de levar na bandeja.

Chegado que foi o real prestito ao logar em que tem de se erguer o monumento e onde por emquanto existe apenas um buraco, enterrou-se o cofre que levava o cherubim Moita, poz se-lhe em cima uma pedrinha, applicou-se o cimento do archanjo Luciano com a pá do propheta Sampaio, e o principe, tomando o camartello das mãos do farricôco Navarro, applicou com elle uma camartellada sobre os callos da assembléa. Estava consummada a cerimonia.

Folgo deveras com essa manifestação por várias razões de character patriotico, mas especialmente por ella me assegurar que o tão falado camartello existe ainda de facto entre a realidade das ferramentas. Eu suppunha-o uma pura abstracção da oratoria tribunicia, e estava a esse respeito no mesmo estado de espirito poetico mas melancholico em que se achava o sr. Thomaz Ribeiro antes de vêr Lisboa:

Eu nunca vi o camartello, e tenho pena!

Liberdade e auctoridade são termos antinomicos, que se contradizem e destroem. O marquez de

Pombal, que é a mais despotica expressão que a auctoridade jámais assumiu, posto assim em estatua no meio da avenida da Liberdade, parece-me uma boa peça pregada ao nome do sitio.

Para celebrar o centenario de Camões o municipio ha dois annos inaugurou a Avenida; para celebrar agora o do marquez de Pombal, o principe inaugura a estatua. O povo abre o portico, o rei põe-lhe o cão de fila á entrada. Bonito symbolo!

A nossa é effectivamente como a imagem d'aquella avenida ornada com aquelle monumento: uma lagôa estygia, onde embarca quem quizer, com o cerbero trifauce no caes para não deixar embarcar ninguem. Somos livres; sómente são egualmente livres tambem alguns cachorros que os poderes constituidos encarregam de nos alliviar do pêso bruto das barrigas das pernas, para que sejamos tão rapidos quão propriamente livres no exercicio dos direitos civicos que as instituições nos facultam. Quando os dictos cães desaparecerem das vias da liberdade, talvez os povos resolvam modificar o sentido politico da estatua inaugurada na Avenida por meio do appenso philosophico de uma lata atada com mão sábia, posto que plebeia, ao rabicho do heroe.

Uma circumstancia pode salvar as cabelleiras, a classe dos desembargadores, a respeitabilidade dos ministros de Estado e o camartello augusto d'el rei,

da irreverencia condemnavel que eu presagio: Se entre a mocidade das escholas ha ahi um futuro Courbet que esteja representando n'estas festas a academia das Bellas-Artes, com os seus pinceis e o Proudhon no bolso, esse é que ha de dizer onde estará lá para os fins de seculo a estatua do venerando ministro do mui poderoso rei senhor D. José I, que Deus em sua santa gloria haja.

Logo depois de inaugurado o monumento e de recolhido o principe a palacio, principiou a desfilar do Terreiro do Paço o cortejo civico encarregado de levar as homenagens da cidade a uma estatua de Sebastião, collocada na frontaria do theatro de D. Maria, no logar que para esta solemnidade assumiu pela primeira vez nos papeis publicos o nome tecnico horroroso de *intercolumnio*.

Por essa estatua, que creio ser de gêsso e que é preciso cuidado em não quebrar, se prova que o arrojado reformador dos estudos patrios tinha a perna direita meio palmo mais comprida que a perna esquerda. É esse o unico defeito que os seus admiradores lhe reconhecem.

Eram quatro horas da tarde quando o cortejo deu volta ao Rocio. À frente da camara municipal apparece o sr. Rosa Araujo, presidente da vereação. Quando os jornaes que fazem opposição á camara se occupam dos actos d'este cidadão, por muitos

respeitos benemerito, fala-se de ordinario da sua figura rotunda, da sua tendencia manifesta para a obesidade. A opposição pode dizer o que quizer. A verdade é que difficilmente se poderá encontrar em Lisboa quem tenha mais perfeitamente *le physique de l'emploi* para representar pela sua pessoa os interesses burguezes de um municipio. Toco n'este ponto, porque naturalmente é de uma questão de pittoresco que se trata ao falar de um cortejo festival.

O sr. Rosa Araujo tem a figura pacifica e jocunda do perfeito burguez honrado. A sua conta de gordura é precisamente a necessaria para essas cousas. Não me falem em presidentes de municipios magros! Nada mais ridiculo do que um espinhela-cahida, amarello e desolhado, de calças escorridas, sem ventre, a representar uma cidade com cara de tísico ou de mestre jubilado de instrucção primaria. Convem que o cidadão que umia cidade chege para velar pela salubridade e pelas subsistencias publicas não tenha o ar de um tringalhadas, que ande pela rua a olhar onde lhe cahiu a barriga. Que garantias pode dar ás subsistencias uma figura de espêto, que para se alimentar tem de collocar os feijões no estomago a um de fundo, cada um por cima do outro, para que lhe caibam dentro? Cumpre que todo o vereador tenha que metter na cadeira cural para que os seus concidadãos o elegeram, e que a cir-

cumferencia da sua cintura permitta aos municipes verem-o engulir os comestiveis do banquete social, sem receio que lhe estoure a pelle e que lhe principiem a sahir as hervilhas pelas casas do collete sempre que elle coma mais de duas de cada vez. O sr. Rosa Araujo está muito bem. Está digno.

É assim que estão os lord-maires em Inglaterra. É assim que estão os burgo-mestres, vivos ou retratados nos palacios do conselho ou nos museus de Bruxellas, de Amsterdam e da Haia.

Á camara municipal de Lisboa e ás deputações de varios municipios do reino seguem-se os alumnos dos asylos e das escholas municipaes lisboenses. Não posso prestar ao aspecto d'esta infancia o mesmo tributo de admiração com que me inclino perante a apparencia do sr. Araujo. Todas estas creanças me parece serem um pouco menos prosperamente alimentadas do que aquelle bello homem. Durante um quarto de hora vi desfilar centenaes e centenaes de meninos e de meninas, debeis, magrinhos, alguns doentes dos olhos, todos tristes, caminhando difficultosamente, capitaneados por mestras tão melancholicas como elles e por mestres de figuras rispidas, feições paralysadas na severidade e no rigor do commando como as dos velhos militares a quem a presença do perigo e a vizinhança da morte nunca desannuiu a testa nos campos de batalha.

Pelo numero dos seus individuos esta infancia, encarreirada em tórno do Rocio, como um formigueirinho humano, faz grande honra aos cuidados prestados pela municipalidade de Lisboa á instrucção primaria gratuita. Pelo seu aspecto ella constitue a refutação mais flagrante dos methodos empregados pela pedagogia municipal para aperfeiçoamento animal dos municipes.

Os alumnos da quinta regional de Cintra fazem a contraprova d'esse argumento. Creados ao ar livre do campo por um systema opposto ao regimen sedentario das escholas, do lyceu e dos collegios de Lisboa, destacam-se dos estudantes d'estes estabelecimentos como se fôssem de raça mais forte, mais robusta, mais espirituosa e mais elegante.

Seguem-se as casacas pretas, cerimoniosas e funerarias das associações burguezas encorporadas no prestito. Das associações operarias sobresaie a corporação dos oleiros vestidos de blusa azul e bonnet. Da multidão dos espectadores, que se agglomeram na rua e nas janellas das casas, sae uma corrente de sympathia para com esse grupo que muitas palmas saudam ao passar. Este prestigio exercido pela blusa procede de que ella é o symbolo de uma das virtudes sociaes mais fecundas e infelizmente mais raras em Portugal, — o espirito de corporação, o amor de classe. Ao passo que a nobreza se dissolve

e tende a desaparecer como as especies condemnadas pela inadaptação ao meio na lucta pela vida, as outras classes destinadas a absorvel-a parecem todas pelo contrario desejosas de encorporar-se-lhe. Os burguezes da burocracia, da propriedade, da finança e do commercio, querem ser viscondes. Os operarios querem ser burguezes. Um lojista de commenda e um operario de sobrecasaca exprimem a mesma especie de deserção. A blusa é a fidelidade aos principios, a affirmação de classe, o equilibrio e a honra da profissão, de que se não quer sahir, em que se faz gôsto em ficar, sendo d'essa firmeza que resulta a fôrça e a dignidade do povo.

Além das municipalidades, dos representantes das escholas publicas e particulares, das associações populares e das associações do commercio, da industria, de soccorros mútuos e de recreio, o prestito compunha-se dos poderes do Estado representados por deputações das camaras, dos representantes do funcionalismo e da imprensa, das colonias portuguezas e das corporações scientificas.

Várias fanfarras entremeadas no cortejo tocavam um novo hymno, o hymno academico, que me não pareceu de uma expressão extremamente enthusiastica.

Os grandes carros triumphaes symbolisando a reedificação de Lisboa, a agricultura, o commercio e a industria e a instrucção, são de muito bom ef-

feito, assim como os trophéos da corporação dos bombeiros e de várias fabricas.

Examinado parcialmente em cada um dos seus detalhes, um cortejo civico da natureza d'este pode offerecer á critica alguns ligeiros motivos de reserva. No seu todo, um tal espectáculo é ainda o mais expressivo e o mais bello que pode offerecer um acto publico á civilisação de uma cidade.

A fé nos Santos, que dava a belleza poetica das antigas procissões, tem arrefecido consideravelmente. A fé, que segundo se dizia transportava montanhas ( o que todavia se não viu nunca que fizesse) perdeu o melhor do seu prestigio desde que n'este seculo se viu pela perfuração dos tunneis que quem transporta as montanhas é a engenharia.

A antiga fascinação exercida nos espiritos pelo poder dos reis e pelo poder dos exercitos tem sido igualmente attenuada pelo poder superior que modernamente se reconheceu ter essa cousa impessoal chamada o *dinheiro*, que paga ou não os reis e os exercitos, fazendo-os ou desfazendo-os, e que o dinheiro, tão brutalmente soberano como as baionetas e os sceptros, não é já propriedade absoluta dos principes e dos guerreiros vencedores, aos quaes d'antes pertencia em massa, mas sim de quem o adquire pela sciencia e pelo trabalho, juntamente com o direito annexo de o gastar como muito bem quizer.

Ora, se o povo precisa de acreditar em alguma coisa acima do dinheiro, o qual ameaça converter-se no imperador supremo e no papa infallível do século, é bom que se costume a vêr e a honrar os grandes espectáculos de confraternidade nacional, que explicam o interesse de todos pela convergência para o mesmo fim geral da *sympathia* de cada um.

Maio 1888.

### XXXVIII

Verdadeiramente ha algum tempo que o paiz nem pensa, nem se administra, nem se governa, nem produz em rigor o que quer que seja. O paiz *syndicata*. O paiz *syndicatisa-se*.

Achamo'-nos divididos como cidadãos n'estas tres categorias: *syndicadores*, *syndicatosos* e *syndicatados*.

Os *syndicadores* constroem palacios, rolam equipagem e libré, comem trufas, bebem Champagne sêcco, digerem o melhor que a dispepsia o permite, e manifestam pela ordem geral das cousas uma alegria unicamente limitada pelos ingurgitamentos do fígado no interior de cada um.

Os *syndicatosos*, impacientemente ávidos do

Champagne haurido, das trufas chuchurrubiadas, das tipoias batidas e das mulheres amadas pelos *syndicadores*, protestam com os mais acres extravasamentos da rhetorica e da bilis contra a furia bestial com que os outros se *syndicalisam*, e clamam estar chegado o tempo de pôr cobro a tanto abuso, abrindo uma nova era de prosperidade e de ventura em que sejam elles os encarregados de *syndicar* o povo.

Os *syndicatados*, finalmente, continuam pela sua parte a puxar ao velho e ferrugento engenho do trabalho nacional, fingindo espremer ainda alguma cousa do bagaço a que os syndicatos chucharam todo o sumo; e os incommodados, cujo numero se vae tornando cada vez maior, retiram-se successivamente e debaixo de ordem, desaparecendo á formiga pelo fundo e deixando no proscenio, á luz electrica da ribalta, em plena decoração theatral, a famosa engenhoca das industrias patrias, na Avenida da Liberdade, com o retrato de Melicio em apothose entre fogos de bengala, e o do fallecido Antonio Augusto de Aguiar, egualmente em apothese, do lado opposto com os seus respectivos crepes.

D'essa obscura legião de trabalhadores desgostosos uns refugiam-se na immobildade da burocracia e vão para amanuenses, para continuos ou para ser-ventes de secretaria; outros acoitam-se na debilida-

de sagrada da fôrça publica e são soldados, policias ou guardas da Alfandega. Os que sobejam e não podem fazer-se padres, professores de instrucção primaria ou escriptores publicos, se são fracos suicidam-se, morrem de fome ou roubam; se são fortes embarcam em massa e emigram para o Brazil, para a California ou para as Ilhas Sandwich, para os paizes ingenuos, jovens e sãos, onde quem trabalha enriquece e quem não trabalha não come.

O syndicato de Cascaes propõe se transformar o lindo arrabalde do Estoril, onde junto da praia ha uma rica nascente de agua thermal em villa de banhos e de aguas no moderno typo elegante de Wiesbaden, de Trouville ou de Saint Sebastien.

Seria isso a realisar-se, o ultimo dos grandes beneficios com que nos ultimos tempos nos tem cumulado a Providencia.

Desde que se decidiu para todos os effeitos que isto é um alegre desfazer de feira, que depois de nós pode vir o diluvio quando fôr servido, porque a gente vae acabar com o resto que ha para perder o mais velozmente que ser possa, — d'esde que esta decisão se tomou por accôrdo geral e a contento do maior numero, — Estoril-les-Bains, tornou-se para nós uma necessidade social.

A meia hora de Lisboa, por um caminho de ferro de luxo, na margem do Tejo, Estoril-les-bains

com o seu grande estabelecimento de banhos, com o seu casino, com as suas salas d'opera e de concertos, com as suas rolêtas, com os seus pavilhões enigmaticos, com os seus cottages mysteriosos, e com os seus camarões permanentes em gabinete reservado, é um imprescindivel complemento da civilisação que felizmente desfructamos. Porque, no estado actual das cousas, apesar do grande impulso dado ao progresso pelas recentes syndicatacias— com vergonha-o revelo á solicitude da mãe patria! —ha ainda algumas cocottes, coitadinhas, que bocejam; ha batoteiros em disponibilidade que murmuram; ha janotas levados do diabo que rosnam; ha *rastaquouères* que praguejam! E a tactica censura envôlta n'essas diversas ordens de descontentamentos figura se-me inteiramente justificada. Desde que Lisboa abandonou os seus velhos e tradicionaes costumes de trabalho systematico e ramerraneiro com poucos lucros e poucos cuidados, afim de se lançar de cabeça para baixo na mais encapellada e na mais revôlta *tripotage* do financismo, do banquismo e do batotismo, é indispensavel que Lisboa se compenetre das responsabilidades que assume pelo novo papel trazido e representa nos destinos do seculo. Uma burgueza tem o direito de ser desagradavel, e é util em muitos pontos de vista que ella se não descuide de exercer esse direito inau-

ferivel e sagrado. Mas com uma *cabotine* já não succede o mesmo. A *cabotine* tem restricta obrigação de ser, sobretudo, alegre, antes de tudo, divertida.

Ora quem ficou em Lisboa n'este verão ou quem a ella regressa n'este primeiro arripio de outono sabe por seus peccados, com que repulsiva tibieza, com que odiosa calacisse, com que execranda somnolencia, ella se está desempenhando d'esses deveres inilludiveis de cidade mundanal e patusca!

No Coliseu uma assaz mediocre quadrilha de zarzuela garganteia, castanholisa e empandeira em cada noite a travêssa musica da *Gran Via* e da *Cadix* com successo vário, mas sempre ruidoso por parte de um publico de madaminhas vestidas de encarnado, de janotas em *veston* de xadrezes e chapéo de côco, de anciões enamorados e de meia duzia de burguezes e de provincianos de boa fé, que conduzem senhoras gordas e sérias, preparadas para a solemnidade do caso com braceletes de ouro por cima das luvas de fio de Escocia, papo novo, farripas de occasião torcidas a ferro sobre o osso frontal e leque de fiador de borla suspenso do pulso, — todos os matadores emfim, para passar uma noite bem passada, não esquecendo o devido binculo no seu estôjo pendurado pela aza n'um dedo, para lhe atçar para a frente quando fôr preciso.

No jardim da Exposição, na Avenida, gosava-se

a noite posto em socego n'uma cadeira do Asylo da Mendicidade em frente de uma barraca onde se vende a 10 réis o copo uma nova variedade de agua potavel intitulada agua da fonte do Cedro.

Ao lado da linha encarnada d'este liquido, um pouco simples de mais talvez, mas em compensação barato e porventura inoffensivo, trombones em circulo defronte das respectivas solfas, no alto de um palanque, gemem cavernosos e convictos suspirosas endeixas dos grandes dramas do amor lyrico sob a suggestão vibratil de uma batuta, que tremelica nos ares, feminil, caprichosa e nevalgica. Essa batuta é brandida por um homem barrigudo, com os rins cingidos por um cinturão de guerra. E pelo numero que tal homem tem pregado por cima da viseira do bonnet, vem-se no conhecimento de que elle é o ponderador supremo dos mais agudos e dos mais penetrantes gritos da paixão amorosa e tragica, revelados pela arte, junto ao corpo de infantaria 10.

A gente o meditava e cahia em modorra.

O que os trombones diziam é que no balcão dos Montechios, suspenso na escada de seda, sob a ternura do luar, Romeu pensa que já cantam as cotovias, e Julieta, lançando-lhe ao pescoço o calor de seus braços e embalando-o contra o coração, responde-lhe baixinho, na bôcca, que são ainda os rouxinoes.

Isso diziam os trombones, mas o que a gente via é que elles eram do 10, que o seu execravel coreto era de papelão pintado, e que a primeira das Julietas que estavam na correnteza das cadeiras, ao longo da mobilia da mendicidade, tinha na cabeça uma lampreia d'ovos, transfigurada em chapéo pelas modistas da Baixa, rebentavam lhe os dedos paralyzados no apêrto das luvas, sorriam com a espiritualidade do cyclostomo d'ovos, que trazia em rôscas no occiput, parecendo assim pedir ao chapéo que lhe dêsse cidrão; e, enquanto os seus olhos reboleam para o fim de mostrar que a serem de vidro lhe deviam ter custado caro, porque eram tambem de movimento e parecia terem corda para toda a noite, os seus sapatos bicudos arrebitavam de catitas até o ponto de que, pousados no chão e contemplados de frente, deixavam vêr as barrigas das pernas de sua dona, pelo outro lado, entre os pés da cadeira, sob a vigilancia do pobre do Asylo.

Esta confusa accumulção de gosos diversos,— musica, mulheres, militares barrigudos, sapatos arrebitados, estylo decorativo já de coreto, já de ovos de fio e fructa coberta, sentimentalidade, jôgo de olhos, agua do Cedro acabavam naturalmente por produzir os seus devidos effeitos; e, dentro de pouco tempo, o dilettante, a não ser que sagrados compromissos de coração o obrigassem a um serviço de

ôlho afincado e ininterrupto, deixava-se adormecer.

Urgia impedir por todos os meios, ainda os mais violentos, que este fatal desfecho se generalisasse a toda a assistencia.

O numero aliaz avultado, das pessoas que têm o condemnavel vicio de resomnar promettia fazer em breve uma concorrencia imminentemente desagradavel aos figles da fôrça publica. Cibaritas — que os ha sempre, ainda no seio das sociedades mais morigeradas — premeditavam na sombra fazerem-se acompanhar áquella diversão publica pelas suas chinclas e pelos seus barretes de noite. E um amigo meu dizia-me: «Esta gloriosa exposição de productos nacionaes promette ser em pouco tempo, pelos attractivos supplementares das suas *soirées* artisticas, a verdadeira *Bella dos bois dormentes*.

Foi n'esta conjunctura apparentemente desesperada que um homem de genio e de coração teve uma idéa luminosa e decisiva, pondo em musica, instrumentando para duas bandas, ensinando e executando nos jardins da Exposição a *Historia das guerras da liberdade* extrahida dos diversos auctores que com mais imparcialidade e candura se tem occupado d'este assumpto.

Esta narrativa symphonica em diversos numeros onomatopaicos principia por uma especie de murmurio lento, muito comichoso e caprichosamente

rabiado, que representa os preliminares da guerra: Correios para lá e para cá com votos e com officios, que cada vez se vão azedando mais entre as duas partes. Pennas que espirram acerbos e velozes, sobre asperezas de papel almasso. Cartas geographicas esvoaçando desenroladas por mãos freneticas sobre grandes mesas de estado maior. Narizes rubidos de coroneis grupando-se com avides em tórno das cabalisticas pernadas evolucionadas no mappa por compassos estrategicos. Galuchos que se exercitam á pressa na recruta, mãos chapadas nas côxas, olhos no céo, pescoço entalado na gravata de sola, pé á frente, pé á retaguarda: *um, dois! um, dois!* O 24 que abra os olhos! e o 32 que metta a lingua para dentro! — *Um, dois! Um, dois!*... De repente, *Pom pom!* Está declarada a guerra! suspenderam-se as garantias, romperam-se as hostilidades, e passa-se ao segundo numero da symphonia:

*Tatatá! tatatá! tatatá!* são as cornetas tocando a reunir. *Rataplán! rataplán! rataplán!* são os regimentos que marcham. *Papapá! papapá!* é a cavallaria a catrapós. *Bumba! catatumba!* é o encontro dos nossos com o inimigo. Agora é que são ellas! E, por tal motivo se transita do n.º 2 para o n.º 3 da composição, em que vamos ter para pêras... As bandas postadas no corêto de que já fiz menção, executam um mistiforio medonho, expri-

mindos todos os episódios da refrega e da carnificina: sustentados rebolam horrorosamente engalfinhados uns nos outros qual por baixo, qual por cima; fusas e semifusas a toda a brida, reciprocamente encalvadas, escorvam no chão, empinam-se, mordem, relincham, disparam couces para as estrellas, ou rebentam esbarrigadas pelos obuzes; colcheias, sitiadas n'um recanto, rilham o derradeiro cartuxo n'uma resistencia desesperada, em tempo de valsa, emquanto semicolcheias trepando encobertas pelo mattagal; se apoderam do reducto, abatendo o pavilhão inimigo e tomando as bôccas de fogo encravadas á pressa pelas minimas e pelas seminimas, que ou se rendem á discreção, ou fogem pelos despenhadeiros e pelas ravinas, abandonando armas e bagagens, rôtas, esfrangalhadas, com os suspensorios cahidos e as botas na mão, n'uma debandada vergonhosa.

E enquanto este horroroso espectáculo se passa no palanque, além, no viso da montanha ou pelas quebradas da serra,—quero dizer: no alto e pelos patamares da escada que leva do pavimento terreo da Exposição á secção das Bellas Artes, cornetas tocam a unir fileiras ou a desfilar por pelotões, ouvindo-se sempre, ao longe, o troar sinistro da artilharia zabumbada no bombo atraz do repuxo, bem como os sinos tangendo a rebate, alvoroçando as

aldeias, extremunhando os casaes, delicadamente, por meio de effeitos harmonicos de pratos e de ferriños artisticamente dissimulados atraz das bilhas da agua do Cedro.

Estamos alfim chegados ao termo d'essa maravilhosa composição historico-musical. A ultima parte rompe n'um tres por quatro flexuoso, saltitante e variadissimo. São os *migueis* que debandam, que rebentam ou que se homisiam. São as velhas instituições despoticas que se desmoronam ao sôpro reconstituente da liberdade. São os do Mindello e os do Batalhão da Carta que chegam ennegrecidos pelo fumo de cem batalhas para tomar conta dos despojos. São os iniquos e protervos capitães-móres que desaparecem com as suas botas de borla, o seu chanfalho á cinta e o seu capote de cabeções aos hombros, esporeando pelas azinhagas e pelos barrocaes as eguas corredoras. São as jovens freiras que cavalgam de ligas azues e brancas, o véo atirado por cima dos moinhos, dando vivas á constituição, levadas de garupa pelos tenentes das armas scientificas e do Batalhão Academico. São, finalmente, frades de todas as ordens extinctas que se esgueiram como ratos, por todos os buracos, levando consigo, escondidos na manga e no capello, os salpicões da communitade, as hostias e as galhetas do culto.

Ha então um *allegro vivacissimo* em que se des-

fraldam em compasso ternario, principalmente apoiado na dedilhação dos clarinetes e das cornetas de chaves todos os jubilos do systema que felizmente nos rege; e a cousa finda por um grande cheio de metaes, arrojando ao infinito o hymno da Carta, chave de toda a abobada da sociedade em geral e d'esta prodigiosa composição symphonica em particular.

É claro que depois que esta notabilissima peça começou a ser executada ninguem mais tornou a dormir no recinto do auspicioso certamen das nossas industrias, nem homens, nem animaes domesticos, nem artefactos, nem materias primas, nem naturezas mortas.

Excitados por um indescriptivel enthusiasmo, gente rabeava, cães latiam, industrias oscillavam, e eu mesmo vi (e não creio que fôsse uma falaz illusão dos meus sentidos desvairados) no compartimento da esculptura, o busto de um ancião, provavelmente um dos heroes das nossas pugnas titanicas, rapar de um lenço, agital-o freneticamente no ar e assoarse a elle com um impeto extraordinario.

Oh! bem vêem que o não escondo— a nossa *season* estival podia ser peor. Para mim pessoalmente declaro que achei sufficientemente catita. Sómente receio que a parte com que Lisboa contribuir para nos dar boccadinhos de noite como os do Colyseu e

da Exposição possa de per si só parecer insufficiente ao condemnavel prurido de gôso que de ordinario sobreexcita em paizes extranhos a imaginação dos forasteiros ricos.

Ha pouco tempo ainda, só tinhamos como viajantes estrangeiros alguns commis-voyageurs, italianos tocando harpa, judeus vendendo tamaras ou sapatos de mouro, e naufragos. Hoje não! Presentemente não ha dia em que nos não chegue uma notabilidade nova quasi sempre financeiro e por via de regra, judeu! Mas é mistér não confundir este judeu, que não vende nada, e traz dinheiro com que vae comprar tudo, desde o governo até o Senhor dos Passos, com o judeu antigo, para com o qual depois de lhe comprar as chinelas, a unica amabilidade que tinha era a de não fechar as portas de pressa de mais sobre o dorso — afim de não trilhar pelas vertebraes.

Fia muito mais fino agora. O judeu financeiro, o judeu da situação actual, quando se retira de Lisboa tendo se abotoado unicamente com um ramal de caminho de ferro, com um porto artificial, com um emprestimo ou com uma conversão de fundos, retira-se entrombado e queixoso. Além de enriquecer o agiota, é indispensavel divertil-o. E, sendo essa a nossa missão, seja este o nosso grito: O corpo á penhora, a alma á pandega!

## INDEX DO TOMO VII

I A administração municipal e a saúde publica..	5
II As casas, a alimentação, o aspecto dos habitantes—Projecto de melhoramentos.....	12
III Uma corrida de cavallos—philosophia d'esta instituição.....	27
IV Um banquete militar—A vida de côrte.....	42
V O serviço dos incendios.....	59
VI A Sociedade das Sciencias Medicas e as bexigas.	62
VII O corpo de baile e a policia de S. Carlos..	65
VIII O tribunal da Boa Hora e as testemunhas falsas.	70
IX Como se enterram os naufragos.....	76
X As mulheres operarias.....	82
XI A Academia das Sciencias e o incidente Renan.	91
XII A disciplina militar e a pena de morte—Caso do soldado Antonio Coelho.....	109
XIII O baile do paço.....	135
XIV O Prego—Estatistica do Monte Pio.....	146
XV Um duello parlamentar.....	152
XVI Os creados.....	157
XVII As casas de jôgo e a intervenção policial—O juy.....	169
XVIII O fadista.....	174
XIX A poeira do Chiado e as anginas.....	183
XX Uma festa veneziana sobre as aguas do Tejo...	188
XXI Um club republicano.....	191

XXII A lucta com a natureza.....	198
XXIII A festa do Primeiro de Dezembro.....	203
XXIV O commercio do bacalhau.....	213
XXV A publicidade dos crimes.....	217
XXVI Os cães e a limpeza publica.....	226
XXVII As facadas.....	234
XXVIII Dois vasos de guerra.....	238
XXIX A bella melancholia.....	244
XXX O Carnaval.....	248
XXXI A casa de correcção.....	252
XXXII A protecção as mães.....	255
XXXIII Aspectos do verão — A feira das Amoreiras — Os touros.....	259
XXXIV As febres. As pias.....	272
XXXV Liberdade de reunião.....	276
XXXVI A estatua do marquez de Pombal.....	283
XXXVII Ultimos melhoramentos — Dominio da patuscada — A Avenida e seus encantos.....	293 296

